

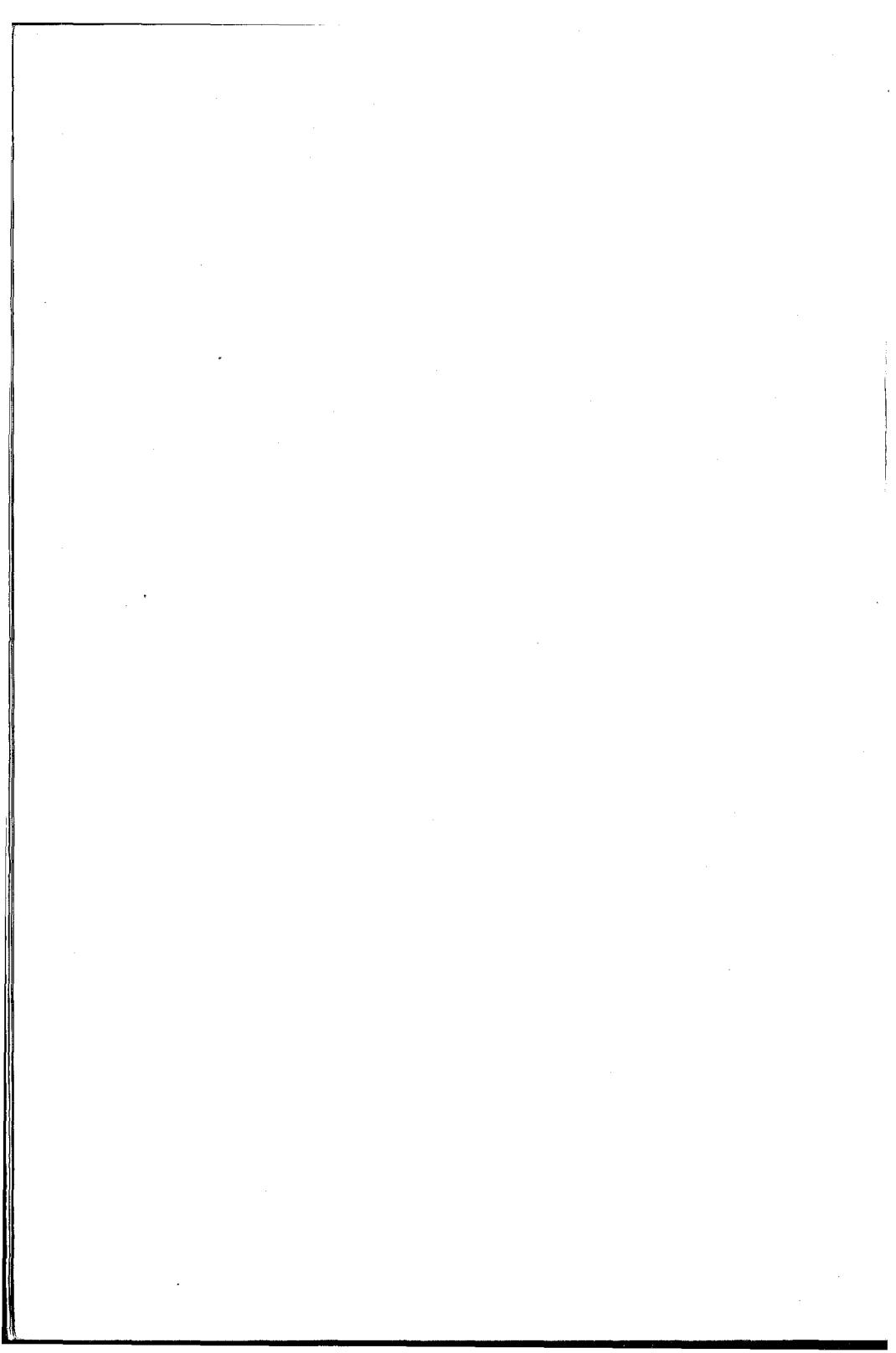


Aradia

o evangelho das bruxas



Charles G. Leland



Charles G. Leland

Aradia
O Evangelho das Bruxas



Tradução e Comentários:

Claudio Crow Quintino

Digitalização: Samuel Cernunnos

Outras Palavras

© Outras Palavras Produções Editoriais e Comércio Ltda.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa autorização dos editores.

*Fotocomposição: Outras Palavras
Capa e Projeto Gráfico: Alexandre Rampazo*

*Coleção Outras Palavras/Alemdalenda
Série “TODA MAGIA”*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Maria Cecília Candeias CRB- 8/2888

Leland, Charles G. -
Aradia: o evangelho das bruxas / Charles G. Leland;
Tradução e comentários Cláudio Crow Quintino. - São Paulo:
Outras Palavras, 2000 - (Coleção Outras Palavras /
Alemdalenda . Série: Toda Magia)

Bibliografia.
ISBN 85-86389-15-3

1. Rituais pagãos - 2. Magia - 3. Mitos - 4. Lendas I. Título
II. Série.

CDU 291.3

Outras Palavras Produções Editoriais e Comércio Ltda.

Rua Santo Egídio, 709, cj. 141

02461-011 - São Paulo - SP

Telefax: (0xx11) 6959-4823

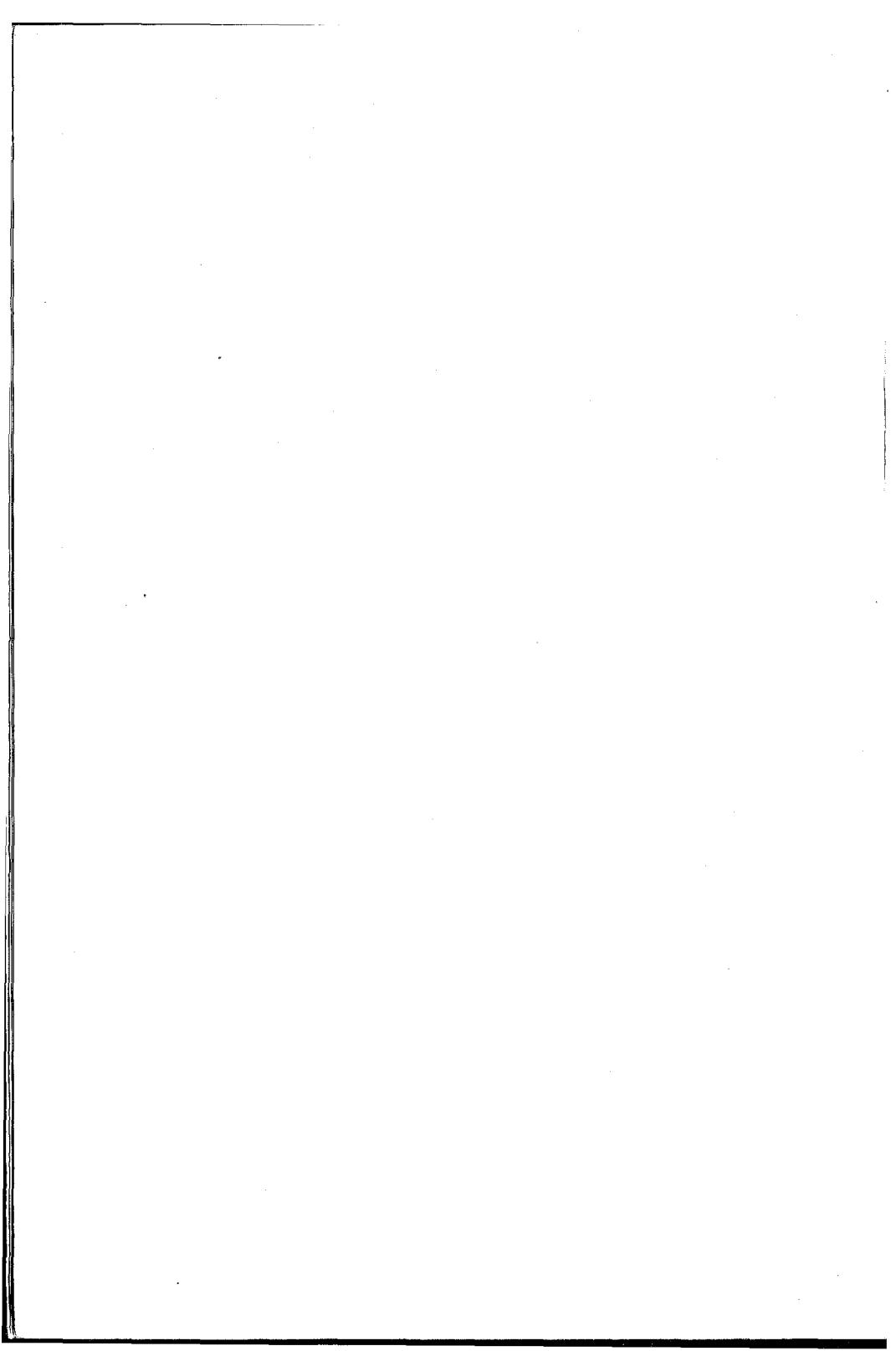
e-mail: reginama@uol.com.br

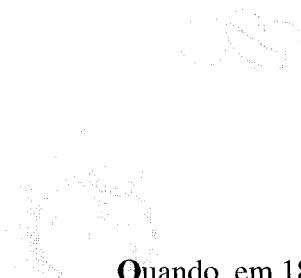
Índice

| | |
|--|----|
| Prefácio à Edição Brasileira | 9 |
| Sobre o Autor | 13 |
| Sobre a Stregheria | 15 |
| Stregheria: as Origens da Wicca? | 17 |
| | |
| ARADIA, O EVANGELHO DAS BRUXAS | |
| Prefácio de Charles G. Leland | 23 |
| Comentários ao Capítulo 1 | 29 |
| Capítulo 1 – Como Diana Deu à Luz Aradia (Herodius) | 31 |
| Comentários ao Capítulo 2 | 35 |
| Capítulo 2 – O Sabbat, Treguenda ou Encontro de Bruxos. Como Consagrar a Refeição | 37 |

| | |
|--|-----|
| Comentários ao Capítulo 3 | 43 |
| Capítulo 3 – Como Diana Criou as Estrelas e a Chuva | 45 |
| Comentários ao Capítulo 4 | 49 |
| Capítulo 4 – O Encantamento das Pedras Consagradas a Diana | 53 |
| Comentários ao Capítulo 5 | 57 |
| Capítulo 5 – A Conjuração do Limão e dos Alfinetes | 59 |
| Comentários ao Capítulo 6 | 63 |
| Capítulo 6 – Um Encantamento para Conquistar um Amor | 65 |
| Comentários ao Capítulo 7 | 69 |
| Capítulo 7 - Para Encontrar ou Comprar Algo ou para Atrair Boa Sorte | 71 |
| Comentários ao Capítulo 8 | 75 |
| Capítulo 8 – Para Obter Vinho Bom e Vinho Muito Bom com o Auxílio de Diana | 77 |
| Comentários ao Capítulo 9 | 81 |
| Capítulo 9 – Tana e Danamone ou Diana e Endymion | 83 |
| Comentários ao Capítulo 10 | 91 |
| Capítulo 10 – Madona Diana | 93 |
| Comentários ao Capítulo 11 | 97 |
| Capítulo 11 – A Casa do Vento | 99 |
| Comentários ao Capítulo 12 | 105 |
| Capítulo 12 – Tana, a Deusa da Lua | 107 |
| Comentários ao Capítulo 13 | 113 |
| Capítulo 13 – Diana e as Crianças | 115 |
| Comentários ao Capítulo 14 | 121 |
| Capítulo 14 – Os Mensageiros Gnomos de Diana e Mercúrio | 123 |
| Comentários ao Capítulo 15 | 127 |
| Capítulo 15 – Laverna | 129 |

| | |
|--|-----|
| Apêndice | 139 |
| As Crianças de Diana ou Como Nasceram as Fadas | 151 |
| Notas | 154 |
| Apêndices à Edição Brasileira: | |
| Apêndice A – Elementos de Crença da Stregheria | 157 |
| Apêndice B – Os Dons de Aradia | 159 |
| Apêndice C – Deidades do Panteão Strega | 161 |
| Apêndice D – Os Rituais Treguendas | 165 |
| Referências: Para Saber Mais | 167 |





Prefácio à Edição Brasileira

Quando, em 1899, Charles G. Leland publicou pela primeira vez *Aradia: Evangelho das Bruxas*, seguramente não poderia antever a importância que sua obra teria para as futuras gerações de estudiosos e praticantes da Bruxaria, bem como de historiadores e folcloristas.

Aradia foi apresentado por Leland como o resultado de anos de pesquisa e contato com legítimas representantes da *Stregheria*, a bruxaria italiana. Essas mulheres, conhecidas como *Streghe* (singular, *Strega*), concordaram em lhe fornecer textos e lendas acerca de suas crenças e práticas, as quais permaneceram por longo tempo afastadas dos círculos literários acadêmicos por vários motivos: em primeiro lugar, porque eram tradições pertencentes aos

camponeses simples e incultos, muitos dos quais absolutamente iletrados; em segundo, porque formavam um conjunto de tradições orais transmitidas apenas dentro de uma linhagem familiar. Por último – e talvez principalmente –, porque poucos dentre seus praticantes se arriscariam a revelar suas crenças publicamente; afinal, a Itália havia muito deixara de ser pagã, e passara a abrigar a sede da Igreja Cristã, que tanto fez e tem feito para difamar e distorcer os antigos Cultos da Terra – a *Vecchia Religione*, ou Antiga Religião dos pagãos, hoje conhecida em diversas vertentes, dentre elas a Stregheria moderna e a Wicca.

Os textos aqui apresentados são, por vezes, de uma rudeza ímpar, o que pode chocar o leitor. Há momentos, em alguns rituais, nos quais a Strega ameaça literalmente Diana, sua principal deidade, caso não obtenha a graça solicitada. Leland afirma que essa visão das divindades como seres mágicos, porém passivos de punição pelas mãos humanas, confirma a antigüidade das práticas descritas – se assim é, podemos atribuir a origem desses mitos a um período da história da humanidade na qual os deuses viviam em contato íntimo com os homens. É justamente essa proximidade que caracteriza também mitologias como a celta, na qual humanos e deidades interagem livremente.

Ressalte-se, porém, que os mitos contidos em *Aradia* não são de origem celta, mas sim greco-romana e, principalmente, etrusca. A própria Diana, principal divindade da Stregheria, é comparada a uma ainda obscura deidade etrusca chamada Tana, que seria como que uma genitora de deuses e homens, o princípio criador básico, de onde surge toda a vida.

Aradia, a mulher divina que dá nome a este livro, é na verdade a filha de Diana, e representa a figura messiâ-

nica feminina que desce dos céus para redimir e vingar os pobres e os oprimidos – dentre eles, obviamente, a mulher. Esse aspecto “feminista” de Aradia pode ser facilmente atribuído a um resgate da religião matrifocal primitiva, suplantada pelo surgimento e ascensão do patriarcado judaico-cristão. Mas foi também interpretado sociologicamente séculos depois, durante a popularização da Wicca nos Estados Unidos, na década de 60, em plena revolução sexual, com o surgimento das tradições Wiccanas ditas Diânicas, como a de Z. Budapest. Se esta última tinha conhecimento dos textos de Leland ou se foi mera coincidência é uma questão que pertence ao campo da especulação.

Ao leremos os mitos e lendas contidos em *Aradia*, temos que levar em consideração que Leland os teria apenas compilado e traduzido para o inglês, alterando pouco ou nada de seu conteúdo, textos que lhe foram transmitidos pela tradição oral ou através de manuscritos obtidos de diversas streghe com quem manteve contato enquanto morava na Itália, nos extertores do século XIX. Por este motivo, os textos são por vezes atemporais e certamente representam versões relativamente modernas das lendas originais – podemos imaginar que até os mitos cristãos contidos na Bíblia teriam sofrido modernizações com o passar dos anos, caso não tivessem sido cuidadosamente escritos e editados pelos líderes do clero cristão, que assim criaram a versão oficial e inquestionável de seus textos mitológicos.

Para tornar a leitura mais fácil, optamos por fazer um breve comentário no início de cada capítulo identificados em itálico, explicando os mitos e rituais apresentados; sempre que necessário, procuramos estabelecer um paralelo entre o material recolhido e transcrito por

Leland e o contexto atual, na intenção de possibilitar ao leitor uma comparação entre o momento histórico e cultural da época retratada e os dias de hoje.

As tradições apresentadas em *Aradia* são, sem dúvida, de vital importância para aqueles que estudam o paganismo em geral, pois travamos aqui contato direto com mitos clássicos, como Vênus, Baco e Júpiter, abordados sob um ponto de vista basicamente popular, e não acadêmico. É também de igual valia aos estudiosos e seguidores da Religião da Deusa, pois nele abundam elementos do Sagrado Feminino que, não fosse o diletantismo de Leland, teriam sido irremediavelmente destruídos pelo zeloso clero cristão, como aconteceu com incontáveis outras lendas e costumes pagãos.

Charles Leland editou mais dois livros – “*Etruscan Roman Remains*” e “*Legends of Florence*”⁽¹⁾, nos quais apresenta mais mitos e lendas compilados entre os seguidores da Stregheria.

Neste livro, os praticantes da Wicca encontrarão as origens mais remotas de muitas de suas práticas e crenças – dos Esbats da Lua Cheia à nudez ritual a céu aberto.

Por tudo isso, *Aradia, o Evangelho das Bruxas* é um precioso livro do ponto de vista histórico e religioso, um excelente complemento aos estudos dos Mistérios Pagãos Ocidentais, como também uma ótima introdução ao mundo do Paganismo da Deusa-Mãe.

Claudio Crow Quintino

⁽¹⁾ “Vestígios Etrusco-Romanos” e “Lendas de Florença” (Nota do Tradutor)



Sobre o Autor



Nascido na Filadélfia a 15 de agosto de 1824, o folclorista Charles Godfrey Leland foi exposto ao oculto e à magia desde tenra idade. Sua própria mãe afirmava possuir uma antepassada que havia se casado “na magia;” e que teria retornado na figura do jovem Charles. Some-se a isso seu contato com o mundo da mitologia celta, através dos criados irlandeses que trabalhavam em sua casa, bem como com o Vodu, introduzido pelas cozinheiras negras, e podemos entender porque Leland, desde cedo, dedicou toda uma vida à compreensão do ocultismo e da magia.

Por volta dos quarenta anos, Leland mudou-se para a Inglaterra, onde aprofundou seus conhecimentos sobre a cultura cigana, a ponto de ser admitido pelo “Rei dos

Ciganos” da Inglaterra como um deles. Leland, sempre ávido por novos conhecimentos, acabou se mudando, em 1888, para Florença, na Itália, onde permaneceu até o fim de seus dias.

Justamente ali ele trava contato com uma cartomante e vidente italiana chamada Maddalena Zaleni, que teria concordado em compilar e transmitir a Leland o máximo de informações que pudesse recolher (e que lhe fosse permitido transmitir) sobre suas crenças – a Stregheria.

Maddalena forneceu, durante anos a fio, incontáveis textos e encantamentos que formariam o conjunto da obra de Leland. Ele admite, a certa altura, questionar a origem e a autenticidade dos textos; mas, pouco depois, parece convencer-se de sua veracidade e os publica. Apesar de nunca ter declarado abertamente, muitas são as evidências de que Leland era, ele próprio, um *Stregone*.

Há quem afirme que ele, na verdade, nunca admitiu ser um praticante da Stregheria porque temia as críticas e represálias do clero e da sociedade italiana, que tolerava mas marginalizava as Streghe. Charles Leland faleceu em 1903, antes de concluir a publicação de muitos de seus manuscritos e documentos. De qualquer forma, deixou um legado de inquestionável importância para o Ocultismo e o Paganismo.

C.C.Q.



Sobre a Stregheria

A Stregheria, ou Bruxaria Italiana, é apresentada na obra de Leland como um ancestral culto pagão cujas origens remontam à civilização etrusca, portanto pré-romana. Por se tratar de uma tradição familiar, a Stregheria é uma vertente extremamente hermética do paganismo, e seus mitos são transmitidos oralmente geração após geração, dentro de uma mesma família. Chegou a gozar de tamanha importância no sul da Itália que, em determinado período era tão ou mais influente que a Camorra, a máfia Napolitana.

De acordo com um desses mitos, uma jovem que vivera no século XIV teria sido a responsável pelo resgate dessa tradição antiquíssima – seu nome era Aradia. Conta

a lenda que Aradia era filha de Diana – a Bela Deusa, Rainha das Bruxas – com seu irmão Lúcifer – “O Portador da Luz,” que nada tem a ver com a imagem demonizada criada pelo cristianismo na Idade Média. Aradia teria sido enviada à Terra por Diana, sua Mãe, para ensinar os segredos e artes da Magia aos humanos.

Com a chegada da Inquisição à Itália, para fugir à perseguição, a Stregheria teria sido dividida em três correntes independentes, mas complementares:

- *Fanarra*, responsável pela preservação dos Mistérios da Terra;
- *Janarra*, contendo os Mistérios Lunares; e
- *Tanarra*, guardiães dos Mistérios das Estrelas.

Atualmente, o maior expoente da Stregheria é o americano Raven Grimassi, autor de importantes livros sobre paganismo. Grimassi é responsável pela criação de uma nova tradição strega, conhecida como Aridiana, a qual visa reunificar os conhecimentos das Tríplices Tradições acima citadas.

Em sua obra, Grimassi apresenta muitas tradições da Wicca como tendo origem na Stregheria. Seus simpatizantes, bem como alguns praticantes de Stregheria que vieram a público, afirmam que a Stregheria seria então a origem da Wicca, e justificam as afirmações ao comparar as datas de publicação das obras de Leland, autor de *Aradia*, e Gerald Gardner, considerado o “pai” da Wicca. De fato, como já vimos, *Aradia* foi publicado pela primeira vez em 1899, praticamente meio século antes de Gardner começar a divulgar a Wicca abertamente. As semelhanças entre ambas as correntes pagãs são muitas, e valem uma análise mais profunda.

C.C.Q.



Stregheria: as Origens da Wicca?

Apesar de, teoricamente, possuírem origens distintas – a Wicca buscaria um resgate das antigas tradições celtas, enquanto que a Stregheria teria raízes romano-etruscas – tanto uma quanto a outra possuem muitas semelhanças; a começar pelo culto central a uma Divindade máxima feminina (Diana; a Grande Deusa) e de seu consorte (Dianus/Lúcifer; Cernunnos/Deus Cornífero). Podemos ilustrar essa comparação com o exemplo a seguir.

Na margem norte do Lago Nemi, ainda existem alguns poucos vestígios do antigo Templo de Diana. Ao redor desse templo, bem como de todo o lago, espalhava-se o Bosque Ariciano, consagrado a Diana. Esse bosque possuía um misterioso guardião, conhecido como Rex

Nemorensis, ou “O Rei dos Bosques.” Muitas são as semelhanças com as antigas lendas celtas que sobreviveram na Grã-Bretanha e na Irlanda, como a de Herne, o Caçador da Floresta de Windsor, Gwynn ap Nudd, no País de Gales e o Green Man, entre outras.

Se analisarmos friamente tais lendas e mitos, confrontando essas informações com fatos históricos, veremos que quase certamente tanto as tradições celtas das ilhas britânicas quanto as etruscas do norte da Itália são variações diferentes de um mesmo tema, de uma suposta mitologia e religião indo-européia, ancestral comum a celtas e etruscos. Vale lembrar, ainda, que as mais recentes descobertas arqueológicas dão conta que etruscos e celtas possuíam muito mais em comum do que suas origens indo-européias – afinal, os celtas deixaram vestígios arqueológicos e lingüísticos de sua presença no norte da Itália muito anteriores à invasão de Roma por Brenno, em 390 a.C.

Ironicamente, as tradições celtas e etruscas voltariam a se cruzar milênios depois, através da Wicca apresentada por Gardner e da Stregheria descoberta por Leland. É aí que surge o debate: teria Gardner se inspirado nas descobertas de Leland para instituir a religião da Wicca?

Veremos, no decorrer de *Aradia*, quais são os elementos comuns a ambas tradições, para que o leitor possa, por si só, chegar a alguma conclusão. Esse, contudo, não é o ponto em questão. Seja como for, o mais importante é que tanto a Wicca quanto a Stregheria são reflexos da maravilhosa e ancestral Religião da Deusa, a primeira manifestação espiritual do ser humano, que cultua a Natureza e celebra a Magia da Vida que está à nossa volta, por toda parte, e, principalmente, em cada um de nós.

Não importa quem teria originado quem; não importa se quem veio primeiro foi o ovo ou a galinha. O que

realmente conta aqui é que, tanto um caminho quanto o outro, levam a um objetivo único, que é a integração (ou seria melhor dizer “re-integração”) do ser humano ao Divino presente em toda a Natureza. Com respeito e responsabilidade.

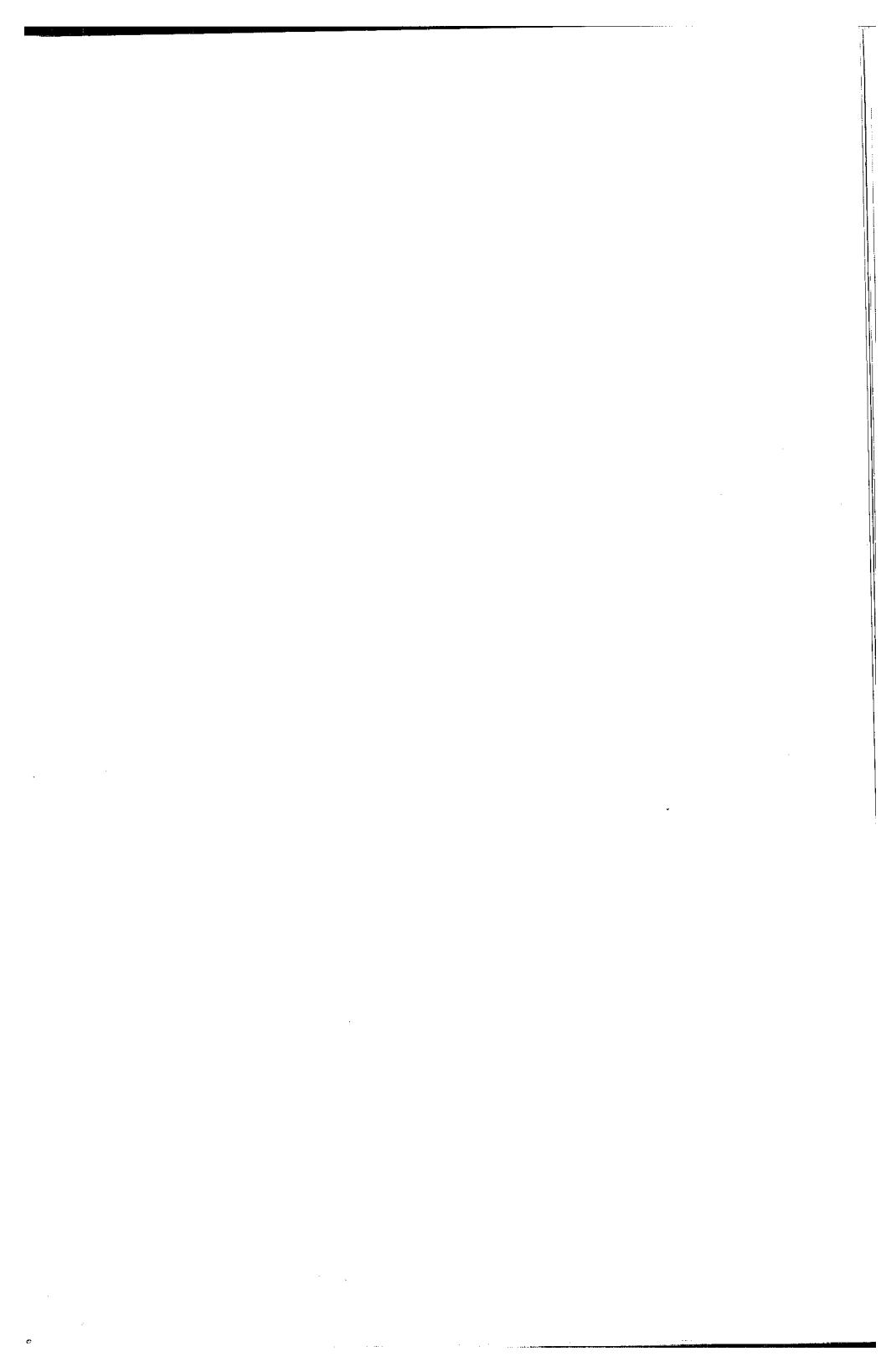
C.C.Q.



Ao apresentar sua obra ao leitor, Leland nos oferece um pouco das origens e história das práticas da Stregheria. Informa-nos ainda sobre como teria obtido acesso a tais textos, e como eles foram preservados até os dias atuais. Fica muito claro que ele foi seletivo ao escolher os textos que comporiam Aradia, pois é o próprio Leland que afirma que “esse trabalho poderia ser estendido ad infinitum se acrescentássemos as cerimônias e encantamentos que fazem parte das Escrituras da Bruxaria...”.

Isso nos leva a perceber que muito ainda haveria para ser publicado; mas não foi, talvez por decisão das Streghe em não revelar por completo seus conhecimentos, talvez porque Leland não tenha vivido o bastante para organizar de forma satisfatória a rica coleção de mitos que lhe foram entregues; talvez por ambos motivos.

Aradia é a ponta do iceberg do conhecimento sobre a misteriosa Stregheria.





Prefácio

Se por acaso o leitor já foi apresentado à obra do renomado folclorista G. Pitre, ou aos artigos de “Lady Vere de Vere” na italiana Rivista, ou ainda aos de J. H. Andrews em Folk-Lore, saberá que existem na Itália inúmeras *streghe*, adivinhas ou bruxas que fazem suas previsões através de cartas, praticam estranhas cerimônias nas quais os espíritos são supostamente invocados, confeccionam e vendem amuletos e, na verdade, se comportam como convém à sua classe de modo geral, sejam praticantes do Vodu, ou feiticeiros de qualquer espécie.

Mas a *strega*, ou feiticeira italiana, é, em muitos aspectos, uma personagem diferente destes. Na maioria dos casos, ela é oriunda de uma família na qual sua arte vem

sendo praticada há muitas gerações. Não restam dúvidas de que, em certos casos, essa ancestralidade remonta a tempos medievais, romanos ou até mesmo etruscos. O resultado disso é, naturalmente, o acúmulo de muita tradição entre essas famílias. Mas, no norte da Itália, como atesta a sua literatura, apesar de alguns contos de fadas e superstições populares compilados por estudiosos, nunca houve o menor interesse pelo estranho conhecimento das bruxas, tampouco qualquer suspeita de que esses conhecimentos abarcavam uma incrível quantidade de antigos mitos menores e lendas romanas, como as registradas por Ovídio, mas das quais muito escapou à sua atenção e à dos outros escritores latinos.

Essa ignorância foi amplamente favorecida pelos próprios bruxos e bruxas, que fizeram de todas as suas tradições um grande segredo, movidos que foram então pelo temor aos sacerdotes. Na verdade, estes últimos, inconscientemente, contribuíram para o desaparecimento de tudo.

No entanto, esse desaparecimento é lento, e mesmo hoje ainda existem pessoas de idade na Romagna do Norte que conhecem os nomes etruscos dos Doze Deuses e invocações a Baco, Júpiter, Vênus e Mercúrio e as Lares ou espíritos ancestrais; e nas cidades existem mulheres que confeccionam estranhos amuletos, sobre os quais murmuram encantamentos, todos eles conhecidos no antigo período romano, e que espantam até mesmo os peritos por suas lendas dos deuses latinos, mescladas à sabedoria encontrada em Catão ou Teócrito.

Travei íntimo contato com uma destas mulheres em 1886, e desde então encarreguei-a especialmente de coletar, entre suas irmãs do encantamento oculto, todas as antigas tradições de diversos lugares. É verdade que me vali

de outras fontes, mas essa mulher, por sua vasta prática, aprendeu perfeitamente o que poucos compreendem, ou exatamente o que desejo, e como extrair esse conhecimento de entre seus semelhantes.

Entre outras estranhas relíquias, ela conseguiu, após muitos anos, o “Evangelho” que se segue, do qual possuo o manuscrito de seu próprio punho. Um relato completo de sua natureza, rico em detalhes, pode ser encontrado em um Apêndice. Não sei ao certo se minha informante obteve parte destas tradições de fontes escritas ou de relatos orais, mas creio que sua origem é principalmente a última. Contudo, há algumas poucas bruxas que copiam ou preservam documentos referentes a sua arte. Nunca mais vi minha informante desde que ela me enviou o “Evangelho.” Espero, no futuro, obter mais informações.

Posso dizer, de modo geral, que a bruxaria é conhecida entre seus praticantes como “*la vecchia religione*”, ou a antiga religião, da qual Diana é a Deusa, sendo sua filha Aradia (ou Heriodius) o Messias feminino, e que esta pequena obra determina como esta última nasceu, desceu à terra, estabeleceu as bruxas e a bruxaria, para depois retornar aos céus. Estão inclusas as cerimônias e invocações ou encantamentos referentes a Diana e Aradia, o exorcismo de Caim, e os encantamentos da pedra-sagrada, arruda e verbena, que constituem, segundo o texto, o serviço religioso regular, por assim dizer, que deve ser entoados ou pronunciados nos encontros de bruxas. Também estão inclusos os curiosos encantamentos ou bênçãos do mel, alimento e sal, ou os bolos da refeição das bruxas, os quais são curiosamente clássicos, um resquício evidente dos Mistérios Romanos.

Este trabalho poderia ser estendido *ad infinitum* se acrescentássemos as cerimônias e encantamentos que na

verdade fazem parte das Escrituras da Bruxaria, mas uma vez que quase todos – ou pelo menos um grande número destes – podem ser encontrados em minhas obras *Etruscan-Roman Remains* e *Legends of Florence*, decidi-me por não compilar tal volume sem antes verificar se existe um número suficiente de leitores dispostos a adquirir essa obra.

Desde que escrevi este texto, conheci e li uma rica e interessante obra intitulada *Romanzo dei Settimani*, de G. Cavagnari, 1889, na qual o autor, na forma de um romance, descreve vividamente os modos, hábitos de pensamento e especialmente a natureza da bruxaria, bem como as diversas superstições hoje existentes entre os camponeses da Lombardia. Infelizmente, apesar de seu vasto conhecimento da área, aparentemente nunca ocorreu ao narrador que essas tradições eram tudo menos tolices não cristãs sem sentido. O fato de que elas contêm relíquias maravilhosas de antigas mitologias e um valioso folclore, o qual é o verdadeiro *cor cordium* da história, lhe passa tão desapercebido quanto a um Zoccolone comum ou a um franciscano andarilho.

Pode-se supor que um homem que conhecia uma bruxa que havia planejado matar sete pessoas num rito ceremonial para obter o segredo da riqueza infinita suspeitava que tal feiticeira possuísse uma gama de lendas fantásticas; mas disto não restam traços, e fica evidente que nada poderia estar mais afastado de sua mente do que a possibilidade de existir nisso tudo algo interessante de um ponto de vista mais elevado ou genial.

Seu livro, por fim, pertence ao grande grupo de livros escritos sobre fantasmas e superstições desde que estas últimas caíram em descrédito, nos quais os autores se pres-

tam a uma satírica ridicularização que é segura, mas barata, daquilo que para eles é vulgar e falso. Assim como Sir Charles Coldstream, eles subiram à cratera do Vesúvio após o fim de sua “erupção” e disseram não ter visto “coisa alguma lá.” Mas já houve algo; e o homem das ciências, diferente de Sir Charles, ainda encontra nos vestígios muito a ser explorado, como o antiquário em Pompéia ou Herculano – diz-se que ainda há sete cidades a serem desenterradas. Fiz o pouco (pois realmente pouco é) que pude, para desvelar um pouco do vulcão adormecido que é a Bruxaria Italiana.

Se este é o modo pelo qual a bruxaria italiana é tratada pelo mais inteligente autor a retratá-la, é aparentemente desnecessário dizer que há realmente poucos que se importariam em atestar a existência de um verdadeiro Evangelho das Bruxas, aparentemente de extrema antigüidade, incorporando a crença numa estranha contrarreligião que se manteve acesa desde o período pré-histórico até os dias atuais. “A Bruxaria é um grande lixo, ou algo ainda pior,” diziam os antigos escritores, “e portanto todos os livros que dela tratam não são melhores que isso.” Eu realmente espero, contudo, que estas páginas caiam nas mãos de alguns poucos que farão melhor juízo delas.

Devo, no entanto, e fazendo justiça aos que realmente se importam com a exploração de sendas obscuras e maravilhosas, explicar claramente que a sabedoria das bruxas está oculta, sob os mais escrupulosos cuidados, de todos, com a exceção de uns poucos na Itália, do mesmo modo como o está entre os Medas de Chippeway ou no Vodu Negro. No romance da vida de I Settimani, uma aspirante é representada vivendo com uma bruxa e adquirindo ou coletando arduamente, fragmento por fragmento,

seus encantamentos, dedicando anos à sua empreitada. Meu finado amigo M. Dragomanoff contou-me como um certo homem na Hungria, sabendo que ele havia compilado vários encantamentos (os quais foram posteriormente publicados em jornais de folclore), roubou-os, para que no ano seguinte, quando Dragomanoff retornou, encontrasse o ladrão em pleno exercício, como um próspero mago. Certamente ele não possuía muitos encantamentos, apenas cerca de uma dúzia, mas um pouco se torna bastante no comércio, e me arrisco a dizer que talvez não haja uma única bruxa na Itália que saiba tanto quanto eu publiquei, uma vez que meus encantamentos foram assiduamente coletados de diversas fontes, por toda parte. Ademais, todos os textos deste tipo são geralmente destruídos cuidadosamente por sacerdotes ou penitentes, ou pelo grande número de pessoas que, por seus medos supersticiosos, temem até mesmo permanecer na mesma casa que abrigue tais documentos, de modo que considero o resgate do Vangelo algo, no mínimo, digno de nota.

Este capítulo trata das origens de Aradia, filha da deusa Diana com seu irmão, aqui chamado de Lúcifer.

Nunca é demais lembrar que a deidade em questão nada tem a ver com a noção cristã de Lúcifer como sendo sinônimo do diabo, do inimigo de Deus. Ele é, isso sim, “o deus do Sol e da Lua, o deus da Luz.” A luz simboliza o princípio ativo masculino, representado por Lúcifer, o qual fertiliza sua irmã Diana, que por sua vez representa o princípio feminino, sutil. Da união desses opostos surge o equilíbrio, na figura de Aradia, a filha de Diana e Lúcifer.

Quando Aradia é instruída por Diana, antes de sua descida à Terra (nossa mundo físico), onde a sociedade de então atravessava um período de crimes e desigual-dades (familiar, não?), ela é alertada para que jamais seja “como a filha de Caim”, ou “como a raça que por fim se tornou depravada e infame pelo sofrimento”; certamente o texto se refere aos povos que adotaram as religiões que pregam o sofrimento e a penitência como forma de elevação

espiritual – notadamente as religiões judaico-cristãs. Para o pagão, o desrespeito às forças da Natureza e a condenação dos prazeres físicos é a própria negação do divino dom da Vida.

Aradia recebe instruções claras de como deve agir para divulgar a bruxaria, para que, através dela, os camponeses simples e oprimidos possam se rebelar contra a tirania de seus senhores; recebe ainda conselhos sobre como agir quando tiver de enfrentar o clero cristão, que tão ferozmente combatia os ancestrais cultos pagãos (do latim, paganus, significando “do campo”, ou seja, simples, da natureza).

De acordo com seu papel de “Messias” feminino, Aradia deve instruir os camponeses a resistir às imposições e restrições da Nova Religião – o cristianismo – e a lutar pela preservação de seus direitos à liberdade econômica e religiosa.

O capítulo se encerra com as instruções finais de Aradia a suas seguidoras para que, tanto homens quanto mulheres reúnam-se em segredo para cultuar Diana na noite de Lua Cheia; um traço comum com as práticas da Wicca, que celebram os esbats a cada Lua Cheia. Por se reunirem despidos (a nudez ritual de algumas tradições Wiccanas), os celebrantes estão livres das ostentações sociais; mais do que isso, a nudez reflete aqui o estado de espírito ideal em uma celebração com os antigos deuses pagãos, que é o de “inequívoca liberdade” – perante Diana, a Deusa, ninguém é superior ou inferior a ninguém.

Capítulo 1

Como Diana Deu à Luz Aradia (Herodius)

“É Diana! Vejam! Ela cresce em Crescente.”

(Endimion de Krats)

“Que o crescente da Rainha das Estrelas seja ainda mais
brilhante em sua noite de núpcias.”

(Ibid.)

Este é o Evangelho das Bruxas:

Diana amava muito a seu irmão Lúcifer, o deus do Sol e da Lua, o Deus da Luz (Esplendor) que, de tão orgulhoso de sua beleza, foi expulso do Paraíso.

Diana tivera uma filha de seu irmão, a quem deram o nome de Aradia (Herodius).

Naquela época havia na terra muitos ricos e muitos pobres. Os ricos escravizavam os pobres.

Havia, naqueles dias, muitos escravos, os quais eram cruelmente tratados; tortura em toda parte, prisioneiros em todo castelo. Muitos escravos escapavam. Eles fugiam para os campos; assim, tornaram-se bandidos e pessoas de má índole. Ao invés de dormir à noite, eles tramavam fugas e roubavam de seus mestres, para depois matá-los. Viviam então nas montanhas e florestas como ladrões e assassinos, tudo para evitar a escravidão.

Diana disse um dia a sua filha Aradia:

É certo que és um espírito,
Mas foste gerada para voltar a ser
Um mortal; deves descer à terra
E ser uma mestra de homens e mulheres
Os quais, de bom grado,
devem estudar bruxaria em tua escola.

Mas, como a filha de Caim jamais deves ser
Tampouco como a raça que por fim se tornou
Depravada e infame pelo sofrimento,
Como os judeus e os errantes Zingari ⁽¹⁾
Os quais são todos ladrões e vilões; como eles
Não deves ser...

E deves ser a primeira das bruxas conhecidas;
E deves ser a primeira de todas no mundo;
E deves ensinar a arte do envenenamento,
Do envenenamento daqueles que são os maiores dentre
os senhores;

⁽¹⁾ Ciganos (N. do T.)

Sim, deves fazer com que morram em seus palácios;
E deves sujeitar a alma do opressor (pela força);
E quando encontraras um campônio que seja rico,
Deves então ensinar à bruxa, sua pupila, como
Arruinar suas colheitas com tempestades terríveis,
Com o relâmpago e o trovão (terríveis),
E com o granizo e o vento...

E quando um padre causar-te mal
Com suas bênçãos, deves imputar a ele
Males duas vezes piores, e fazei-o em nome
De mim, Diana, a Rainha de Todas as Bruxas!

E quando os sacerdotes da nobreza
Disserem que deves depositar sua fé
No Pai, No Filho e em Maria, respondei então;
“Vosso Deus, O Pai e Maria são Três Demônios...”

“Pois o verdadeiro Deus Pai não é vosso;
Pois vim para varrer o mal
Os homens malignos destruirei a todos!”

“Vós que sois pobres e sofrem com a fome,
E labutam em miséria, sofrendo também
Constantemente com a prisão; Ainda assim
Tendes uma alma, e por vosso sofrimento
Sereis felizes no outro mundo,
Mas negativo é o destino
de todos os que vos causam mal!”

Então quando Aradia foi ensinada a operar a bruxaria,
a como destruir a raça maligna (de opressores), ela
(transmitiu a suas pupilas) e lhes disse:

Quando eu tiver partido deste mundo,
Sempre que precisardes de algo,
Uma vez por mês, quando a lua estiver plena,
Reuni-vos em algum local deserto,
Ou em assembléia num bosque
Para adorar o poderoso espírito de sua rainha,
Minha mãe, a grande Diana.

Àquela que de bom grado
Aprender toda a magia, mas que ainda não domina
Seus mais profundos segredos, minha mãe irá
Ensinar, na verdade, todas as coisas ainda desconhecidas.
E sereis libertos de qualquer escravidão,
E sereis livres para qualquer coisa;
E como sinal de sua inequívoca liberdade,
Deveis comparecer desnudos em seus ritos, tanto homens
Quanto mulheres: isto deve perdurar até
Que morra o último de seus opressores;
E deveis jogar o jogo de Benevento
Apagando as chamas, para em seguida
Desfrutar de sua refeição da seguinte forma:

Os praticantes e estudiosos da Bruxaria moderna, em especial da Wicca, conhecem a importância da refeição ritual que se segue aos Sabbats (grandes Festivais), chamados de Treguendas pela Stregheria, e Esbats (celebrações da Lua Cheia).

Essa refeição, tradicionalmente conhecida como “pão e vinho” ou “pão e cerveja,” é abordada neste capítulo. Mais importante, porém, é a grande simbologia contida nas Conjurações (Invocações) do Trigo, do Sal, de Caim e de Diana. Cabe a cada leitor, no entanto, amparado em seus conhecimentos e sua percepção, analisar os mitos abordados em cada conjuração, pois é essa análise íntima e pessoal que, em última instância, leva à compreensão e ao entendimento do simbolismo contido.

Alguns detalhes, contudo, saltam aos olhos. Na Conjuração do Trigo, por exemplo, vemos claramente a percepção de que o trigo, o alimento por excelência, a primeira matéria-prima a ter sido transformada em produto pelo ho-

mem primitivo, representa o precioso dom da vida, sem o qual tudo o mais fenece, e que só é fertilizado pela presença dos “vaga-lumes que pertencem ao sol”, dos princípios ativos masculinos de que falamos na introdução.

Na conjuração de Diana, o praticante a ameaça até que sua graça seja concedida. Caso isso ocorra, porém, segue-se uma grande celebração orgíaca, onde os celebrantes “se amarão livremente”. Isto nos remete a outros ritos de fertilidade, onde o sexo era praticado de forma ritual e mágica, onde cada homem e cada mulher simbolizavam um deus e uma Deusa, capazes de gerar vida.

A sociedade moderna, com seu ranço moralista judaico-cristão, não admite mais esse tipo de comportamento. Doenças sexualmente transmissíveis também inibem essas práticas. Como tudo nas tradições antigas, no entanto, devemos avaliar tais tradições buscando o contexto tempo-espaco na qual eram praticadas.

Nos dias de hoje, muitas tradições Wiccanas optaram por usar uma simbologia para o conhecido “Grande Rito” de união entre o Deus e a Deusa; o atame (punhal ritual) mergulhado no cálice é apenas uma delas.

Àqueles que seguiam o que lhes fora determinado, Diana concedia poderes mágicos de bênção e maldição, contato com o Outro Mundo, resgate das tradições, compreensão dos fenômenos naturais, habilidades de cura e de pre-dicções. São os presentes de Aradia para a humanidade.

Por fim, há uma bela e significativa Invocação a Aradia, a filha de Diana e “Messias” feminina. Apesar de seu inegável caráter divino, Aradia não está livre de ameaças, apresentadas nos últimos versos da invocação... Sem dúvida, os deuses estavam muito mais próximos de nós.

Capítulo 2

O Sabbat, Treguenda ou Encontro de Bruxos Como Consagrar a Refeição

Segue abaixo a refeição, do que deve esta consistir, e o que deve ser dito e feito para consagrá-la a Diana.

São necessários trigo, sal, mel e água; pratique este encantamento:

A Conjuração do Trigo

Eu te conjuro, ó Trigo!

Tu que és sem dúvida nosso corpo, uma vez que sem ti

Não podemos viver, tu que (a princípio como semente)

Antes de florescer mergulhaste na terra,

Onde se ocultam os profundos segredos,

e então, quando moído

Dançaste como pó ao vento, e ainda assim
Portavas contigo fugazmente, estranhos segredos!

E então, quando estavas preso à haste,
Na forma de um brilhante grão (dourado),
Os vaga-lumes vinham lançar a ti sua luz
Para auxiliar teu crescimento, pois sem sua ajuda
Não poderias crescer, e tampouco te tornares tão belo;
Assim, pertences à raça
Das bruxas ou fadas, e porque
Os vaga-lumes pertencem ao sol...

Rainha dos Vaga-lumes! Apressa-te,
Vem a mim como que numa carreira,
Arreia teu cavalo enquanto me ouves cantar!
Arreia, arreia o filho do rei!
Vem mui lesta, e traga-o a mim!
O filho do rei em breve te libertará!

E por ser para sempre brilhante e belo,
Sob um vidro eu te preservarei, enquanto
Que com uma lente estudo os segredos em ti ocultos,
Até que todos os mistérios brilhantes
sejam por fim revelados,
Sim, e todo o maravilhoso conhecimento desconcertante
Desta vida de nossa cruz e da próxima.
Assim, todos os mistérios hei de conhecer,
Mesmo os últimos encerrados no grão;
E quando por fim a todos realmente dominar,
Vaga-lume, tua liberdade irei restaurar!
Quando os segredos obscuros da terra
forem por mim conhecidos,
Lançarei sobre ti finalmente minhas bênçãos!

(Segue-se a Conjuração do Sal)

Conjuração do Sal

Eu te conjuro, Sal, veja! Cá ao meio-dia
Exatamente no meio de um ribeiro
Tomo meu posto e observo a água a meu redor,
Bem como o sol, e não penso em mais nada
Enquanto aqui, próximo à água e ao sol;
Pois toda a minha alma está realmente voltada a eles;
Não desejo realmente nenhum outro pensamento,
Almejo saber a própria verdade das verdades,
Pois há muito sofro com o desejo
De conhecer meu futuro ou meu destino vindouro,
Se o bem ou o mal nele prevalecerão...
Água e sol, sejam ternos comigo!

(Segue-se a Conjuração de Caim)

A Conjuração de Caim

Eu te conjuro, ó Caim, pois jamais podes
Descansar ou ter paz até que sejas liberto
Do sol onde jazes cativo, e deves
Bater suas mãos enquanto corres em velocidade:
Peço-te, mostra-me meu destino;
E se for maligno, muda seu curso por mim!
Se me concedes esta graça, serei capaz de vê-lo claramente
Nas águas e no esplendor do sol;
E tu, Caim, deves propagar com tuas palavras
O que quer que meu destino venha a ser.
E a não ser que me concedas isto,
Que jamais tu possas ter paz ou alegria!

(Segue-se então a Conjuração de Diana)

Conjuração de Diana

Devem ser confeccionados bolos de trigo, vinho, sal, e mel, na forma de uma lua – crescente ou chifruda –, os quais devem ser postos para assar, enquanto se diz:

Não asso o pão, nem com ele o sal,
Nem cozinho o mel com o vinho;
Asso o corpo e o sangue e a alma,
A alma da (grande) Diana, para que ela
Não tenha descanso nem paz, e esteja sempre
Em grande sofrimento, até que conceda
Aquilo que peço, aquilo que mais desejo,
Peço isto a ela, do fundo do meu coração!
E caso a graça seja atendida, ó Diana!
Em tua honra celebrarei este banquete,
Festejarei e secarei por completo o cálice,
Dançaremos e saltaremos animadamente,
E se me concedes a graça que tanto desejo,
Então, quando a dança atingir seu apogeu, todas as luzes
Serão apagadas, e nos amaremos livremente!

E assim deve ser feito: todos devem se sentar para a refeição desnudos, homens e mulheres, e após o banquete, devem dançar, cantar, tocar música e em seguida amar na escuridão, com todas as luzes apagadas; pois é o Espírito de Diana que as apaga, e assim eles dançarão e tocarão música em sua honra.

E ocorreu que Diana, após sua filha ter cumprido sua missão ou ter passado seu tempo na terra entre os (mortais) vivos, chamou-a de volta, e lhe concedeu o poder

para que, quando invocada, tendo praticado algum bem, pudesse agraciar aqueles que a conjuraram com sucesso no amor:

Para abençoar ou amaldiçoar com poderes amigos ou inimigos (para praticar o bem ou o mal).

Para interagir com os espíritos.

Para encontrar tesouros ocultos em antigas ruínas.

Para reunir os espíritos dos sacerdotes que morreram tendo deixado tesouros.

Para compreender a voz do vento.

Para transformar água em vinho.

Para fazer previsões através das cartas.

Para conhecer os segredos das mãos (quiromancia)

Para curar males.

Para tornar belos os que são feios.

Para domar feras selvagens.

E o que quer que fosse solicitado ao espírito de Aradia, seria concedido àqueles que merecessem seus favores. E desta forma ela deve ser invocada:

Assim eu busco por Aradia! Aradia! Aradia! À meia-noite, à meia-noite eu me dirijo a um campo, e comigo le-vo água, vinho e sal, trago água, vinho e sal e meu talismã – meu talismã, meu talismã e uma pequena bolsa vermelha sempre em minha mão – “*con dentro, con dentro, sale,*” com sal, dentro dela, dentro dela. Com água e vinho eu me abençôo, me abençôo com devoção para implorar um favor de Aradia, Aradia. (Ênfase às repetições).

(Segue-se a Invocação a Aradia)

Invocação a Aradia

Aradia! Minha Aradia!
Tu és minha filha daquele que era
O mais maligno dos espíritos, que há muito
A um tempo reinou no inferno após ser expulso do paraíso,
Que através de sua irmã tornou-se seu mestre,
Mas assim como sua mãe se arrependeu de seu pecado,
E desejou unir-te a um espírito que
Fosse benevolente,
E não maléfico!

Aradia! Aradia! Eu imploro
Pelo amor que ela nutria por ti!
E pelo amor que também eu nutro por ti!
Rogo-te, conceda-me a graça que desejo!
E uma vez satisfeito este desejo, que
Um dos três sinais inequívocos se me apresente:
O sibilar de uma serpente,
A luz de um vaga-lume,
O coaxar de um Sapo!

Mas se me recusas este favor, então
Que no futuro não tenhas paz ou prazer,
E que sejas obrigada a me buscar à distância,
Até que venhas a conceder-me meu desejo,
O quanto antes, e então poderás retornar novamente
A teu destino. Assim seja, Amém!

Comum a todas as vertentes da Religião da Deusa são os mitos nos quais o Deus é, a um só tempo, filho e amante da Deusa. O chamado “incesto sagrado” ocorre aqui quando Diana, a criadora e criatura básica, o princípio elementar da vida, se parte nos opostos luz e escuridão.

Ao perceber quão bela era a luz que emanava de Lúcifer, seu irmão (posto que nascido da mesma divisão básica) e filho (uma vez que foi da própria Diana que ele se originou), ela o deseja com grande ardor e paixão; essa paixão se materializa na forma da aurora, um dos mais belos e representativos fenômenos da natureza, simbolizando o ponto de equilíbrio entre as trevas da noite – os domínios da Lua, representação de Diana – e o poder do Sol – o esplendor de seu irmão Lúcifer.

Essa simbologia é encontrada em inúmeros outros mitos, onde as polaridades masculina e feminina, de luz e escuridão, ativa e passiva, buscam ardenteamente a união dos opostos que gera o equilíbrio básico presente no momento

da criação, permitindo, assim a evolução. Estabelece-se, desta forma, a eterna busca pelo equilíbrio – assim como Diana busca sua metade luz em seu irmão/filho Lúcifer, cada um de nós busca o conhecimento absoluto que vem do equilíbrio das polaridades.

A princípio, a Luz fugia de Diana “qual o rato que se oculta do gato”. Desesperada, Diana busca o conselho dos “pais e mães do Início”, ou seja, as forças primordiais do universo. Temos aqui um confuso mas importante elemento, no qual percebemos que, apesar de Diana nos ser apresentada como a força criadora básica, que ao se dividir, deu origem aos opostos luz e trevas, ela própria havia sido criada por outra fonte criadora de maior magnitude, como no caso do demiurgo dos conhecimentos gnósticos. De onde podemos depreender o mito da eterna criação – cada um de nós é, por si só, criador e criatura.

Essa força criadora básica afirma a Diana que, para poder ser “a mestra das deusas”, ela deve cair para depois se reerguer – devemos antes compreender o mais básico dos mistérios antes de ir em busca de ideais mais elevados.

Em sua queda, Diana desce à Terra, onde cria a magia, sendo responsável pela origem de toda sorte de seres: as bruxas, seres humanos capazes de praticar magia; as fadas, seres espirituais elevados; e os gnomos, seres elementais que habitam e dão vida a todas as formas de criação.

Através de um truque de magia, Diana se une a seu irmão, e dessa união surge Aradia. Somente após sua queda Diana desenvolve seus grandes poderes mágicos para criar o céu e as estrelas. Ao ver tão maravilhoso feito, as bruxas a aclamam como sua Rainha. E assim começa seu longo reinado.

Capítulo III

Como Diana Criou as Estrelas e a Chuva

Diana foi a primeira a ser criada antes de toda a criação; nela estavam todas as coisas; a partir dela mesma, a escuridão primordial, ela se dividiu: em luz e trevas ela foi dividida. Lúcifer, seu irmão e filho, ela mesma e sua outra metade, era a luz.

E quando Diana viu o quão bela era a luz, a luz que era sua outra metade, seu irmão Lúcifer, ela cobiçou-o com grande desejo. Desejosa de receber novamente a luz em sua escuridão, de engoli-la em êxtase e prazer, ela tremeu de desejo. Este desejo foi a aurora.

Mas Lúcifer, a luz, fugia dela, e não cedia a seus desejos; qual a luz que se refugia nas partes mais distantes do infinito, qual o rato que se oculta do gato.

Então, Diana foi ter com os pais do Início, com as mães, com os espíritos que existiam antes do primeiro espírito, e lamentou a eles que não podia controlar Lúcifer. E eles enalteceram sua coragem; disseram-lhe que, para poder se erguer, ela deveria cair; para se tornar a mestra das deusas, ela deveria antes se tornar mortal.

E, com o passar das eras e do tempo, quando o mundo foi feito, Diana desceu à Terra, assim como Lúcifer, que havia caído, e Diana ensinou magia e feitiçaria, de onde se originaram as bruxas, as fadas e os gnomos – tudo o que se assemelha ao homem mas que não é mortal.

E foi assim que Diana assumiu a forma de um gato. Seu irmão possuía um gato ao qual amava acima de todas as outras criaturas, e o gato dormia toda noite em sua cama, um gato mais belo que qualquer outra criatura, uma fada; ele não sabia disso.

Diana convenceu o gato a trocar de formas com ela; assim, ela se deitou com seu irmão, e na escuridão ela assumiu sua própria forma, e de Lúcifer concebeu Aradia. Mas pela manhã, quando descobriu que estava deitado ao lado de sua irmã, e que a luz havia sido conquistada pelas trevas, Lúcifer ficou extremamente irado; mas Diana, através de sua magia, encantou-o de tal forma que ele cedeu ao amor dela. Esta foi a primeira fascinação; ela murmurou a canção, que era como o zumbir de abelhas (ou o girar de um tear), um tear que tecia vida. Ela teceu a vida de todos os homens; todas as coisas foram tramadas pela roda de Diana. Lúcifer movia a roda.

Diana não era conhecida pelas bruxas e pelos espíritos, as fadas e elfos que habitavam nos locais desertos, e os gnomos, como mãe deles; ela humildemente se ocultou na forma de uma mortal, mas por seu desejo ela novamente

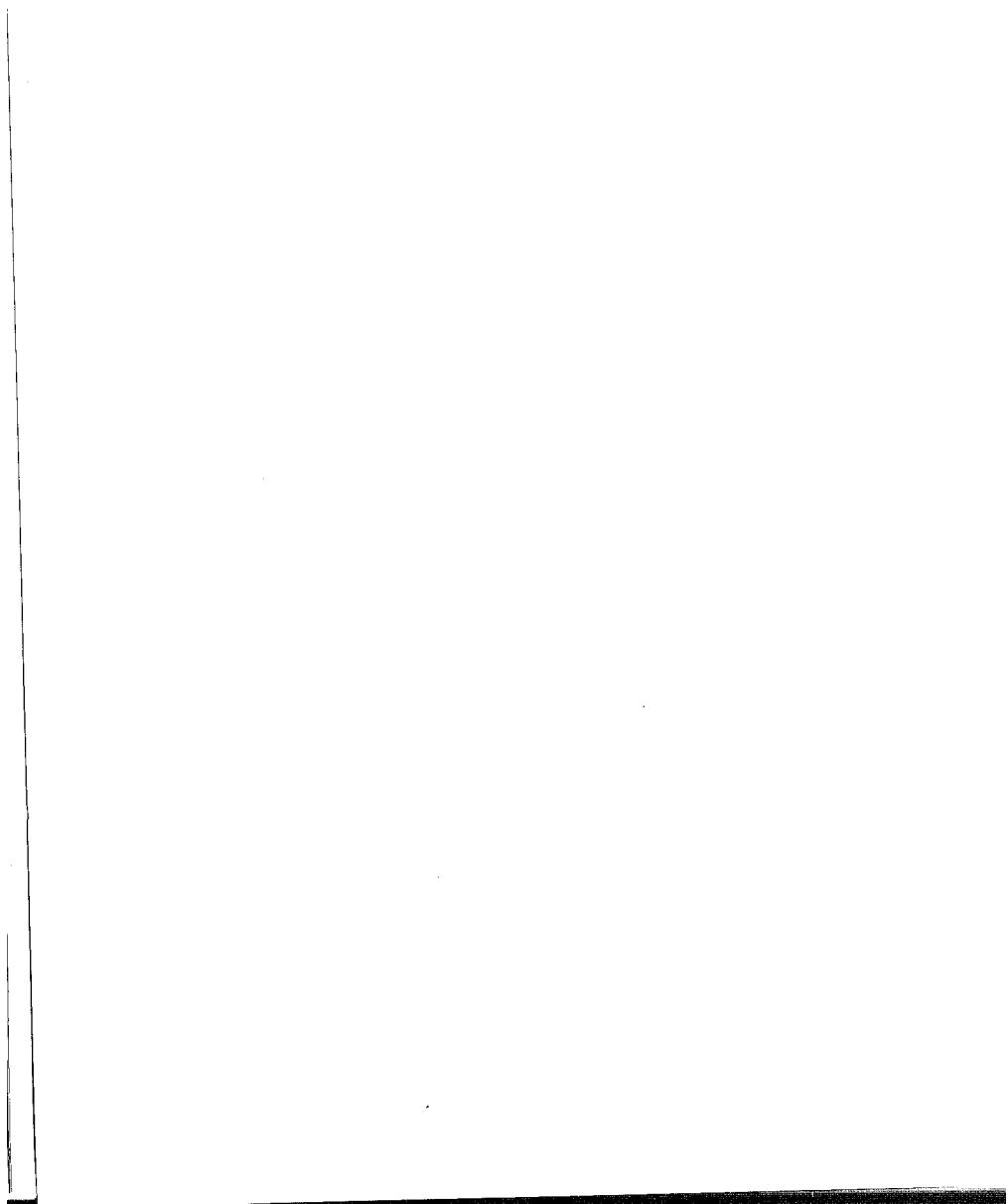
se elevou acima de todos. Ela possuía uma paixão pela bruxaria, e se tornou tão poderosa que sua grandiosidade não mais podia ser oculta.

E assim foi que uma noite, no encontro de todas as feiticeiras e fadas, ela declarou que escureceria os céus e transformaria todas as estrelas em ratos.

Todos os presentes disseram: “Se podes efetuar feito assim estranho, se possuis tão elevado poder, deves ser nossa rainha.”

Diana saiu à rua; ela apanhou a bexiga de um boi e um pedaço de dinheiro-das-bruxas, o qual possui a ponta de uma faca - com tal dinheiro as bruxas cortam a terra de sob as pegadas de um homem - e ela cortou a terra, e com ela e muitos ratos ela preencheu a bexiga, e assoprou a bexiga até que esta estourasse.

A partir dali surgiu uma grande maravilha, pois a terra que estava no interior da bexiga se tornou o curvo firmamento acima de nós, e por três dias houve grande chuva; os ratos se transformaram em estrelas ou chuva. E por ter criado as estrelas e a chuva, Diana se tornou a Rainha das Bruxas; ela era o gato que regia as estrelas rato, os céus e a chuva.



No capítulo seguinte, travamos contato com três importantes amuletos da Stregheria: as ervas verbena e arruda, associadas, em inúmeras tradições, à proteção; e uma pedra com um furo natural no meio. Desde tempos imemoriais, atribui-se a essas pedras, normalmente encontradas no leito de rios ou em praias de seixos, propriedades mágicas. A simbologia é óbvia: uma pedra, um fragmento do solo que, em última análise, é o próprio corpo da Grande Mãe, com um furo, ou seja, a representação da Vagina da Terra, de onde advém toda vida.

Na Irlanda, ainda vive a tradição de passar uma criança recém-nascida pelo vão esculpido pela erosão em uma grande rocha, para que essa criança seja purificada e protegida. Hoje associada ao cristianismo, essa crença indubitavelmente possui raízes no paganismo celta.

Na segunda conjuração, o “Encantamento da Pedra Redonda”, nos deparamos com o espírito que reside na pedra sagrada, aqui chamado de “o Gnomo Vermelho”.

Ele representa a própria energia da terra, contida na pedra furada, e seu caráter material (elemento Terra) fica claro na sua utilidade: ele é invocado ou para cobrar dívidas de maus pagadores, ou para atrair a pessoa amada para a cama daquele que o invoca. Deidades básicas, mais uma vez, para atender necessidades básicas... todavia, é importante ressaltar que a ética da bruxaria moderna, em especial a da Wicca, não admite que encantamentos desse tipo sejam lançados, pois ferem o livre arbítrio da outra pessoa, desrespeitando, assim, a conhecida lei Wiccana que reza: “Se mal nenhum causar, faça o que desejar.”

Apesar de não conter uma lei semelhante, veremos no Apêndice A que os Elementos da Crença da Stregheria também fazem com que cada Strega seja responsável pelos seus atos, pois segundo esses Elementos cada Strega ou Stregone acredita “na Lei de Ação e Reação, e que o que fazemos afeta os outros, assim como o que os outros fazem nos afeta.”

Esse é um dos grandes diferenciais do paganismo moderno: cada indivíduo é o único responsável por seus atos e consequências, o que faz com que cada um desses indivíduos tenha ciência de sua responsabilidade perante si e perante os demais – sejam eles pessoas, animais, vegetais ou o próprio planeta Terra. E é justamente por isso que temos, entre os membros da comunidade pagã atual, tantas pessoas envolvidas com causas ecológicas e que buscam desenvolver uma maior consciência ambiental nas pessoas e na sociedade como um todo.

Afinal, o paganismo não admite a idéia de que o homem é superior às demais espécies, podendo assim fazer o que quiser com elas, nem que elas foram criadas para nos

servir; também não admite a suposição de que só temos esta vida para viver, nem que ao fim dela iremos para o paraíso eterno ou para a tortura eterna.

Essas crenças, difundidas pelo patriarcado judaico cristão, deram origem à devastação desenfreada dos recursos de nosso planeta, assim como ao materialismo gerado pela presunção do homem em se dizer senhor do planeta.

Somos todos iguais perante a Deusa – tanto humanos como animais, vegetais e até mesmo os minerais são igualmente sagrados, pois todos fazem parte da grande teia cósmica que é a vida existente neste planeta. Se rompemos um fio da teia, comprometemos toda essa estrutura. Está mais do que na hora de tomarmos consciência disso, e fazermos algo por nosso planeta. Enquanto é tempo.



Capítulo IV

O Encantamento das Pedras Consagradas a Diana

Encontrar uma pedra com um buraco no meio é um sinal especial dos favores de Diana. Aquele que assim o faz deve apanhá-la, e repetir o que se segue, observando a cerimônia do modo devido

Invocação da Pedra Sagrada

Encontrei uma pedra sagrada no solo.
Ó Destino! Agradeço por este feliz achado.
Também ao espírito que sobre esta estrada
A deu para mim;
E que seja para meu real bem
E minha boa sorte!

Levanto-me pela manhã, no início da aurora,
E prossigo a caminhar por (prazerosos) vales,
Por todas as montanhas ou pelos belos prados,
Buscando por sorte enquanto adiante avanço,
Buscando pela arruda e pela verbena docemente
perfumadas,
Pois elas trazem fortuna a todos.
Mantenho-as em segurança em meu peito,
Para que ninguém saiba - é uma coisa secreta,
E sagrada também, e assim pronuncio o encantamento:
“Ó verbena! sejas sempre benéfica,
E que tuas bênçãos jorrem sobre a bruxa
Ou a fada que te deu a mim!”

Foi Diana que veio a mim,
À noite, durante um sonho, e me disse:
“Se mantiveres todas as pessoas más à distância,
Então tenhas sempre a verbena e a arruda
Seguramente a teu lado!”

Grande Diana! Tu
Que és a rainha dos céus e da terra,
E das terras infernais - sim, és
A protetora de todos os homens desafortunados,
Dos ladrões e assassinos, e das mulheres, também
Que levam uma vida torpe, e tu sabes
Que a natureza deles não é maligna, tu, Diana,
Conferiste a eles um pouco de alegria em suas vidas.
Ou posso realmente em outra hora
Conjurar-te assim, para que não tenhas paz
Nem felicidade, pois deves sempre estar
Sofrendo até que me concedas o que
Te peço, em extrema fé em ti!

(Aqui temos novamente a ameaça à Deidade, exatamente como no xamanismo esquimó ou em qualquer outro xamanismo, a qual representa a mais rude forma primitiva de conjuração, quando os espíritos são ameaçados. Traços desta prática são encontrados entre os católicos romanos rudes. Assim sendo, quando S. Bruno, alguns anos atrás, numa cidade da Romagna, não atendeu aos pedidos de seus devotos por chuva, eles prenderam sua imagem no fundo de um rio, com a cabeça voltada para baixo. Seguiu-se imediatamente a chuva, e o santo foi restituído honrosamente a seu local na igreja...)

O Encantamento ou Conjuração da Pedra Redonda

Encontrar uma pedra redonda, seja grande ou pequena, é um bom sinal, mas jamais ela deve ser presenteada, pois nesse caso aquele que a recebe também recebe a boa sorte, e algum tipo de desastre atinge a quem a deu.

Quando encontrar uma pedra redonda, erga aos céus os seus olhos, lançando a pedra para cima três vezes (sempre a apanhando), e diga:

Espírito de bom presságio,
Que a mim vieste em auxílio,
Acredite, muito eu necessitava de ti.
Espírito do Gnomo Vermelho,
Uma vez que vieste em meu auxílio,
Rogo-te, não me abandones;
Peço-te para que ingresses nesta pedra,
Para que em meu bolso eu possa levar-te,
E assim, sempre que eu tiver necessidade,

Eu posso chamar por ti: seja o que for,
Não me abandones nem a noite nem de dia.

Caso eu empreste dinheiro a qualquer um
Que não venha a me pagar quando devido, peço-te,
Tu, o Gnomo Vermelho, farás com que pague a dívida!
E caso ele não o faça, e seja obstinado,
Vá a ele gritando “Brie - brie!”
E caso ele durma, desperta-o com um beliscão,
E puxe suas cobertas assustando-o!
E siga-o por onde quer que ele vá.

Ensina-o com o incessante “Brie-brie!”
Que aquele que se esquece de suas obrigações
Sofrerá as dificuldades até que salde sua dívida.
E assim, meu devedor, no dia seguinte
Trará o dinheiro que me deve,
Ou o enviará prontamente: assim eu peço-te,
Ó meu Gnomo Vermelho, vem em meu auxílio!
Ou, caso discuta com aquela a quem amo,
Então, espírito da boa sorte, Peço-te que vás
Até seu leito enquanto dorme - puxe-a pelos cabelos,
E traga-a pela noite até minha cama!
E pela manhã, quando todos os espíritos partem
Para seu repouso, deves antes de retornar
À tua pedra, levá-la de volta a sua casa,
Para lá deixá-la a dormir. Assim, ó Duende!
Peço-te que faças desta pedra a tua morada!
Obedeça-me em todas as ordens.
Para que estejas sempre em meu bolso,
E para que nunca nos separemos um do outro!

Outra vez temos aqui a introdução a uma curiosa prática de magia com fins básicos – um limão espetado com alfinetes é presenteado a uma pessoa; dependendo da cor dos alfinetes, esta receberá boa sorte ou azar.

O ritual é extremamente simples, e – ainda bem! – vem acompanhado de outro ritual, um “antídoto” para neutralizar o recebimento de um limão “azarado”... afinal, não somos os únicos a conhecer essas técnicas de encantamentos, não é mesmo?

Vale lembrar, uma vez mais, que tais encantamentos devem ser cuidadosamente avaliados antes de praticados, pois aqueles que lançam qualquer encantamento, seja ele positivo ou negativo, estariam sujeitos, segundo as tradições da bruxaria moderna, a receber o resultado triplicado – é a famosa “Lei Tríplice,” segundo a qual toda magia enviada a alguém acaba por retornar triplicada a quem a praticou. Toda ação gera uma reação, e a Stregheria também possui sua versão da Lei Tríplice.

Capítulo V

A Conjuração do Limão e dos Alfinetes

Sagrada a Diana

Um limão espetado com alfinetes de diferentes cores sempre atrai boa sorte.

Se receber como presente um limão cheio de alfinetes de diversas cores, sem nenhum preto entre eles, isto significa que sua vida será perfeitamente feliz e próspera e alegre.

Caso hajam alguns alfinetes negros entre eles, porém, você pode desfrutar de boa sorte e saúde, mas entremeadas de problemas de pequena monta. (Contudo, para reduzir sua influência, deve-se praticar a seguinte cerimônia, e pronunciar este encantamento, onde tudo é descrito.

No instante da chegada da meia-noite,
Apanhei um limão no jardim,
Apanhei um limão e, com ele,
Uma laranja e uma (perfumada) tangerina.
Colhi com cuidado esse objetos (preciosos),
E enquanto os colhia, eu disse cuidadosamente:
“Tu que és a Rainha do Sol e da Lua
E das estrelas - vê! Chamo por ti!
E com a força que posso eu te conjuro
Para que me concedas o favor que te imploro!
Três coisas eu colhi neste jardim:
Um limão, uma laranja e uma tangerina;
Colhi-os para que possam trazer-me boa sorte.
Dois deles eu os tenho em minhas mãos,
E aquele que irá servir a meu propósito,
Rainha das Estrelas!
Faça com que essa fruta permaneça em minha mão”.

(Algo foi omitido no manuscrito. Acredito que ambos são atirados ao ar sem olhar e, caso reste o limão, a cerimônia se segue como abaixo. Isto é evidente, uma vez que o encantamento fica confuso graças a instruções em prosa de como proceder). Ao dizer isto, deve-se olhar para os céus, e ao perceber o limão em minha mão, uma voz me disse: “Apanha alguns alfinetes, e espeta-os cuidadosamente no limão, alfinetes de muitas cores; e por teres boa sorte, e se desejas dar o limão a qualquer pessoa ou a um amigo, deves espetá-lo com alfinetes de muitas cores.
“Mas, se desejas que alguém seja afetado por mal, espete-o com alfinetes negros.
“Para tanto, deves pronunciar um encantamento diferente (desta forma)”:

Deusa Diana, eu te conjuro
E com voz elevada por ti eu chamo,
Para que tua alma jamais tenha alegria ou paz
é que venhas a mim para conceder-me auxílio.
Assim, amanhã, na marca do meio-dia
Esperarei por ti, com uma taça de vinho,
E sobre ela uma lente ou pequeno vidro para queimar.
E treze alfinetes insiro no sortilégio:
Os que eu espeto serão sem dúvida negros,
Mas tu Diana, tu os porá todos!

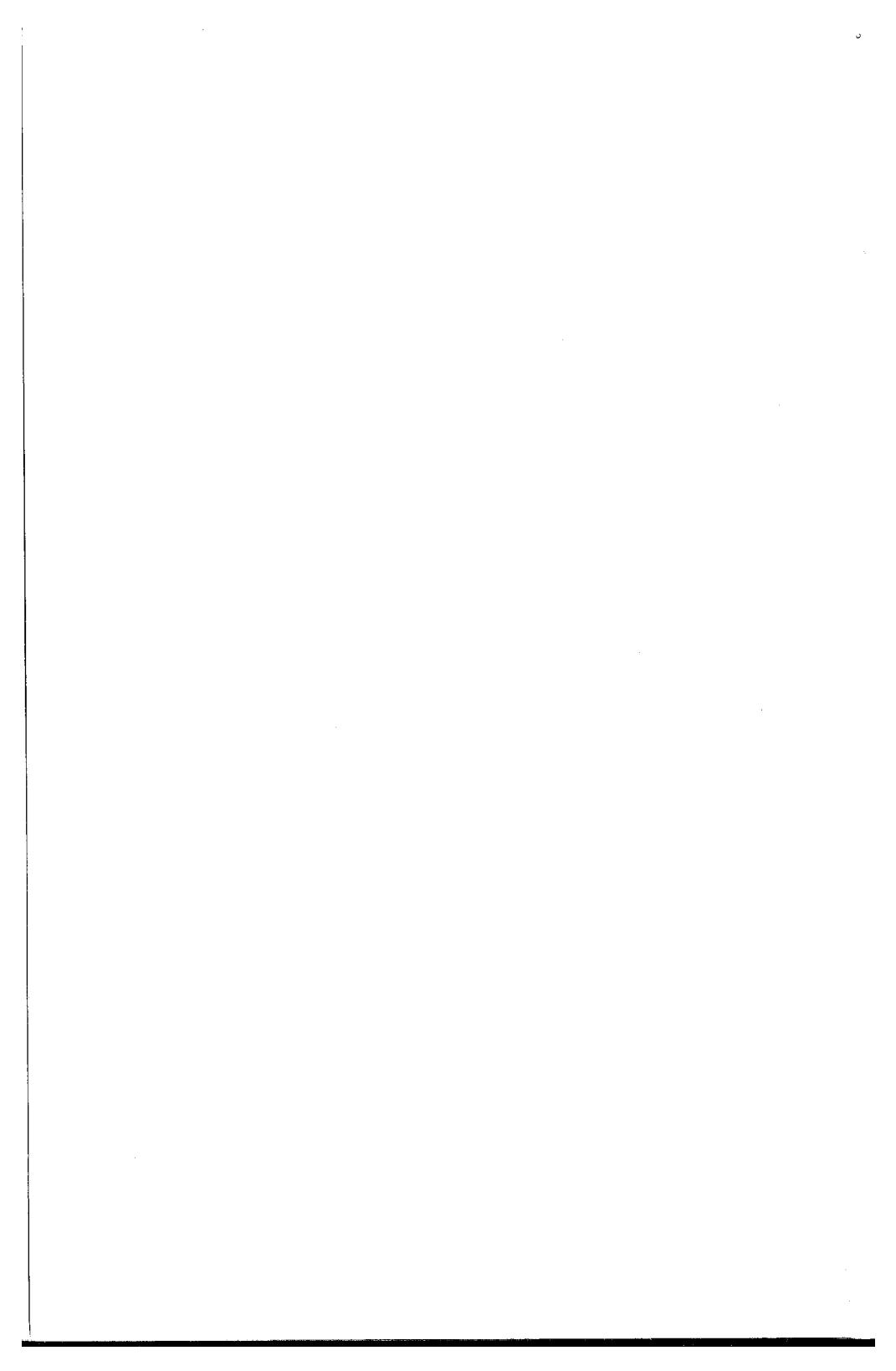
E deves chamar os demônios do inferno;
Enviando-os como companheiros do Sol,
E todo o próprio fogo infernal
Esses demônios devem trazer, trazer com a força
Do sol para ferver este vinho (tinto),
Até que estes alfinetes fiquem em brasa por força do calor;
E com eles espeto este limão,
Para que aquele que o receba
Jamais conheça paz e prosperidade.

Se esta graça obter de ti
Dá-me um sinal, eu peço a ti!
Antes que o terceiro dia passe,
Que eu ouça ou veja
Um vento murmurante, o tamborilar da chuva,
Ou o granizo a murmurar na planície;
Até que um destes três sinais me mostres,
Paz, Diana, não conhecerás.
Responda à oração que te encaminho,
Ou atormentar-te-ei dia e noite!
Assim como a laranja era a fruta do Sol, o limão é associado
à Lua ou a Diana, sendo sua cor o amarelo claro. No en-

tanto, o limão especialmente escolhido para o encantamento é sempre verde, pois ele “endurece” e fica preto. Não é muito sabido o fato de que as cascas de limão e laranja, quando prensadas e misturadas a uma cola, pode formar uma substância sólida que pode ser moldada ou usada para diversos fins. Dediquei um capítulo inteiro a este tema no ainda não publicado trabalho intitulado “*One Hundred Minor Arts.*” Isto me foi sugerido pelo limão endurecido que me foi dado por uma bruxa para um encantamento.

Neste capítulo temos um interessante ritual para atrair uma pessoa amada – neste caso, uma mulher sendo atraída por um homem – para com ela fazer sexo. Uma vez que o sexo é o tema central do culto a Diana – tudo se inicia quando ela deseja seu irmão Lúcifer, e a Aradia deste livro é o fruto desse contato sexual – nada mais natural do que a busca ardente pela satisfação dos impulsos sexuais de seus praticantes – a qual, neste capítulo, justifica até o desrespeito ao livre arbítrio através do emprego de técnicas de hipnose e metamorfose...

Note também o componente social representado pela frase “Fosse ela pobre, e a conquistaria com dinheiro.” Aparentemente, na época em que foi criado este sortilégio, o dinheiro valia mais que o amor sincero (infelizmente ainda é assim nos dias de hoje...) A falta do dinheiro, porém, podia ser compensada pelo uso da magia... um retrato fiel das injustiças sociais da Europa Medieval.



Capítulo VI

Um Encantamento Para Conquistar um Amor

Quando um mago, um seguidor de Diana, alguém que cultue a Lua, deseja o amor de uma mulher, ele pode transformá-la em um cão, quando ela, esquecida de quem é, e de todas as outras coisas, irá imediatamente a sua casa, e lá, quando estiver a seu lado, assumirá novamente sua forma natural e com ele permanecerá.

E quando for chegada a hora de sua partida, ela novamente se transformará em cão e irá para casa, onde voltará a se transformar em mulher.

E ela de nada se recordará, ou ao menos de pequenos e meros fragmentos, que se assemelharão a um sonho confuso. E ela assumirá a forma de um cão porque Diana sempre tem um cão a seu lado.

E este é o encantamento a ser proferido por aquele que deseja atrair um amor a sua casa.

(O início deste encantamento parece ser meramente uma introdução em prosa, explicando a natureza da cerimônia)

Hoje é sexta-feira, e desejo despertar bem cedo, pois não me foi possível dormir por toda a noite, uma vez que vi uma garota muito bela, a filha de um rico senhor, a quem não ouso conquistar. Fosse ela pobre, e a conquistaria com dinheiro; mas, uma vez que ela é rica, não tenho esperanças. Assim, conjuro Diana para que me auxilie.

Diana, bela Diana!
Que és sem dúvida tão bondosa quanto bela,
Por todo o culto que dediquei a ti,
E por todo o prazer do amor que conhecestes,
Eu te imploro para que me auxilie em meu amor!
O que desejas é verdade
Tu sempre podes fazê-lo:
E se me concedes a graça que te peço,
Chama então tua filha Aradia,
E envia-a ao leito da garota,
E concede à garota a aparência de um cão.

E faz com que ela venha até meu quarto,
Mas, que quando nele adentre, peço-te,
Que ela reassuma sua forma humana,
Tão bela como jamais tenha sido antes,
E que eu possa fazer amor com ela até
Que nossas almas estejam satisfeitas de prazer.
Então, com o auxílio da grande Rainha das Fadas,

Aradia, O Evangelho das Bruxas

E de sua filha, a bela Aradia,
Que ela se transforme em cão novamente,
E a seguir na forma humana como antes!

7

O encantamento apresentado abaixo segue o mesmo tema, a busca pela proteção e a satisfação de necessidades materiais básicas – desta vez, para garantir boas compras. Para a maioria de nós, cidadãos urbanos, é difícil imaginar um encantamento para cada vez que vamos às compras. Para o antigo camponês, contudo, uma excursão comercial à grande cidade era algo tão extraordinário quanto perigoso. Afinal, as estradas que levavam às cidades eram infestadas por incontáveis salteadores e toda sorte de gatunos, e a própria cidade, com seu intenso movimento e grande afluxo de pessoas estranhas, era um ambiente hostil ao simplório camponês – ou “paganus,” em latim, o habitante do campo.

Mas não só as necessidades básicas podem ser contempladas por estes encantamentos. Prova disso são os pedidos de auxílio para a obtenção de antigos livros e manuscritos, demonstrando preocupação quanto ao acesso a conhecimentos preciosos, contidos em livros raros.

Aqui, pela primeira vez, Charles Leland apresenta comentários mais profundos sobre a valia e os processos das orações (encantamentos) contidos no texto. Como ponto focal, ele destaca a necessidade de realmente se crer, com toda fé e profundidade, naquilo que se pede – um preceito básico para qualquer sistema de magia.

Essa “Fé verdadeira,” como diz Leland, exige “longa e séria disciplina mental,” o que nos remete ao velho lembrete de que somente quando possuímos uma vasta gama de conhecimento e responsabilidade é que podemos dar início às práticas de magia – afinal, as consequências de um encantamento mal formulado podem ser desastrosas, ou no mínimo ineficazes.

Leland conclui seus comentários afirmando que o encantamento apresentado pode ser, desde que devidamente adaptado, de grande valia para diversas atividades – de astrônomos a caçadores, de botânicos a apostadores. Isso certamente nos dá margem de manobra para que o adaptemos às nossas próprias necessidades atuais.

Capítulo VII

Para Encontrar ou Comprar Algo ou Para Atrair Boa Sorte

O homem ou mulher que, quando prestes a partir para a cidade, deseja estar livre de perigos ou riscos de acidente, ou para atrair sorte nas compras, ou, por exemplo, quando um estudioso deseja encontrar um raro e anti-go livro ou manuscrito por preço bem acessível, ou quando qualquer um deseja comprar algo muito desejado ou encontrar pechinchas e raridades. Esta *scongiurazione* serve para boa saúde, alegria no coração, para livrar-se de males ou para superar inimigos. São palavras de ouro ao crédulo.

Hoje é terça-feira, e logo cedo
Eu de bom grado atraio boa fortuna a mim mesmo,
Primeiro em meu lar, e a seguir onde quer que eu vá,

E com o auxílio da bela Diana
Peço por sorte antes de deixar esta casa!

Primeiro, com três gotas de óleo eu removo
Toda a influência maligna, e humildemente peço,
Ó Bela Diana, a ti,
Que tire-a de sobre mim,
Enviando-a a meu pior inimigo!
Quando o azar
For de mim afastado,
Eu o lançarei no meio da rua,
E se me concedes este favor,
Ó bela Diana,
Todos os sinos de minha casa soarão alegremente!

Então, satisfeito,
Seguirei em frente,
Pois estarei seguro que com teu auxílio
Acharei antes de retornar
Bulos e antigos livros,
E a um preço módico.

E tu acharás o homem,
Aquele que possui o livro,
E irás em pessoa
Para por em sua mente,
Levando-o a saber
O que deves encontrar
E faz com que ele faça
Tudo o que pedires.
Ou se um manuscrito
Escrito em dias longínquos,
Tu o obterás do mesmo modo,

Ele virá a ti,
Também com preço baixo.
Comprarás o que desejas
Com o auxílio da grande Diana.

O texto acima foi obtido, após alguma demora, em resposta a um pedido de qual conjuração seria necessária antes de partir, para assegurar que alguém encontrasse um livro raro, ou outro objeto desejado, a um preço bem moderado.

Assim, a invocação foi elaborada adequadamente, para que fosse empregue em achados literários; mas aqueles desejosos de adquirir qualquer coisa em termos igualmente favoráveis deve tão somente alterar o pedido, mantendo a introdução, na qual está a virtude mágica.

Não posso, contudo, resistir à convicção de que isto é mais indicado, e trará melhores resultados, em buscas por objetos de antigüidade, estudos e arte, e deve ser adequadamente implantado firmemente na memória de cada caçador de quinquilharias e bibliógrafo. Devemos observar, honestamente, que a oração, ao invés de ser atendida, tornar-se-á negativa ou de má sorte, a não ser que aquele que a proferir o faça em plena fé, e isto não pode ser obtido apenas ao dizer a si mesmo, “eu acredito.” Pois para atingir fé verdadeira em qualquer coisa, precisamos de longa e séria disciplina mental, não existindo, em realidade, nenhum assunto do qual se fale tanto e se comprehenda tão pouco. Falo, aqui, seriamente, pois o homem que pode treinar sua fé para realmente crer e cultivar ou desenvolver sua vontade pode realmente operar o que o mundo, por consentimento geral, considera milagres. Virá o dia em que este princípio formará não só a base de

toda educação, mas também de toda a moral e cultura social. Expus, acredito, completamente este princípio numa obra intitulada “*Have You a Strong Will?*” ou “*How to Develop It or Any Other Faculty or Attribute of the Mind, and Render It Habitual,*”⁽¹⁾.

Contudo, o leitor de fé devotada pode, como declaram as bruxas, usar este encantamento diariamente antes de partir na busca e obtenção de quaisquer tipos de barganhas em lojas, ou encontrar objetos perdidos, ou, na verdade, achados de qualquer espécie. Se inclinado à beleza em forma feminina, ele terá boa sorte; se homem de negócios, serão suas as boas oportunidades. O botânico que o profere antes de partir rumo aos campos provavelmente descobrirá uma nova planta, e o astrônomo à noite pode ter quase certeza de encontrar um novo planeta, ou ao menos um asteróide. Deve ser repetido antes de ir às corridas, visitar amigos, locais de diversão, negócios, pronunciamentos, e especialmente antes de caçadas ou excursões noturnas, uma vez que Diana é a deusa da caça e da noite. Mas, ai daquele que o fizer por gracejo!

⁽¹⁾ “Você Tem Força de Vontade?” ou “Como Desenvolvê-la ou Qualquer Outra Capacidade ou Atributo da Mente e Torná-los Habituais”; Londres, George Redway (N. do T.)

O encantamento abaixo visa, a princípio, a atender uma necessidade básica: a de garantir ao vinicultor uma boa safra, garantindo-lhe, dessa forma, bons lucros para sua subsistência. Esconde, porém, temas de grande profundidade nos Mistérios da Magia. O primeiro, como observado por Leland em seus comentários, é a “ligação de Diana, a Lua, com Baco,” o deus romano do vinho. Isto pode nos remeter a antigos cultos extáticos de Dioniso, o Baco grego, que em última análise é associado a Cernunnos, o Deus Cornífero das tradições celtas. Através desta associação, vemos um interessante equilíbrio entre as polaridades sutil e ativa, ou feminina e masculina.

Outro ponto fundamental, que aparentemente passou desapercebido a Leland, é a figura ancestral do sagrado sacrifício ritual – aqui sutilmente representado pelo vinho tratado como o sangue de Diana – o próprio sangue da Deusa, o fluido energético vital que, quando corretamente

invocado e lançado sobre as plantações, garante o sucesso da safra. Inúmeros são os relatos que dão conta de sacrifícios rituais visando colheitas bem sucedidas, em tradições tão distantes no tempo e no espaço como as Celtas e as Maias. O ritual que veremos simboliza justamente esse sacrifício.

Leland observou ainda que a proibição da antiga tradição de se lançar um beijo à Lua, ou melhor, sua condenação pelo bíblico Jó, atesta a antigüidade desta prática que, sem dúvida, precede os cultos judaico-cristãos. Mais interessante ainda é o reconhecimento de Jó de que ele próprio poderia ficar “secretamente excitado” ao “contemplar a lua em seu caminho brilhante”... mais uma prova de que certamente a Antiga Religião buscara se perpetuar, apesar dos esforços do patriarcado judaico-cristão em suprimi-la...

Capítulo VIII
***Para Obter Vinho Bom e Vinho Muito Bom
com o Auxílio de Diana***

Aquele que desejar obter uma boa safra de vinho fino, deve apanhar um chifre pleno de vinho e com ele dirigir-se aos vinhedos ou fazendas onde cresçam as vinhas e, bebendo o vinho, dizer: Bebo, mas não é vinho o que bebo.

Bebo do sangue de Diana,
Pois o vinho se transformou em seu sangue,
E se espalhou por todas as minhas videiras em crescimento,
O que me trará bom retorno em vinho,
E mesmo que uma boa safra se me apresente,
Estarei dispensado de maiores cuidados, pois se acaso
As uvas amadurecessem na lua minguante,
Então todo o vinho azedaria, mas

Se ao beber desta taça bebo do sangue -
Do sangue da grande Diana - com seu auxílio -
Se lanço um beijo à lua nova,
Rogando à Rainha para que guarde minhas uvas,
No próprio instante em que o broto nasce
Até que seja uma uva madura e perfeita,
E em seguida a safra e por fim
Até que o vinho seja feito - que seja bom!
E que ocorra que eu dele
Obtenha bons lucros quando por fim o vender,
E assim a boa fortuna é lançada sobre minhas vinhas,
E por todas as minhas terras, sejam lá onde forem!

Mas, caso minhas vinhas não sejam a contento,
Apanharei meu chifre lançando-o vigorosamente
Ao tonel das vinhas, à meia-noite, e farei
Barulho tão forte e terrível
Que tu, bela Diana, não importa quão longe
Estejas, ouvirá o chamado,

E abrindo a porta ou a janela,
Virás a um só tempo sobre os ventos sibilantes,
Encontrar-me e salvar-me - ou seja, salvar minhas vinhas,
O que será salvar-me de grandes infortúnios;
Pois se as perco, perco a mim mesmo,
Mas com seu auxílio, Diana serei salvo.

Esta é uma tradição e uma invocação muito interessante, provavelmente de grande antigüidade segundo intrigantes evidências intrínsecas. Pois é, a princípio, dedicada a um tópico que recebe pouca atenção – a ligação de Diana, como a Lua, com Baco, apesar de o grande

Dizionario Storico Mitologico, de Pozzoli et al, afirmar expressamente que, na Grécia, seu culto estava associado ao de Baco, Esculápio e Apolo. O elo de ligação é o chifre. Numa medalha de Alexandre Severus, Diana de Éfeso segura a cornucópia da fartura. Este é o chifre, ou chifre da Lua Nova, sagrado a Diana. De acordo com Callimachus, o próprio Apolo ergueu um altar totalmente feito de chifres a Diana.

A ligação do chifre com o vinho é óbvia. Era costume entre os antigos eslavônios que o sacerdote de Svantevit, o deus Solar, checasse que o chifre na mão do ídolo estivesse cheio de vinho, para assegurar uma boa colheita no ano vindouro. Se estivesse cheio, tudo estava bem; caso contrário, ele encheria o chifre, beberia dele e substituiria o chifre na mão do ídolo, prevendo que tudo acabaria por correr bem. É impossível que o leitor não perceba a estranha semelhança com a invocação italiana, sendo a única diferença o fato de que em uma o Sol é invocado enquanto que na outra é a Lua, para assegurar uma boa colheita.

Entre as lendas de Florença, temos a da Via del Corno, na qual o herói, caindo em uma grande tina de vinho, é salvo do afogamento ao soprar um chifre com tremenda força. Ao ouvir o som, que percorre uma incrível distância, alcançando até mesmo terras desconhecidas, todos partem apressados, como que encantados para salvá-lo. Nesta conjuração, Diana, nas profundezas do paraíso, é apresentada correndo ao som do chifre, e saltando por portas e janelas para salvar a safra daquele que sopra. Há uma certa afinidade singular entre essas histórias.

Na história da Via del Corno, o herói é salvo pelo Gnomo Vermelho, ou Robin Goodfellow, o qual lhe dá um

chifre, e este é o mesmo duende que surge na conjuração da Pedra Redonda, a qual é sagrada a Diana. Isto porque o espírito é noctívago, e é um servidor de Diana-Titania.

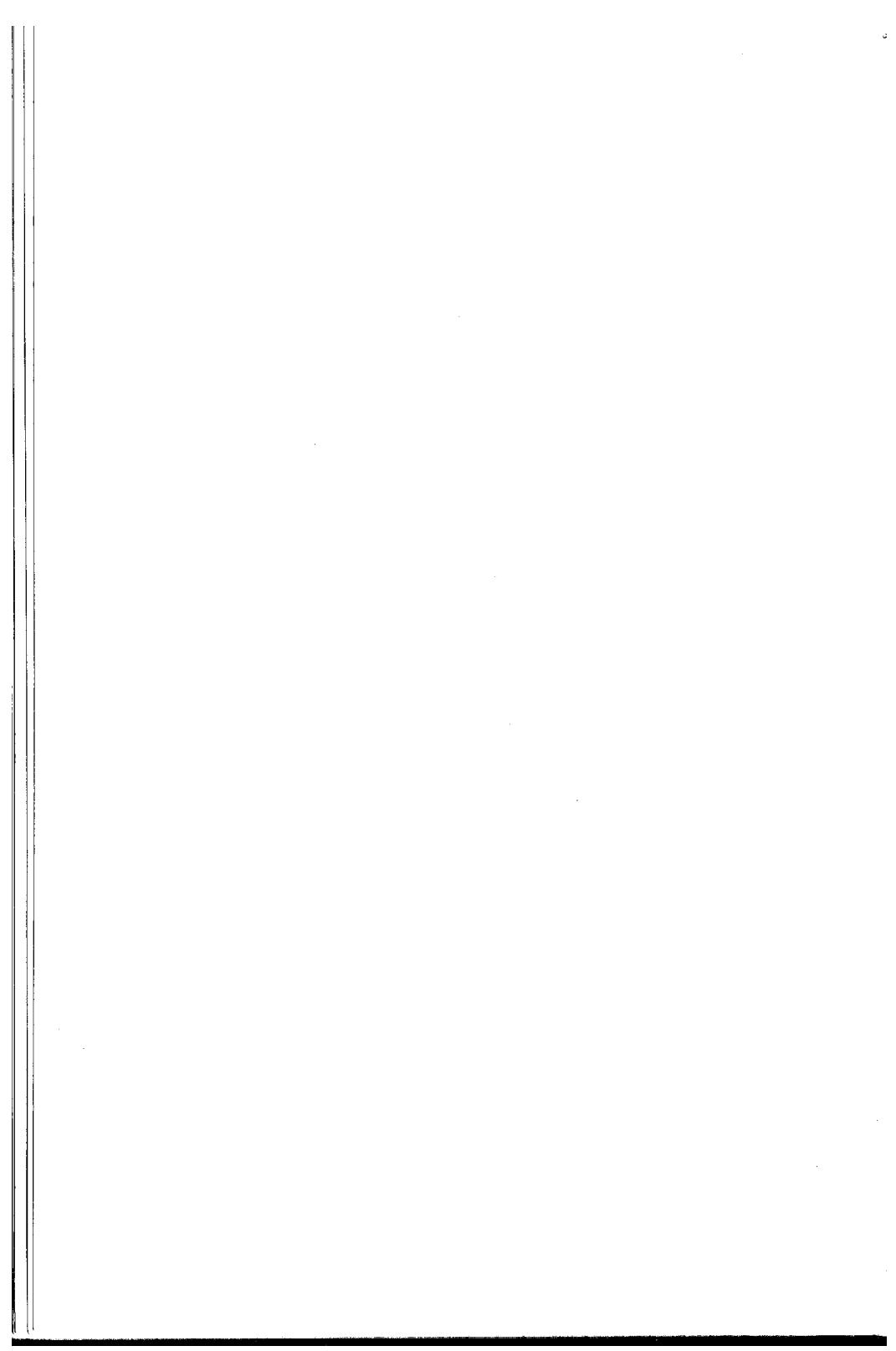
Lançar um beijo à Lua Nova é uma cerimônia de remota antigüidade, e Jó, mesmo em sua época, a considerava pagã e proibida – o que sempre quer dizer antiquada e fora de moda – como quando ele declara (XXXI, 26, 27) “Se ao contemplar a lua em seu caminho brilhante... meu coração ficar secretamente excitado ou minha boca beijar minha mão... também isto será uma iniquidade a ser punida pelo Juiz, pois eu terei negado o Deus acima de nós.” Disso podemos ou devemos inferir que Jó não achava que Deus tivesse criado a Lua e estivesse presente em to-das as Suas obras, ou ainda que ele realmente acreditasse que a Lua era uma deidade independente. De qualquer forma, é interessante ver que o antigo rito proibido ainda vive, herético como sempre.

A tradição, como me foi transmitida, omite clara-mente uma parte da cerimônia, a qual pode ser fornecida por autoridades clássicas. Quando o camponês pratica o rito, ele não pode fazê-lo como o fez um africano, o qual era empregado de um amigo meu. A função do homem era a cada manhã derramar uma libação de rum sobre um amuleto – e ele a derramava em sua própria garganta. O camponês devia também espargir as vinhas, assim como os fazendeiros de Devonshire, os quais observavam todas as cerimônias Natalinas, espargiam, também de um chifre, suas macieiras.

Diana, a Grande Deusa, é aqui apresentada em sua versão etrusca, Tana; apaixonada por um belo jovem chamado Endamone (Endymion), ela se vê às voltas com uma vingativa e invejosa bruxa com que tem que competir pelo amor de Endamone.

Apesar de “muito mais poderosa,” Diana não consegue desfazer o sortilégio lançado pela bruxa, através do qual Endamone fora condenado a dormir eternamente, desejando Tana em seus sonhos.

Para burlar esse encantamento, Tana entra em contato com Endamone justamente através de seus sonhos. O tema aqui, como observado por Leland, é o do Irmão Sol/Irmã Lua, ou dos amantes condenados a uma eterna e inatingível busca um pelo outro – como o dia e a noite, como Diana e Apolo.



Capítulo IX

Tana e Endamone, ou Diana e Endymion

“Agora é sabido que Endymion, admitido no Olimpo, de onde havia sido expulso por desrespeito a Juno, foi banido por trinta anos, os quais passou na Terra. E por ter podido dormir durante esse período numa caverna no Monte Latmos, Diana, encantada com sua beleza, visitava-o todas as noites, até que tivesse dele gerado cinqüenta filhas e um filho. E após isto, Endymion foi reconvocado ao Olimpo.”

Dizionario Storico Mitologico

A lenda que se segue, bem como os encantamentos, foram fornecidos sob o nome ou título de TANA. Este era o antigo nome etrusco de Diana, ainda hoje preservado

na Romagna Toscana. Encontrei, em mais de uma obra italiana e francesa, algum registro ou lenda de como uma bruxa encantou uma garota para que dormisse para um amante, mas esta é a única explicação de toda a cerimônia que conheço.

A Lenda de Tana

Tana é uma bela deusa, e ela amava um jovem maravilhosamente belo chamado Endamone; mas seu amor havia sido cruzado por uma bruxa sua rival, apesar de Endamone não se importar com a última.

Mas a bruxa estava resoluta em conquistá-lo, estivesse ele interessado ou não, e com este intuito ele induziu o servente de Endamone a deixá-la passar a noite nos apartamentos deste último. Lá estando, ela assumiu a aparência de Tana, a quem ele amava, para que ele se deliciasse ao contemplá-la, como ele cria, enquanto dava-lhe as boas vindas com apaixonados abraços. Isto o pôs sob os poderes dela, pois permitiu que ela praticasse um certo encantamento mágico ao cortar-lhe um cacho de cabelos.

A seguir, ela partiu para casa, e com um pedaço de intestino de ovelha, formou uma bolsa, na qual depositou o que havia obtido, com uma fita preta e outra vermelha atadas em conjunto, com uma pena, e pimenta e sal, e em seguida, cantou uma canção. Esta é a letra, uma canção de bruxaria de grande antigüidade.

Esta bolsa para Endamon criei,
É minha vingança pelo amor,
Pelo profundo amor que por ti nutri,
O qual não hás de me retornar,

Mas, sim, derramar ao seio de Tana,
E Tana jamais há de ser tua!
Agora, todas as noites, em agonia,
Por mim serás oprimido!
Dia após dia, hora após hora,
Farei com que sintas o poder da bruxa;
Com a paixão serás atormentado,
E com prazer jamais satisfeito;
Envolto em sono deves jazer,
Para saberes que tua amante está por perto,
E, sempre a morrer, jamais morrerá,
Sem as forças para pronunciar palavra,
Nem a voz dela poderás ouvir;
Atormentado pela agonia do amor,
Não haverá alívio para ti!
Pois meu forte sortilégio não podes quebrar,
E de tal sono jamais deves despertar;
Pouco a pouco, deves fenecer,
Qual vela sobre a brasa.
Pouco a pouco, deves morrer,
E em vida eterna, jazer torturado,
Ardendo de desejo, mas sempre fraco,
Sem forças para se mover ou falar,
Com todo o amor que nutro por ti,
Deves ser atormentado,
Pois todo o amor que recentemente nutri
Sentirás como fosse ódio ardente,
Curvado para sempre sob a tua tortura,
Estou vingada e assim satisfeita.

Mas Tana, que era muito mais poderosa que a bruxa, apesar de incapaz de quebrar o encantamento pelo qual ele foi levado a dormir, afastou-o de toda a dor (ela a

conheceu em sonhos) e, abraçando-o, ela cantou este contra encantamento:

Endamone, Endamone, Endamone!
Pelo amor que sinto, o qual eu
jamais sentirei até que morra,
Três cruzes faço em tua cama,
E apanho então três nozes,
Na cama escondo as nozes,
Abrindo a seguir a janela,
Para que a Lua lance sua luz
Sobre o amor, tão belo e brilhante,
Oro, então a ela no céu
Para que nosso amor desfrute de grande prazer,
E lance sua chama em cada coração,
Os quais loucamente amam para jamais se abandonarem;
E mais uma coisa de ti imploro!
Se qualquer pessoa estiver enamorada,
E a meus cuidados depositar seu amor,
Seu chamado atenderei sem demora.

E assim foi que a bela deusa fez amor com Endamone como se estivessem despertos (apesar de se comunicarem em sonhos). E assim é até hoje, pois quem quer que faça amor com alguém que durma, terá o auxílio da bela Tana, e ao fazê-lo obterá sucesso.

Esta lenda, semelhante em muitos detalhes ao mito clássico, é estranhamente permeada por práticas de bruxaria, mas mesmo estas, quando investigadas, provariam ser tão antigas quanto o resto do texto. Assim sendo, o intestino da ovelha – usado no lugar da bolsa de lã vermelha empregada em magia benéfica – as fitas vermelhas e pretas,

unindo tramas de alegria e pesar, a pena (de pavão), a pimenta e o sal, surgem em muitos outros encantamentos, mas sempre para atrair danos e causar sofrimento.

Nunca havia visto isto antes observado, mas é verdade que Keats, em seu belíssimo poema sobre Endymion, fugiu de ou ignorou completamente todo o espírito e o significado do antigo mito, enquanto que nesta tosca canção de bruxa ele é ricamente detalhado. O conceito é o de um belo jovem furtivamente beijado durante seu sono por Diana, de notória castidade. O antigo mito trata, para início de conversa, de luz e treva, ou dia e noite, de onde nascem as cinqüenta e uma (agora cinqüenta e duas) semanas do ano. Trata-se de Diana, a noite, e Apolo, o sol, ou a luz em outra forma. É expressa através da união amorosa durante o sono, a qual, quando realizada na vida real, geralmente tem como agente ativo alguém que, sem ser modesto em absoluto, deseja preservar a aparência. O caráter estabelecido de Diana entre os Iniciados (para os quais ela foi amargamente distorcida pelos Padres da Igreja) é o de uma bela hipócrita que silenciosamente buscava o amor em segredo.

“Assim, como a lua Endymion se deitou com ela, também o fizeram Hipólito e Verbio.”

Há, porém, uma especialmente sutil e delicadamente estranha idéia ou ideal na concepção da aparentemente casta “clara e fria lua” lançando furtivamente sua luz viva nos recessos ocultos da escuridão e atuando nos mistérios ocultos do amor ou dos sonhos. Assim, para Byron pareceu uma noção original o fato de o sol não brilhar sobre metade dos feitos secretos testemunhados pela Lua, e isto fica enfatizado no poema bruxesco italiano. Nele, a Lua é dis tintamente invocada como protetora de um estranho e se

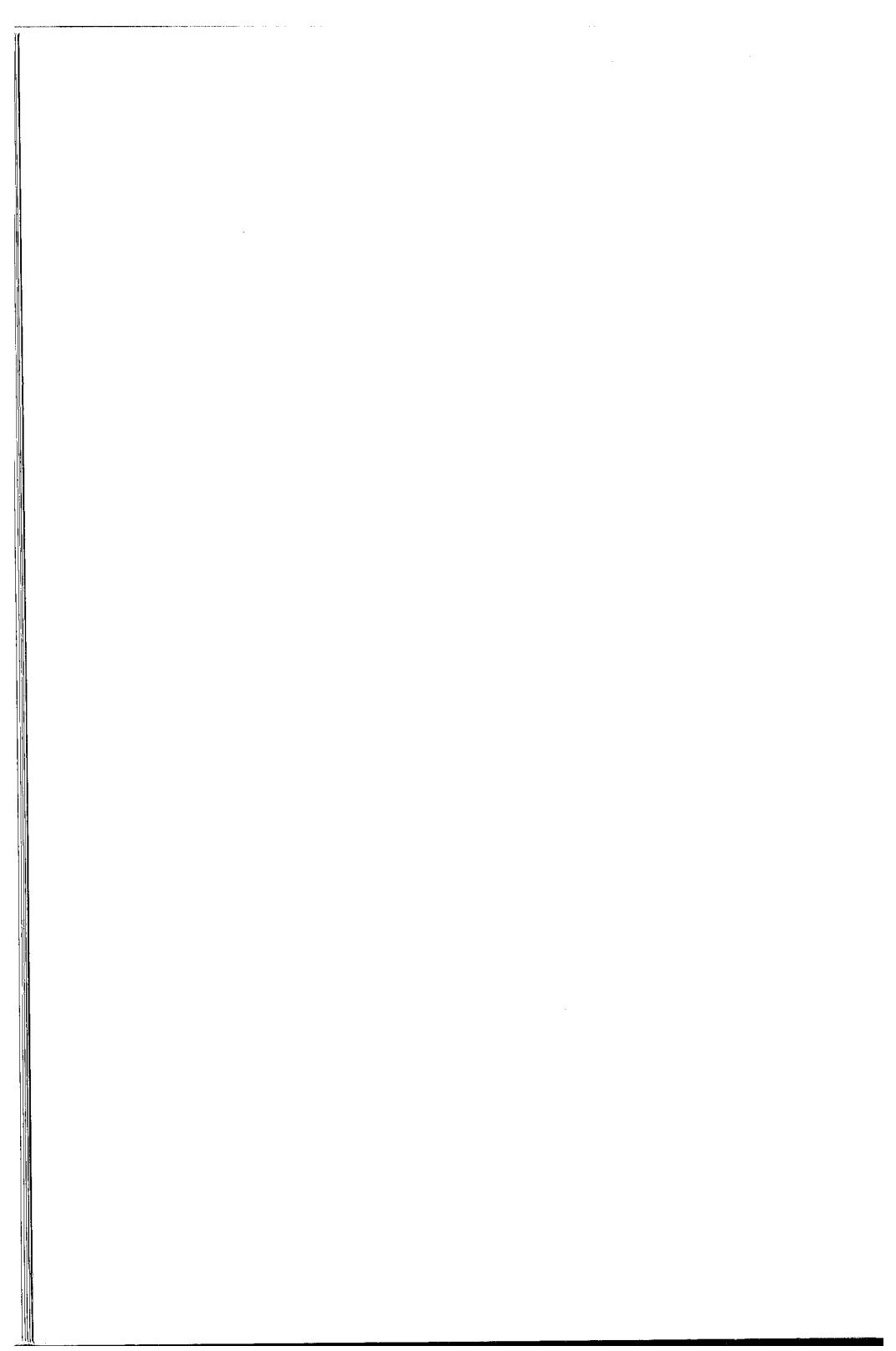
creto amor, bem como a deidade a ser especialmente invocada para a consumação de tal amor. Aquele que a invoca diz que a janela está aberta, “para que a Lua possa reluzir esplendidamente sobre a cama, assim como brilhante e belo é nosso amor... e peço a ela que nos confira intenso prazer”.

A trêmula e misteriosamente bela luz do luar, que parece lançar um espírito de inteligência ou de emoção sobre a natureza silenciosa, despertando-a parcialmente – formando sombras sobre os pensamentos e fazendo com que cada árvore e cada pedra assumam a aparência de uma forma viva, mas que, enquanto brilha e respira, ainda permanece adormecida como que em sonho – não deixou de ser notada pelos Gregos, e estes a representaram como a Diana que abraça Endymion. Uma vez, porém, que a noite é o período sagrado ao segredo, e que a verdadeira Diana dos Mistérios era a Rainha da Luz, a qual usava o crescente, e a senhora de todas as coisas ocultas, inclusive os “doces pecados secretos e as queridas iniquidades,” há muito mais por trás deste mito do que podemos aparentemente supor. E do mesmo modo como Diana era tida como a Rainha das livres bruxas e da Noite, ou como a própria Vênus-Astarte noturna, também o amor pelo Endymion adormecido seria compreendido como sensual, e ainda assim sagrado e alegórico. E foi exatamente com este sentido que as bruxas da Itália, as quais podem afirmar com algum direito serem suas verdadeiras herdeiras, preservaram e entenderam o mito.

Trata-se da realização do amor proibido ou secreto, com a atração pela visão turva do belo-ao-luar, com o encantamento de fadas ou de bruxas do sobrenatural – um romance combinado de modo único – o encantamento da Noite!

“Há um perigoso silêncio nessa hora
Uma imobilidade que permite à alma íntegra
Abrir-se por completo, sem o poder
De permitir a retomada de seu autocontrole;
A luz prateada que, abençoando árvore e flor,
Derrama beleza e profunda suavidade sobre tudo,
Suspirando também ao coração, sobre o qual lança
Uma adorável languidez que não é repouso.”

É a isto que se refere o mito de Diana e Endymion. É o transformar em divino ou estético (o que para os Gregos era uma só coisa) aquilo que é alvo de paixão, secreto e proibido. É o encanto das águas furtadas, doces, intensificadas pela poesia. E é admirável que tenha sido tão es-tranhamente preservado pelas tradições italianas.



Uma bela lenda nos é aqui apresentada em estado bruto. Do mesmo cunho dos contos-de-fadas, como Cinderela ou A Bela Adormecida, “Madona Diana” é o típico conto da jovem sonhadora auxiliada por entidades mágicas -- neste caso, Diana.

A jovem Rorasa, amargurada com sua vida amorosa, decide tirar sua própria vida, ao se atirar do alto de uma torre. Ela, porém, é salva por Diana, a qual é erroneamente identificada pelas testemunhas do feito mágico como sendo a Madona, a mãe de Cristo, a operar um milagre. Diana aconselha Rorasa a seguir o “Evangelho das Bruxas,” pois então seus desejos seriam atendidos. Após vagar pelos campos (um simbolismo do retorno à natureza), ela invoca Diana e é atendida em seu desejo de casar-se com grande pompa e felicidade.

O suicídio aqui nada tem a ver com a literal destruição da própria vida, mas representa o ato voluntário de por fim a uma fase da vida, e de ingressar numa nova condição

de existência. É o processo de Iniciação, quando deixamos para trás uma crença que não mais nos satisfaz para ingressarmos em outra religião – no caso em questão, o Paganismo, ou A Velha Religião.

Quando Rorasa é salva de sua queda fatal, ela está na verdade sendo acolhida pela própria Diana em seu culto; ela, em seguida, vaga a esmo pelos campos, ou seja, reintegra-se à Natureza e a seus ciclos, tão caros às práticas pagãs, para depois despertar em um novo mundo, uma nova realidade, onde tudo é belo e todos os seus desejos são atendidos.

Esse é o mundo da Magia e da Bruxaria, mas somente aqueles que acolhem a Deusa em seu coração são capazes de experimentá-lo, como podemos ver na conclusão do conto, onde o sacerdote cristão não percebe que as dez estátuas de madeira e terracota que surgiram miraculosamente na igreja são, na verdade, representações de Diana — e não imagens da Madona. Outra coisa atestada por este conto é o convívio, ainda que marginal, da Stregheria com a Nova Religião cristã.

Capítulo X

Madona Diana

Certa vez, havia, nos idos tempos de Cettardo Alto, uma bela garota de indescritível beleza, e ela se uniu a um jovem rapaz igualmente notável por sua bela aparência; mas, apesar de bem nascidos e bem educados, a fortuna e os infortúnios da guerra ou do destino fizeram com que fossem extremamente pobres. E se a jovem donzela possuía algum defeito, este era seu grande orgulho, e ela não se casaria por vontade própria se não fosse em grande estilo, com luxo e festividades, um belo vestido, e com muitas damas de honra de berço.

E isto se tornou para a bela Rorasa – pois este era seu nome – um objeto de desejo, a ponto de sua cabeça ser parcialmente afetada por isso, e as outras garotas que

conhecia, indignadas pelos muitos homens que ela recusara, troçavam dela amargamente, perguntando-a quando ocorreria o belo casamento, além de muitas outras provocações, até que, tomada por momentânea loucura, ela subiu ao topo de uma alta torre, de onde se atirou; como se não bastasse, havia sob a torre uma terrível ravina, sobre a qual ela caiu.

Mas ela não sofreu nenhum dano, pois enquanto caía surgiu-lhe uma bela mulher, indubitavelmente não terrena, que tomou-a pela mão e a levou pelos ares para um local seguro.

Então, todas as pessoas ao redor que viram ou ouviram o fato gritaram, “Vejam! Um milagre!” e se reuniram e celebraram um grande festival, tentando persuadir Rorasa de que ela havia sido salva pela Madona.

Mas a senhora que a salvou, indo ter com ela em segredo, disse-lhe: “Se tens algum desejo, segue o Evangelho de Diana, ou o que se chama de Evangelho das Bruxas, as quais cultuam a Lua. Se adoras a Lua, obterás o que desejas!”

Então, a bela garota saiu sozinha à noite a vagar pelos campos, e ao ajoelhar-se sobre uma pedra numa velha ruína, ela louvou a lua e assim invocou Diana:

Diana, bela Diana!
Tu que me salvaste de horrível morte
Quando caía sobre a escura ravina!
Peço-te para que me concedas outra graça.
Dá-me um glorioso matrimônio, e com ele
Muitas damas-de-honra, belas e importantes;
E se me concedes este favor,
Sincera serei ao Evangelho das Bruxas!

Quando Rorasa despertou-se na manhã seguinte, ela se viu em outra casa, onde tudo era magnífico e, tendo se levantado, uma bela camareira a conduziu a outro apartamento, onde ela foi vestida com um soberbo traje de casamento. A seguir surgiram dez jovens moças, todas elas em vestes esplêndidas, e com elas e muitas outras pessoas distintas ela seguiu para a igreja em uma carruagem. E todas as ruas estavam tomadas por música e pessoas portando flores.

Ela então encontrou-se com o noivo, e casou-se segundo o desejo de seu coração, com dez vezes mais pompa do que ela jamais havia sonhado. A seguir, após a cerimônia, houve uma longa festa à qual toda a nobreza de Cettardo estava presente; ademais, toda a cidade, os ricos e os pobres, celebraram.

Quando o casamento se encerrou, cada uma das damas-de-honra ofertou um magnífico presente à noiva – uma lhe deu diamantes, outra um pergaminho (escrito) em ouro, após o que pediram permissão para ir em conjunto à sacristia. Lá permaneceram por algumas horas, sem serem perturbadas, até que o sacerdote enviou seu clérigo para perguntar se elas desejavam algo. Mas, para surpresa do jovem, este deparou-se não com as dez damas-de-honra, mas com dez imagens ou representações em madeira e terracota de Diana, de pé sobre a Lua, e eram todas tão ricamente adornadas que deviam ser de imenso valor.

Assim sendo, o sacerdote pôs tais imagens no interior da igreja, a qual é a mais antiga em Cettardo, e agora pode-se ver em muitas igrejas a Madona com a Lua, mas esta é Diana. O nome Rorasa parece indicar o latim *ros*, o orvalho, *rorare*, rociar, orvalhar, *rorulenta*, rociada – na

verdade, a deusa do orvalho. Sua grande queda, sendo em seguida erguida por Diana, sugere o derramar noturno do orvalho, seguido por sua evaporação sob a influência da lua. É possível que se trate de uma velha lenda mítica Latina. A seda branca e os diamantes remetem ao orvalho.

Em seu intróito ao conto a seguir, Leland nos diz que tal conto, a exemplo do anterior, também prova a convivência, mesmo que clandestina, entre a Stregheria e o cristianismo. Trata-se de uma bela lenda, na qual uma jovem resiste aos planos de seus pais, que a querem num convento cristão, enquanto que ela deseja casar-se e ser feliz ao lado de seu esposo. Surge então uma governanta que, por sua vasta cultura e bondade (A Anciã), tem a missão de incutir na jovenzinha valores cristãos e apreço pela fé no Deus.

Ironicamente, é essa sábia senhora que irá introduzir a jovem no caminho da bruxaria. Tão logo ingressa nos caminhos da Stregheria, a jovem tem seu principal desejo prontamente atendido por Diana, na forma de um “valioso e rico cavaleiro,” o pretendente ideal à sua mão. Sua mãe, porém, teimosamente, se opõe ao casamento, ainda que isso trouxesse imenso sofrimento a sua filha. A história se desenrola até o gran finale, mas dois são os

pontos que não podem fugir à percepção do leitor; o primeiro, quando Leland compara o martírio dos seguidores da Vecchia Religione, a Velha Religião pagã, ao dos primeiros cristãos, perseguidos e atirados aos leões pelos romanos. E o segundo, durante o diálogo entre a jovem e a sábia governanta, quando esta última lança a pergunta: “Por que cultuar uma deidade a qual não podemos ver, quando possuímos a Lua, visível em todo o seu esplendor?”

Não é justamente esta a pergunta que todos e cada um de nós faz ao abraçar a Arte do Paganismo? Por que nos contentar em temer um deus distante e vingativo, quando podemos amar honesta e desinteressadamente deidades pagãs, tão próximas, íntimas e prestativas? Isto é válido tanto para a Wicca como para a Stregheria e todas as vertentes da Religião da Deusa.

Capítulo XI

A Casa do Vento

A seguinte história não pertence ao Evangelho das Bruxas, mas eu a incluí por confirmar o fato de que o culto a Diana coexistiu por longa data com o cristianismo. Seu título completo no manuscrito original, o qual foi redigido por Maddalena após ouvir o relato de um homem natural de Volterra, é “A Peregrina da Casa do Vento.” Podemos acrescentar que, como declara a lenda, a casa em questão ainda está de pé.

Há uma casa de camponeses no sopé do morro ou acrílico que leva a Volterra, chamada Casa do Vento. Próximo a ela, havia outrora um pequeno palácio, a morada de um casal, que possuía apenas uma criança, uma filha por eles adorada.

Com efeito, se a criança tivesse uma simples dor de cabeça, ambos tinham um ataque de medo. Pouco a pouco, a criança amadureceu, e a vontade da mãe, uma grande devota, era de que ela se tornasse uma freira. Mas, a garota não apreciava a idéia, e declarou que desejava se casar, como as outras.

Ao olhar através de sua janela, um dia, ela viu e ouviu os pássaros a cantar por entre as videiras e as árvores, tão alegremente que disse esperar um dia ter uma família de pequenos pássaros, cantando a seu redor num alegre ninho. Isso irritou sua mãe de tal modo, que ela aplicou-lhe um tapa. A jovem moça desabou em prantos, mas respondeu espirituosamente, dizendo que se voltasse a receber esse tipo de tratamento, certamente logo descobriria um meio de fugir e se casar, pois não admitia a hipótese de se tornar freira contra sua vontade.

Ao ouvir isto, a mãe ficou seriamente assustada, pois conhecia o caráter de sua filha, e temeu que ela já possuísse um amante, e que faria um grande escândalo sobre o tapa; deixando isso de lado, lembrou-se de uma velha anciã, de boa mas reduzida família, famosa por sua inteligência, cultura e poder de persuasão, e pensou, “Esta é a pessoa ideal para induzir minha filha a se tornar pia, enchendo-a com devoção e fazendo dela uma freira.” Assim, ela foi ter com essa sábia pessoa, nomeando-a imediatamente governanta e ama constante da jovem donzela, que, ao invés de discutir com sua guardiã, passou a ter-lhe em alta estima.

Contudo, nem tudo neste mundo ocorre como planejamos, e ninguém sabe, ao certo, que tipo de peixe se oculta sob uma pedra no leito de um rio. Pois ocorreu que a governanta não era nem um pouco católica, como

veremos, e não constrangeu sua pupila com ameaças de uma vida entre freiras, tampouco aprovando tal vida.

Ocorreu que a jovem donzela, acostumada que estava a deitar-se acordada durante a noite para ouvir o canto dos rouxinóis, pensou ter ouvido a governanta no quarto ao lado, cuja porta estava aberta, levantar-se e ir até a grande varanda. Na noite seguinte, ocorreu a mesma coisa, e ao erguer-se silenciosamente – e sem ser vista –, ela viu a senhora a orar, ou ao menos ajoelhada ao luar, o que lhe pareceu conduta das mais estranhas, ainda mais porque a senhora ajoelhada pronunciava palavras que a jovem não conseguia compreender, e que certamente nada tinham a ver com a liturgia da Igreja.

Por estar muito intrigada com a estranha ocorrência, ela, finalmente, e com tímidas apologias, contou à governanta o que havia visto. Esta última, após uma breve reflexão, primeiro fê-la jurar segredo de vida e morte, pois, como declarou, era um assunto muito perigoso, e em seguida falou o seguinte:

“Eu, como tu, quando jovem, fui instruída por pais a cultuar um deus invisível. Mas, uma velha senhora, na qual eu depositara grande confiança, disse-me uma vez: ‘Por que cultuar uma deidade a quem não podemos ver, quando possuímos a Lua visível em todo o seu esplendor? Cultue-a. Invoque Diana, a deusa da Lua, e ela atenderá seus pedidos.’ Isto é o que deves fazer, seguindo o Evangelho (das bruxas e) de Diana, a Rainha das Fadas e da Lua.”

A jovem donzela, persuadida, converteu-se ao culto de Diana e da Lua e, tendo pedido do fundo do coração por um amante (ela havia aprendido a conjuração à deusa) foi logo atendida com a atenção e devoção de um valioso

e rico cavaleiro, sem dúvida um pretendente tão admirável quanto se poderia desejar. Mas a mãe, muito mais propensa à vingança e à vaidade cruel do que a atender a felicidade de sua filha, ficou furiosa, e quando o cavalheiro veio lhe dirigir palavra, ela o dispensou, pois sua filha estava destinada a tornar-se freira, e uma freira ela seria ou morreria.

A jovem donzela foi então trancafiada na cela de uma torre, sem nem mesmo a companhia de sua tutora, e isolada em grande dor, sendo obrigada a dormir sobre o chão de pedra, e teria morrido de fome se sua mãe persistisse em seus métodos.

Então, nesta desesperada situação, ela orou por Diana para que esta a libertasse; encontrou, para seu espanto, a porta da prisão destravada, e fugiu com facilidade. Então, tendo conseguido um vestido de peregrina, ela viajou para bem longe, ensinando e pregando a religião antiga, a religião de Diana, a Rainha das Fadas e da Lua, a deusa dos pobres e oprimidos.

E a fama de sua sabedoria e beleza se espalhou por toda a terra, e as pessoas a cultuavam, chamando-a de La Bella Pellegrina. Por fim, sua mãe, ouvindo falar dela, enfureceu-se como nunca antes, e finalmente, após muitos problemas, conseguiu que ela fosse presa e lançada à prisão. Em seguida, de modo realmente maldoso, ela lhe perguntou se viraria freira; ao que ela respondeu que isso era impossível, pois havia abandonado a igreja católica e se tornado uma seguidora de Diana e da Lua.

A conclusão desta história mostra que a mãe, dando a filha como perdida, entregou-a aos padres para que fosse torturada e morta, como faziam com todos aqueles que deles discordavam ou que abandonavam sua religião.

Mas as pessoas ficaram muito descontentes com isto, pois eles adoravam sua beleza e bondade, e poucos foram os que não desfrutaram de sua caridade.

Porém, com o auxílio de seu amante, ela obteve uma última graça: que na última noite antes de ser torturada e executada ela pudesse, sob a vigilância de um guarda, sair ao jardim do palácio e orar. Isto ela fez, e de pé à porta da casa, que ainda existe, ela orou sob a luz da Lua Cheia de Diana, para que se libertasse da terrível perseguição a que fora sujeitada, uma vez que até mesmo seus próprios pais conscientemente a entregaram a uma horrível morte.

Então, seus pais e os padres, e todos os que pediam sua morte, estavam reunidos no palácio vigiando para que ela não escapasse.

Quando então, em resposta a suas orações, surgiu uma terrível tempestade com ventos devastadores, uma borrasca como o homem jamais vira, que desterrou e lançou longe o palácio e todos que nele estavam; não restou pedra sobre pedra, tampouco uma alma viva dentre todos que ali estavam. Os deuses atenderam a sua prece.

A jovem donzela escapou alegremente com seu amante, com ele se casou, e a casa do camponês onde ela ficou de pé ainda se chama a Casa do Vento.

Esta é a versão da história exatamente como a recebi, mas eu mesmo admito que condensei bastante a linguagem do texto original, composto de vinte páginas, o qual, no que tange informações sem importância, indica a capacidade do narrador em escrever um conto moderno médio, ou mesmo uma novela francesa de segunda linha, o que é grande coisa. É verdade que não há no texto descrições detalhadas dos cenários, céus, árvores ou nu-

vens – e muito poderia ser dito de Volterra nesse aspecto – mas se desenrola de modo a indicar um certo dom. No entanto, a narrativa em si é bastante incomum e vigorosa, pois trata-se de uma relíquia do mais puro paganismo clássico, e da sobrevivência da fé na antiga mitologia, a qual não pode ser igualada pelo Helenismo de segunda mão refletido pelos Estetas.

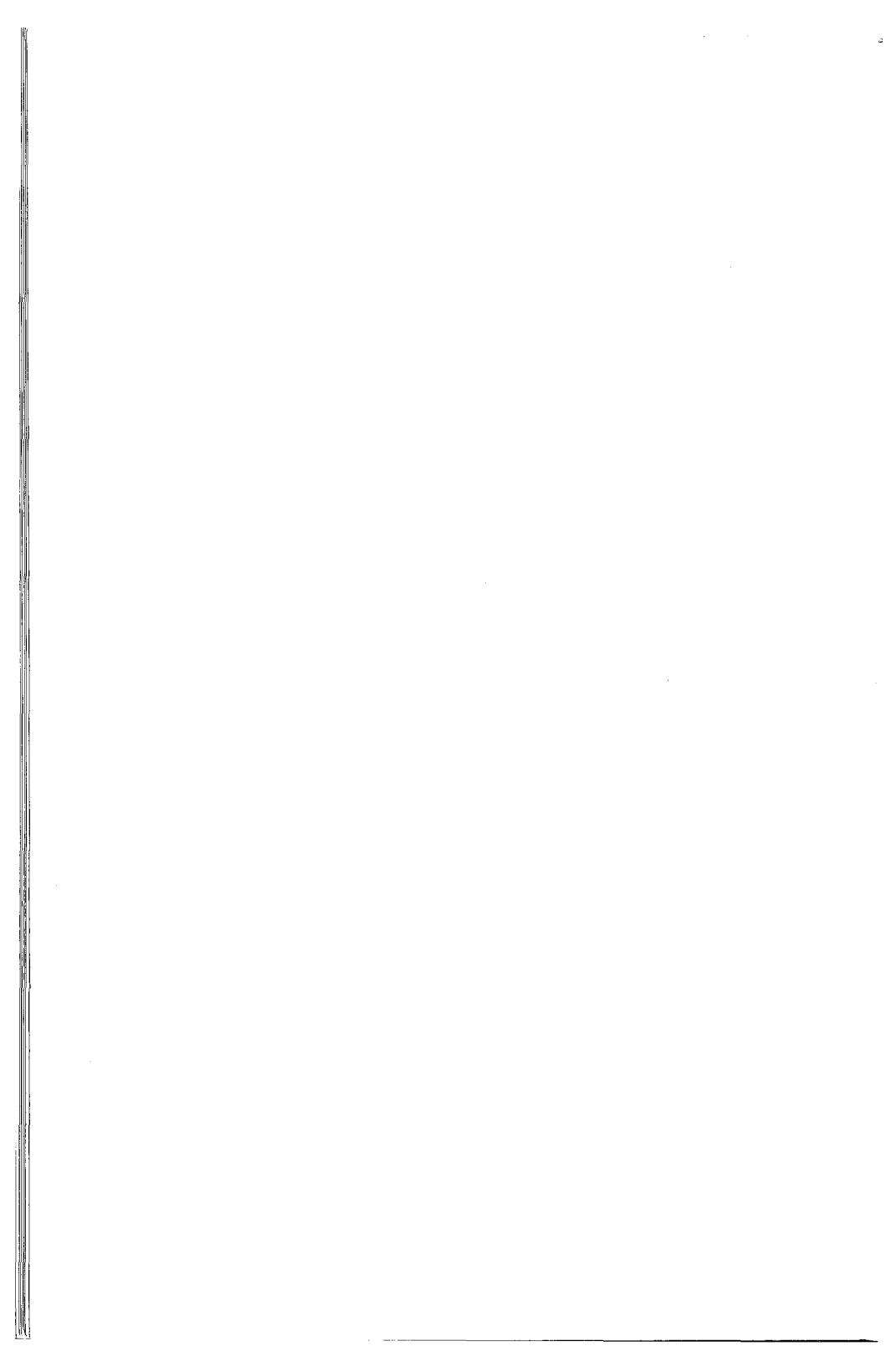
Que um verdadeiro culto ou crença nas divindades clássicas tenha sobrevivido até o presente nas próprias terras papais é um fato muito mais curioso do que um mamute vivo que tivesse sido descoberto em algum canto isolado do planeta, pois trata-se de um fenômeno humano. Antevejo a chegada de um dia, talvez nem tão distante, em que o mundo dos estudiosos se espantará com o período tardio até o qual um imenso corpo de tradições antigas sobreviveu no Norte da Itália, e com que indiferença ele foi tratado pelos homens cultos; e que tenha havido apenas um homem, ainda por cima estrangeiro, que devotou-se a colecionar e preservar essa tradição.

É bem provável que tenha havido tantos episódios tocantes sobre os mártires pagãos que foram forçados a abandonar suas deidades amadas, como Diana, Vênus, as Graças e tantas mais, cultuadas por sua beleza, quanto houve até mesmo entre os cristãos, lançados aos romanos. Pois os pagãos amavam seus deuses com uma devoção pessoal humana, sem misticismo ou temores, como se fossem parentes; e havia muitos dentre eles que realmente acreditavam que, quando alguma jovem senhorita cometia uma gafe, se livrava da acusação ao atribuir o ato a algum deus, fauno ou sátiro; o que é bem tocante. Há muito a ser dito tanto a favor quanto contra os idólatras, ou cultuadores de bonecas, como ouvi uma menininha defini-los.

Leland apresenta, no capítulo seguinte, um pequeno poema conhecido como “Tana, A Deusa da Lua”, comparando-o a outro poema de William Wordsworth, poeta e dramaturgo inglês do século XVIII; segue-se então profunda análise acerca das traduções e versões de mitos e lendas antigas.

Leland afirma que a tradução de poemas mitológicos e ocultos não deve se preocupar em demasia com a manutenção da métrica e da rima, pois isso pode omitir ou distorcer a poesia intrínseca, não apenas os sons e ritmos, mas o lirismo das idéias contidas no poema.

O capítulo termina com uma análise que é uma verdadeira apologia aos tradutores que preservam o formato original dos textos, sem se importar tanto com a estética, e conta ainda com um lembrete àqueles que não conservam os livros. Todo livro é, em essência, um receptáculo de conhecimento, e se este, hoje, é banal, pode ser imensamente precioso para gerações futuras.



Capítulo XII

Tana, a Deusa da Lua

A história a seguir, originalmente constante das Len-das de Florença, compiladas entre o povo por mim, na verdade não pertence ao Evangelho das Bruxas, pois não está de completo acordo com ele; mesmo assim, não poderia ser omitido, pois trata do mesmo assunto. Nela Diana surge simplesmente como a deusa lunar da castidade, portanto não como uma bruxa. Foi-me transmitida com o nome de Fana, mas minha informante me disse que pode ser Tana; ela não tinha certeza. Uma vez que o nome Tana surge em outra lenda, e posto que se trata certamente de Diana, há pouco a ser questionado.

Tana era uma bela jovem, mas extremamente pobre, e tão modesta e casta quanto bela e humilde. Ela seguia

de um *contadino* a outro, ou de fazenda a fazenda, para trabalhar, e assim levava uma vida honesta.

Havia um jovem rude, muito feio, bestial e abrutalhado, que estava enlouquecido de amores por ela, mas ela mal podia suportar olhar para ele, e repelia todas as suas investidas.

Certa feita, tarde da noite, quando ela retornava sozinha da fazenda onde estivera trabalhando para sua casa, este homem, que se havia ocultado num arbusto, pulou sobre ela e gritou, “Não podes fugir, minha serás!”

Sem avistar quem a auxiliasse por perto, com apenas a Lua Cheia a olhá-la dos céus, Tana, em desespero, caiu de joelhos e gritou para a Lua:

“Não há ninguém na terra que me defenda,
Somente tu me vês nesta trilha;
Assim, rogo-te, Ó Lua!
És bela como és brilhante
Reluzindo teu esplendor sobre os homens;
Portanto, peço-te que ilumine a mente
Deste pobre rufião, que deseja me causar mal,
Às últimas consequências. Lança tua luz sobre sua alma,
Para que ele me deixe em paz, e então
Retorne em toda a tua luz para minha casa!”

Ao dizer isto, surgiu diante dela uma brilhante mas sombria forma, que disse:

“Ergue-te e vai para casa!
Fizeste por merecer esta graça;
Ninguém irá te importunar novamente,

Tu que és a mais pura na Terra!
Tu serás uma deusa,
A Deusa da Lua,
Rainha de todos os encantamentos!"

Foi assim que Tana se tornou *dea* ou espírito da Lua.

Apesar de a ária estar em outro tom, este é um poema de pura melodia, a mesma que "*Goody Blake and Harry Gill*", de Wordsworth. Tanto Tana quanto a velha dama são surpreendidas e estão assustadas; ambas rogam por uma força superior:

"Com a fria, fria lua sobre sua cabeça,
De joelhos orou Goody;
O jovem Harry ouviu sua súplica,
E imediatamente ficou frio como gelo."

O centro dramático é exatamente o mesmo em ambos. A balada inglesa sobriamente se transforma num incurável ataque de calafrios a um avarento e rústico jovem; a poetisa-bruxa italiana, com um senso mais refinado, ou com mais dó de sua heroína, lança longe o bruto sem maiores menções, enaltecedo a donzela, ao identificá-la com a Lua. O primeiro é mais prático e provável, o segundo mais poético.

Cabe aqui, apesar da digressão, atentar para o fato de uma imensa maioria das pessoas poder perceber, sentir e valorizar a poesia apenas por suas palavras ou forma - ou seja, objetivamente - mal lhe dando atenção quando esta é apresentada de modo subjetivo ou na forma de pensamento, sem no entanto possuir versos ou métrica,

ou forma regulada. Este é um experimento curioso, digno de estudo. Tome uma passagem de algum poeta famoso; reescreva-a em prosa simples e pura, dando o valor devido a seu significado real, e se ainda assim ela ainda emocionar como poesia, trata-se então de poesia do mais alto nível. Mas se tiver perdido totalmente seu brilho, é de segunda, ou inferior; pois a fina-flor da poesia não pode ser composta apenas de simples palavras envernizadas com associações, sejam de idéias ou de sentimentos.

Este não é um ponto tão afastado do tema quanto se pode crer. Lendo-as e sentindo-as subjetivamente, sou amiúde alertado para o fato de que nestas tradições das bruxas que compilei há uma maravilhosa poesia de pensamentos, que supera em muito os esforços dos bardos modernos, e que requerem tão somente os cuidados de um hábil artesão das palavras para que assumam o mais elevado patamar. Prova do que afirmo pode ser encontrada no fato de que, em poemas famosos como *O Achamento da Lira*, de James Russell Lowell, bem como o da invenção da flauta por Pã, da Sra. Browning, a parcela mais diferenciada e refinada dos mitos originais foi omitida por ambos os autores, simplesmente porque eles não a perceberam ou não tomaram conhecimento dela.

Assim, no primeiro caso não somos informados de que foi o sopro do deus Ar (o qual é a alma inspiradora da antiga música, e a Bellaria da moderna mitologia das bruxas) sobre os filamentos secos de uma tartaruga que sugeriu a Hermes a confecção de um instrumento com o qual ele compôs a música das esferas e guiou o curso dos planetas. Quanto à Sra. Browning, ela simplesmente ignora por completo a Siringe, ou seja, a voz da ninfa ainda reverberando no interior da flauta que havia sido seu corpo.

Em minha concepção, a velha narrativa em prosa destes mitos é muito mais profundamente poética e tocante, e muito mais inspirada por beleza e romance, do que as ver-sões bem rimadas e métricas, mas muito imperfeitas, de nossos poetas. E na verdade, tal desejo de inteligência e percepção pode ser encontrada em todos os poemas “clás-sicos”, não apenas nos de Keats, mas de quase todos os poetas do período que lidaram com os assuntos gregos.

Permite-se grande licença aos pintores e poetas, mas quando estes lidam com uma tradição subjetiva, e especialmente profunda, e não conseguem perceber seu real significado ou quando não conseguem chegar ao ponto, presenteando-nos com algo muito bonito, mas sem a inspiração ou o significado do original, fica difícil afirmar que tenham atingido seu objetivo do modo como poderia, ou melhor, deveria ter sido feito. Creio que tal problema não ocorre nas versões das bruxas italianas ou toscanas das antigas fábulas; pelo contrário, elas realmente apreciam, chegando até a expandir, o antigo espírito. Daí que em muitas ocasiões afirmei não ser impossível que, em alguns casos, a tradição popular, mesmo em sua forma atual, foi melhor e mais integralmente preservada do que nas obras de qualquer escritor latino.

A propósito, gostaria de lembrar alguns leitores muito literais que, caso encontrem muitos erros gramaticais, de grafia ou outros ainda piores nos textos italianos contidos nesta obra, que não sejam, como o fez um distinto revisor, atribuídos todos à ignorância do autor, mas sim à educação imperfeita da pessoa que os compilou e registrou. Fui lembrado deste detalhe ao ver numa biblioteca uma cópia de meu *Legends of Florence*, na qual uma boa e cuidadosa alma deu-se ao trabalho de corrigir a lápis todos os arcaísmos. Em tal livro, ele ou ela agiu como um certo

leitor revisor de Boston que, num livro meu, alterou a grafia de muitas de minhas citações de Chaucer, Spenser e outros com base no mais puro, ou impuro, formato Webster; agia com a impressão de que eu ignorava por completo a ortografia. Quanto a escrever em ou danificar livros, os quais pertencem em parte à posteridade, é um pecado tanto de vulgaridade quanto de moralidade, in-dicativo de que as pessoas são mais do que sonham.

“Somente um ser vil como um bandido
Escreve em livro ou arranca-lhe uma folha,
Pois é vilania, como bem se sabe,
Apossar-se de algo que não é nosso.”

A seguir temos a história de uma nobre mas decadente família, que possuía nos jardins de seu palácio uma estátua de Diana. As crianças da família ofertaram, de modo inconsciente, flores à estátua, no exato momento em que por ali passava “o grande poeta e mago Virgílio.” Este diz às crianças que a oferenda havia sido feita exatamente como faziam os antigos pagãos e, em seguida, ensina às crianças antigas preces a Diana. Como consequência, a família deixou de viver em privação de alimento, pois sempre que proferiam a oração, surgia, na manhã seguinte, um gamo abatido aos pés da estátua (Diana também é a deusa da caça), garantindo por dias alimentação para a família.

A estátua de Diana é, em seguida, desrespeitada por um intolerante padre da região, e obviamente a fúria da Deusa se abate sobre ele. Fica aqui evidenciado que, àqueles que “com fervor” buscam por seu auxílio, Diana garante bons resultados. Aos que, por outro lado, lhe

Charles G. Leland

faltam com o respeito, Diana pune impiedosamente. Leland conclui este capítulo nos remetendo novamente à questão das traduções poéticas, e à validade (ou ausência desta) das interpretações modernas dos mitos e lendas antigos.

Capítulo XIII

Diana e as Crianças

Havia em Florença, em eras remotas, uma nobre família mas que, de tão empobrecida, possuía poucos e esparsos dias de celebração. Contudo, ainda residiam em seu velho palácio (sito à rua hoje conhecida como La Via Cittadella), o qual era um belo prédio antigo, e assim mantinham bela aparência perante o mundo, enquanto que por vezes mal tinham o que comer.

Ao redor de tal palácio havia um grande jardim, no qual havia uma antiga estátua de Diana em mármore, representada como uma bela mulher que parecia correr com um cão a seu lado. Carregava em sua mão um arco, e em sua fronte uma pequena lua. E dizia-se que, à noite, quando tudo estava quieto, a estátua assumia vida e fugia,

retornando apenas quando a Lua desaparecesse ou o Sol nascesse novamente.

O pai dessa família possuía duas crianças, as quais eram boas e inteligentes. Um dia, elas retornaram para casa com muitas flores que lhes haviam sido dadas, e a pequena garota disse a seu irmão: “A bela senhora com o arco deve receber algumas destas flores.”

Dizendo isto, eles depositaram as flores diante da estátua e fizeram uma guirlanda, que foi colocada pelo garoto na cabeça da estátua.

Exatamente então, o grande poeta e mago Virgílio, que sabia tudo acerca dos deuses e das fadas, ingressou no jardim e disse, a sorrir, “Vocês ofertaram as flores à deusa do modo correto, como era feito em antanho; tudo o que resta é pronunciar a oração do modo correto, e é assim:”

Então ele repetiu a invocação a Diana:

Adorada Deusa do arco!
Adorada Deusa das flechas!
De todos os cães e de toda caça
Tu que caminhas pelo céu estrelado
Quando o sol adormece no poente
Tu que portas a Lua em tua fronte,
E que a caçada noturna preferes
A caçar sob a luz do dia,
Com tuas ninfas ao som da música
Das trompas – tu mesma, a caçadora,
E a mais poderosa: rogo-te
Para que penses, ainda que por breve instante,
Em nós que oramos por ti!

Então Virgílio ensinou-lhes também o encantamento a ser proferido quando pede-se especialmente por boa fortuna ou algo diferente:

Bela deusa do arco íris,
Das estrelas e da Lua!
Mais poderosa rainha
Dos caçadores e da noite!
Rogamo-te por tua ajuda,
Para que possas nos conceder
A melhor das sortes!
Se atendes nossa evocação
E nos trará boa sorte,
Então, manda-nos uma prova, um sinal!

Após ensinar isto aos garotos, Virgílio desapareceu. Então, as crianças correram para dizer aos pais o que ocorreu, e estes fizeram com que jurassem segredo, sem mencionar palavra ou dica a ninguém. Qual não foi sua surpresa ao encontrar pela manhã, ao lado da estátua, um gamo recém-abatido, que lhes forneceu boas refeições por vários dias; e eles nunca mais tiveram necessidade de caça de qualquer espécie, quando a oração era pronunciada com fervor.

Havia um vizinho desta família, um padre, que detestava todos os costumes e cultos dos deuses antigos, e o que quer que fosse que não pertencesse à sua religião. Eis que ele, ao passar pelo jardim num dia, vislumbrou a estátua de Diana coroada com rosas e outras flores. Tomado de cólera, e vendo na rua um repolho a apodrecer, rolou-o na lama e atirou-o contra o rosto da deusa, sujando-a, e dizendo: “Veja, vil besta da

idolatria, este é o culto que te dedico, e que o diabo se encarregue de ti!"

Então o sacerdote ouviu uma voz vinda de onde a moita era densa, a dizer, "Muito bem! Alerto-te, uma vez que fizeste tua oferta, um pouco de caça te trarei; terás tua porção pela manhã."

Durante toda aquela noite, o padre sofreu com sonhos horríveis e temores, até que, por fim, pouco antes das três horas, acabou por adormecer. Instantes depois, porém, ele subitamente despertou de um pesadelo no qual ele tinha a impressão de haver algo pesado apoiado sobre seu peito. E realmente algo caiu de sobre ele e rolou pelo chão. Quando ele se ergueu e apanhou o objeto, contemplando-o à luz do luar, percebeu que era uma cabeça humana, em decomposição.

Outro padre, ao ouvir seu grito de horror, ingressou em seu quarto, e ao ver a cabeça, disse: "Conheço este rosto! É de um homem que veio se confessar, e que foi degolado há três meses em Siena." Três dias depois, o padre que insultara a deusa faleceu.

A lenda acima não me foi passada como pertencente ao Evangelho das Bruxas, mas sim a uma vasta série de tradições ligadas a Virgílio como mago. Mas, possui lugar neste livro, pois contém a invocação e o encantamento de Diana, os quais são notavelmente belos e originais.

Quando consideramos o modo como estes "hinos" foram transmitidos e preservados por mulheres idosas, sendo sem dúvida alterados, deturpados e deformados no processo, não podemos deixar de nos maravilhar com a beleza clássica ainda presente neles, como, por exemplo, nos versos a seguir:

Adorada Deusa do arco!
Adorada Deusa das flechas!
Tu que despertas no céu estrelado

Robert Browning foi um grande poeta, mas se compararmos os poemas das bruxas italianas sobre e para Diana com o mui admirado discurso de Diana-Ártemis de autoria do primeiro, certamente teremos que admitir, numa crítica imparcial, que os encantamentos são exatamente iguais ao texto abaixo, do bardo:

Sou a deusa das cortes ambrosíacas,
E exceção feita a Hera, Deusa do Orgulho, superada
Por nenhuma outra cujos templos alvejam o mundo;
Pelo firmamento rolo minha luzidia Lua,
Derramando no inferno paz sobre minha gente pálida,
Sobre a terra, cuido das criaturas,
Guardo cada loba e raposa prenhe de pelos brilhantes,
E cada filhote imaturo de mãe emplumada,
E todos que amam o verde e a solidão.

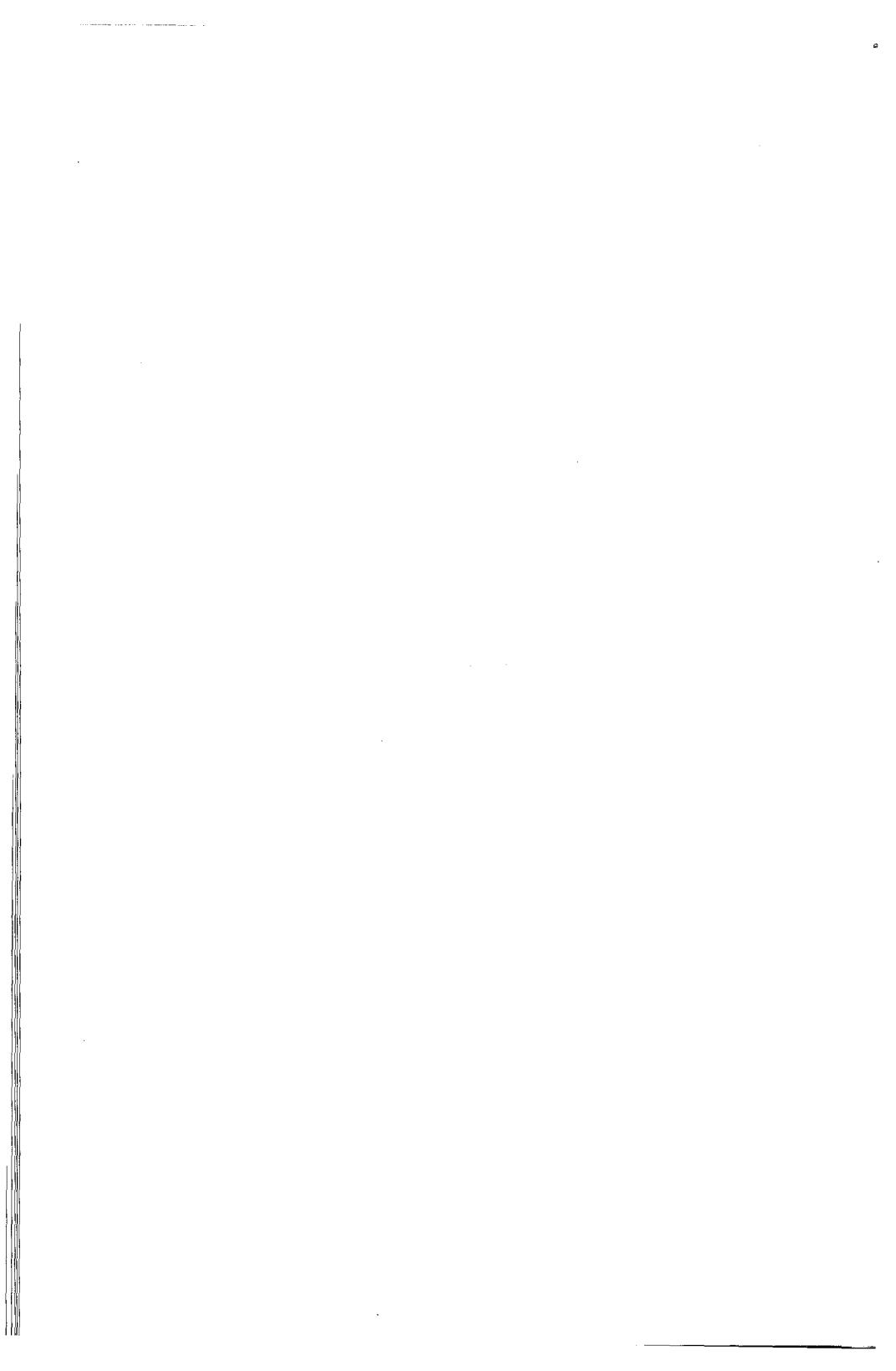
Belo, mas é apenas uma imitação, e nem em forma nem em espírito se equiparam aos encantamentos, os quais são sinceros em sua fé. E aqui devemos observar e lastimar, se bem que é verdade, que um grande número de versões poéticas modernas de mitos clássicos foram transformadas por seus autores, apesar de sua genialidade artística, em obras barrocas que assim parecerão a outras gerações, simplesmente porque eles não se aperceberam do ponto central, ou por terem omitido, por conta de sua ignorância, algo vital que o folclorista provavelmente não perderia. Aquiles pode ser retratado, como já vi, com uma perua

Charles G. Leland

Luís XIV e uma cimitarra turca, mas poderíamos esperar que o desenhista tivesse um pouco mais de familiaridade com as vestimentas e armas gregas.

Provavelmente o texto mais rico em simbolismos, o capítulo a seguir fala das origens do Sol e da Lua, e de como os poderes masculinos – aqui representados pelos poderes de Mercúrio – e femininos – a força de Diana – se equivalem.

Mais do que equivalentes, os poderes masculino e feminino se completam, e não pode haver equilíbrio se um suplanta o outro. Justamente por isso é que a Deidade elementar – neste caso “o deus pai”, como Diana no primeiro capítulo – decide criar o sol e a lua para iluminar a Terra, até então envolta em trevas. É o mito do Irmão Sol / Irmã Lua novamente em sua mais pura essência.



*Capítulo XIV
Os Mensageiros Gnomos de
Diana e Mercúrio*

A seguinte lenda me foi dada não como parte do Evangelho das Bruxas, mas uma vez que Diana está nela presente, e que todo o conceito trata de Diana e Apolo em outra forma, inclui-a na série.

Há muitos séculos, havia um gnomo ou espírito ou anjo-demônio, e Mercúrio, que era o deus da velocidade e da rapidez, muito satisfeito com esse ser, concedeu-lhe o dom de correr como o vento, com o privilégio de que, seja o que fosse que ele estivesse a perseguir, espírito, ser humano ou animal, certamente o alcançaria ou o apanharia.

Este gnomo possuía uma bela irmã que, como ele, servia como mensageira, não aos deuses, mas às deusas (havia uma deusa para cada deus, até mesmo entre os

espíritos menores); e Diana, no mesmo dia, concedeu a essa fada o poder de, quando perseguida, não importa quem estivesse ao seu encalço, jamais ser alcançada.

Certo dia, seu irmão a viu correndo como um raio pelo firmamento, e ele sentiu um estranho desejo repentino de rivalizar com ela e ultrapassá-la. Assim, ele partiu em seu encalço quando ela passou por ele; porém, apesar de ser seu destino alcançá-la, era destino dela jamais ser alcançada, e o desejo de um deus supremo foi equilibrado pelo de outro. Assim, ambos continuaram a correr aos confins do Universo, o que fez com que, a princípio, os deuses desatassem em risos; posteriormente, eles compreenderam a situação, ficaram sérios e se perguntaram que fim teria aquilo.

Então, o grande deus-pai disse, “Vejam a Terra, envolta em treva e escuridão! Transformarei a irmã em uma Lua, e seu irmão num Sol. Assim, ela jamais fugirá dele, enquanto que ele sempre a alcançará com sua luz, que sobre ela se derramará à distância; pois os raios do Sol são suas mãos, lançadas à frente em fogosa busca, mas que são sempre evitadas.”

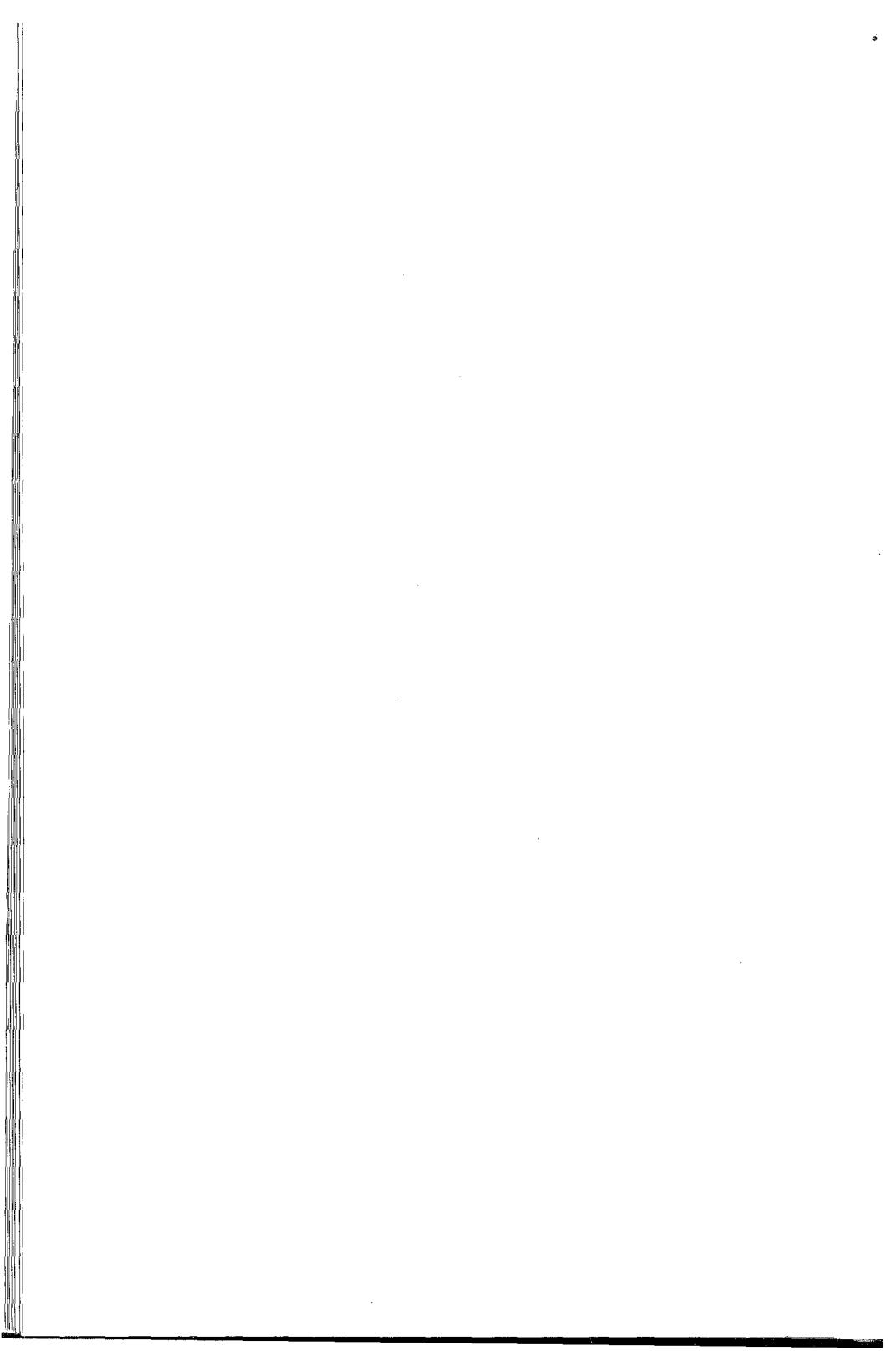
E assim, diz-se, a corrida se reiniciou e, no primeiro dia de cada mês, quando a Lua está fria, ela está coberta com várias camadas, como uma cebola. Mas quando começa a corrida, à medida que a Lua se aquece ela deita fora veste após veste, até que esteja nua, quando então ela pára. Após vestir-se novamente, reinicia-se a corrida.

Qual pesada nuvem de tempestade que se derrama em gotas brilhantes, os grandes mitos de outrora se fragmentaram em pequenas lendas e contos de fadas para, como as gotas, posteriormente virem a se reunir.

“Em silencioso lago ou solitário ribeirão,” como escreveu Villon, até mesmo os mitos menores se formam novamente a partir de águas caídas. Nesta história temos claramente o cão criado por Vulcano e o lobo – Júpiter solucionou a questão ao petrificá-los – como podemos ler em Julius Pollux, seu quinto livro, ou em qualquer outro sobre mitologia.

“Onde o cão de caça, como se sabe,
Foi por Júpiter transformado em pedra.”

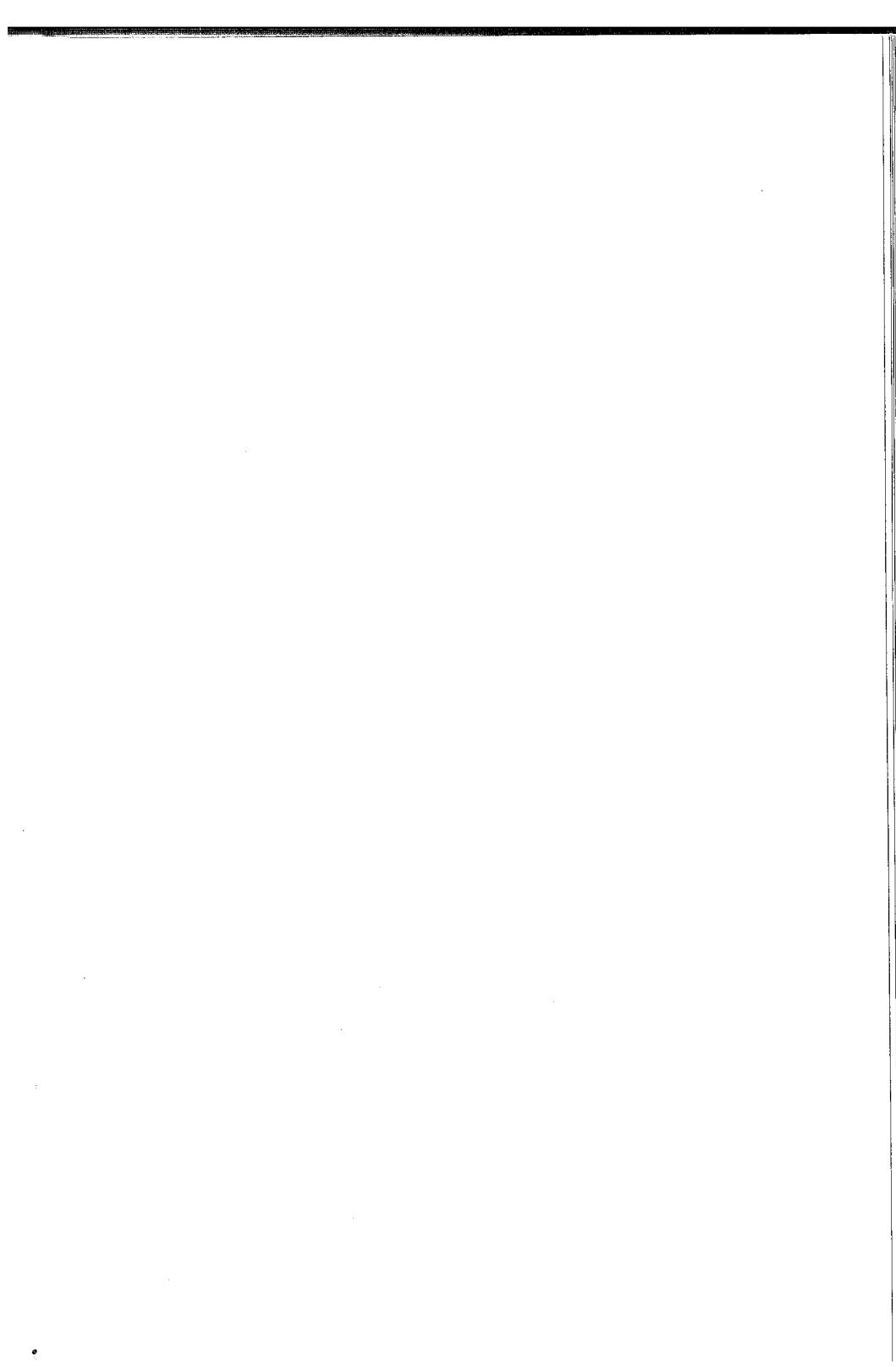
É notável que nesta história a lua seja comparada a uma cebola. “No Egito, a cebola era,” diz Friedrich, “por conta de suas muitas peles, símbolo e hieróglifo da Lua em suas muitas formas, cujas diferentes fases são claramente vistas na raiz quando cortada, e também porque seu crescimento ou diminuição correspondem ao do planeta. Assim, ela foi dedicada a Ísis, a Deusa Lua.” Por este motivo, a cebola era tão sagrada que se crenha existir em seu interior algo de divino; por esta razão, Juvenal afirma que os egípcios eram um povo feliz por possuírem deuses que cresciam em seus jardins.



“Laverna,” a deidade que empresta seu nome ao último capítulo de “Aradia: Evangelho das Bruxas,” é a deusa “dos furtos e de toda forma de vilania”, a padroeira dos ladrões e gatunos. A lenda narra como a hábil e astuta – além de desonesta – Laverna engana seu credor, um sacerdote, de quem comprara uma extensão de terra “para nele construir um templo para (nossa) deus”.

Ela havia feito o mesmo ao senhor de um castelo, que também não obtém pagamento. Quando convocada ao julgamento por seus atos, Laverna age com grande habilidade diante dos dois atônitos credores, o que leva Jove (Júpiter) a decidir por sua instituição como “deusa de todos os pulhas e comerciantes desonestos.” Sem dúvida, há espaço para todos nos panteões pagãos! A própria Diana era a protetora dos desassistidos, como veremos ainda no apêndice.

Por fim, temos um detalhado ritual de culto a Laverna, ricamente descrito.



Capítulo XV

Laverna

O curioso conto que se segue, bem como o encantamento, não integra o texto do Vangelo, mas evidentemente pertence ao ciclo ou série de lendas a ele associadas. Diana é apresentada como a protetora de todos os en-jeitados, daqueles a quem a noite é dia, e consequentemente, dos ladrões; e Laverna, como depreendemos a partir de Horácio e Plautus, era predominantemente a patrona dos furtos e de toda forma de vilania. Nesta história, ela se apresenta ainda como uma bruxa e satirista.

Foi-me dada como uma tradição de Virgílio, o qual geralmente aparece como alguém familiarizado com o maravilhoso conhecimento oculto dos tempos passados. Aconteceu numa época em que Virgílio, que conhecia to-

das as coisas ocultas e mágicas, ele que era um mago e um poeta, após ouvir o discurso (ou oração) de um famoso palestrante sem muitas posses, foi perguntado acerca de sua opinião sobre o que ouvira. Ao que ele respondeu, “Quer me parecer impossível dizer se tudo era uma introdução ou se tudo era conclusão; certamente não havia corpo. Pareceu-me como peixe do qual não se tem certeza do que é cabeça e o que é cauda; ou como a deusa Laverna, de quem ninguém jamais soube dizer se era toda cabeça ou toda corpo, ou ainda nenhum ou ambos.”

O imperador a seguir indagou sobre quem seria essa deidade, pois ele jamais ouvira dela falar.

E Virgílio respondeu:

“Entre os deuses e espíritos de tempos remotos – que eles nos sejam sempre favoráveis! Entre eles (havia) uma que era a mais hábil e desonesta de todos. Seu nome era Laverna. Era uma ladra, pouco conhecida pelas outras deidades, as quais eram honestas e dignas, pois raramente estava no paraíso ou nas terras das fadas.

Ela passava quase todo o seu tempo na terra, entre os ladrões, pinguistas e salteadores – ela vivia nas trevas.

Certa feita, ela se dirigiu (a um mortal), um grande sacerdote, na forma de uma bela e honrada sacerdotisa (de alguma deusa), e lhe disse:

‘Possuis uma propriedade a qual desejo comprar. Desejo nela construir um templo para (nossa) Deus. Juro sobre meu corpo pagar-te em um ano.’

Assim, o sacerdote transferiu-lhe a propriedade. Prontamente, Laverna havia vendido toda a colheita, os grãos, o gado, a madeira e as aves. Nada restava que valesse um centavo.

Mas no dia determinado para o pagamento, Laverna não podia ser encontrada. A bela deusa já longe ia, deixando seu credor a ver navios!"

Enquanto isso, Laverna foi a um grande senhor e dele comprou seu castelo, muito bem decorado em seu interior e com vastas terras férteis no exterior.

"Mas desta vez ela jurou por sua cabeça que pagaria em seis meses.

E aquilo que ela fizera ao sacerdote ela fez ao senhor do castelo, roubando e vendendo cada bastão, mobiliário, gado, servo e rato – nada restava que bastasse para alimentar uma simples mosca.

Então, o sacerdote e o senhor, descobrindo de quem se tratava, recorreram aos deuses, queixando-se que eles haviam sido roubados por uma deusa.

E logo todos souberam que esta era Laverna.

Assim sendo, ela foi chamada a julgamento perante os deuses.

Quando perguntada sobre o que fizera com os bens do sacerdote, a quem havia jurado por seu corpo que pagaria na data indicada (e por que havia quebrado seu juramento),

Ela respondeu com um estranho feito que a todos surpreendeu, pois ela fez seu corpo desaparecer, restando visível apenas a sua cabeça, e esta gritou: -

'Vejam! Jurei por meu corpo, mas corpo não possuo!'

Então, todos os deuses se puseram a rir.

Depois do sacerdote, veio o senhor que também havia sido ludibriado, a quem ela havia jurado por sua cabeça. Em resposta, Laverna exibiu a todos seu corpo desnudo,

e eis que este era de extrema beleza, mas desprovido de cabeça; e do pescoço surgiu uma voz, a dizer:

‘Contemplai-me, pois sou Laverna, a qual
Veio atender às queixas do senhor,
O qual jura que eu para com ele contraí dívida,
Sem pagar antes do final do prazo estipulado,
E que sou uma ladra, pois jurei
Por minha cabeça – mas como podeis ver,
Não posso nenhuma cabeça, e assim sendo
Eu certamente jamais jurei tal juramento.’

Houve então uma explosão de risos entre os deuses, que fizeram justiça ao ordenar que a cabeça se juntasse ao corpo, fazendo com que Laverna pagasse sua dívida, o que ela fez.

Então Jove falou, e disse:

‘Eis uma deusa jocosa sem função (ou seguidor), enquanto existem em Roma inúmeros ladrões, enganadores e vilões que vivem do crime.

Essa gente boa nunca possuiu igreja ou deus, o que é uma grande pena, pois até mesmo os próprios demônios possuem seu mestre, Satã, como chefe da família. Assim, sendo, determino que no futuro Laverna seja a deusa de todos os pulhas e dos comerciantes desonestos, juntamente com todos os rejeitados e a escória da raça humana, até aqui desprovidos de um deus ou de um demônio, pois são desprezíveis demais tanto para um quanto para o outro.’

E assim, Laverna se tornou a deusa de todas as pessoas desonestas e desamparadas. Sempre que alguém planejava qualquer ato ilícito ou desonesto, este ingressava

em seu templo e invocava Laverna, a qual surgia como a cabeça de uma mulher. Mas, se seu ato de vilania fosse mal ou erroneamente executado, quando ela fosse nova-mente invocada ele veria apenas seu corpo; se, do contrário, ele fosse bem sucedido, então ele contemplaria toda a deusa, cabeça e corpo.

Laverna era tão ímpia quanto desonesta, e possuía muitos amantes e inúmeros filhos. Dizia-se que, por não ser má ou cruel, ela sempre se arrependia de seus atos e pecados; mas independente do que fizesse, ela não conseguia se reformar, tão inveteradas eram suas paixões.

E se um homem se unia a uma mulher com filhos ou quando uma donzela se via grávida, ocultando esse fato do mundo para evitar um escândalo, eles diariamente invocariam Laverna.

Então, quando fosse chegado o momento do parto da suplicante, Laverna a levaria à noite, durante seu sono, até seu templo, e após o parto faria com que adormecesse novamente, levando-a em seguida de volta a sua casa. E pela manhã, ao despertar, ela estaria em perfeita e vigorosa saúde, não sentindo cansaço algum, e tudo pareceria ter sido um sonho.

Mas, se alguma delas desejasse recuperar sua criança, Laverna seria indulgente se tal mulher tivesse levado uma vida que a agradasse e a tivesse cultuado fielmente.

E esta é a cerimônia a ser praticada e o encantamento a ser oferecido a cada noite a Laverna.

Deve-se preparar um local devotado à deusa, seja um cômodo, um porão ou um bosque, mas sempre um local retirado.

Leve então uma mesa pequena, do tamanho de quarenta cartas de baralho uma ao lado da outra, devendo esta ser oculta no mesmo local, e indo até lá à noite...

Apanhe quarenta cartas e espalhe-as sobre a mesa, cobrindo com elas a superfície da mesma.

Apanhe as ervas *paura* e *concordia*, ferva-as em conjunto, enquanto repete o seguinte:

Eu fervo o maço de concórdia
Para manter a concórdia e a paz a meu redor
Laverna, que ela me traga de volta
Minha criança, e que ela, por seus cuidados favoráveis
Me proteja do perigo por toda minha vida!
Fervo esta erva, mas não é ela que ferve,
Fervo o temor, para manter afastado
Qualquer intruso, e se um a mim vier
(Espiar-me em meu rito), que ele seja atacado
Pelo medo e que em seu terror fuja desesperado!

Após dizer isto, deposite as ervas fervidas numa garrafa e espalhe as cartas sobre a mesa uma por vez, dizendo:

Espelho diante de mim as quarenta cartas
Mas não são as quarenta cartas que diante de mim espelho,
Mas sim quarenta dos deuses superiores
À deusa Laverna, para que suas formas,
Uma a uma, se tornem quentes como vulcões,
Até que Laverna venha e me traga minha criança;
E até que isto ocorra, que eles lancem sobre ela
Labaredas ardentes de fogo, bem como carvões em brasa
De suas ventas, bocas e ouvidos (até que ela ceda);
Então eles podem deixar Laverna em paz,
Livre para que possa abraçar suas crianças à vontade!"

Laverna era a deusa romana dos ladrões, punguistas, lojistas ou negociadores, plagiadores, vilões, e hipócritas. Havia nas cercanias de Roma um templo num bosque onde iam os ladrões para repartir seu saque. Lá havia uma estátua da deusa. Sua imagem, de acordo com alguns, era a de uma cabeça sem corpo; de acordo com outros, era um corpo sem cabeça; mas o epíteto “Bela” a ela aplicado por Horácio indica que ela, “que dava disfarces a seus seguidores, mantinha um para si mesma.” Ela era cultuada em perfeito silêncio. Isto é confirmado numa passagem de Horácio, na qual um impostor, mal ousando mover seus lábios, repete a seguinte oração ou encantamento:

“Ó deusa Laverna!
Conceda-me a arte dos truques e da enganação,
De fazer com que os homens acreditem que sou justo,
Sagrado e inocente! Estenda as trevas
E profunda obscuridade sobre meus feitos negativos!”

É interessante comparar esta inquestionavelmente antiga invocação clássica a Laverna à anteriormente citada. A deusa era extremamente conhecida pelas classes mais inferiores, e em Plautus um cozinheiro que havia tido seus instrumentos furtados chama por ela para se vingar.

Chamo atenção especial ao fato de que neste, como em inúmeros encantamentos de bruxas da Itália, a deidade ou espírito cultuado, seja a própria Diana ou Laverna, é ameaçada com tormentos de uma força superior até que conceda o favor exigido. Isto é bem clássico (greco-romano ou oriental) em todas as fontes onde o praticante se vale não dos favores, auxílio ou poderes concedidos por Deus ou por Satã, mas simplesmente daquilo que foi capaz

de dominar e extrair, em seu estado natural, da infinita natureza ou da fonte primordial através de penitência e estudo. Cito isto porque um revisor me reprovou por ter supostamente exagerado o grau de deficiência do dia-bolismo - introduzido pela Igreja desde 1500 – na Itália. Mas na verdade, entre as classes mais elevadas das bruxas, ou em suas tradições, ele é dificilmente encontrado. No diabolismo cristão, a bruxa nunca ousa ameaçar Satã ou Deus, ou a Trindade ou os anjos, pois todo o sistema se baseia no conceito de uma Igreja e da obediência.

A erva concórdia provavelmente deve seu nome à deusa Concórdia, representada segurando um ramo. Ela possui grande importância na bruxaria, depois da verbena e da arruda.

A conclusão de Leland para Aradia, na forma deste apêndice, fala por si só. De modo claro e analítico, ele descreve como Diana foi nomeada protetora dos oprimidos e fracos de caráter – algo impensável para a nova religião cristã, obcecada que é pela virtude. Leland analisa a influência desse novo ideário cristão, durante a Idade Média, em questões sociais como o conceito básico de virtude, e até mesmo a criação pela igreja cristã da figura do demônio, por motivos estritamente políticos – segundo Leland, visava conter o crescente movimento herético alemão no final do Século XIV.

Em termos mitológicos e religiosos, Aradia: Evangelho das Bruxas é um livro fundamental para a compreensão de ao menos duas vertentes do paganismo: a Stregheria e a Wicca. De um ponto de vista histórico e filosófico, porém, podemos afirmar que este Apêndice é ainda mais importante que os quinze capítulos do livro, uma vez que Leland analisa aqui as alterações na consciência humana

trazidos pela adoção do cristianismo, alterações estas que acabaram por determinar uma nova visão do papel de cada um neste mundo. Afinal, o cristianismo trouxe, além dessa nova consciência de igualdade perante um deus único, incapaz de jusificar a todos ao mesmo tempo, a noção de um deus distante e ausente, a qual acarretou a consequente dessacralização da Natureza, e um culto ao sofrimento, à penitência e à dor, o que gerou um grande número de, nas palavras de Leland, “rebeldes, marginalizados e toda sorte de insatisfeitos.” Cada um de nós hoje luta contra esse conformismo derrotista, bem como contra o racionalismo frio e materialista, citado por Leland em sua análise da música. Esse racionalismo é o filho bastardo do afastamento do Divino, não mais entre nós, mas agora distante – “Pai nosso que estais no céu,” mas não entre nós...

Mais e mais pessoas, a cada dia, tomam ciência de que tudo à nossa volta é Divino, e que a Deusa e o Deus, não importa o panteão pagão, sempre estiveram, estão e estarão em nosso interior.

Leland conclui com uma corajosa defesa do equilíbrio entre os sexos – especialmente corajosa se levarmos em consideração que o livro foi editado em plena Era Victoriana, em meio a um conservadorismo brutal. É justamente esse equilíbrio mágico que permeia todo o universo, o objetivo tão procurado pelos pagãos modernos.

Apêndice

Já no distante ano de 1886 eu sabia da existência de um manuscrito que estabelecia as doutrinas da bru-xaria Italiana, e me foi prometido, se possível, obter tal documento. Por algum tempo, fui frustrado neste desejo. Mas, após cobrar de Maddalena – minha compila-dora de folclore, que então levava uma vida errante pela Toscana, para que se esforçasse visando a obtenção ou recuperação de algo do gênero – finalmente recebi dela, a 1º de janeiro de 1897, de Colle, Val d’Elsa, nas proximidades de Siena, o manuscrito intitulado *Aradia*, ou *O Evangelho das Bruxas*.

Agora, que seja observado que cada ponto principal que forma a trama ou o centro deste Evangelho, como o

de Diana como Rainha das Bruxas; uma associada de Herodius (Aradia) e sua relação com a magia; que ela gera um filho de seu irmão o Sol (aqui Lúcifer); que enquanto deusa da Lua ela está de algum modo ligada a Caim, o qual vive como prisioneiro na Lua, e que as bruxas de antanho eram pessoas oprimidas por senhores feudais, vingando-se destes últimos de todas as formas, e mantendo orgias a Diana que eram tidas pela igreja como cultos a Satã – tudo isto, eu repito, foi-me dito ou escrito em fragmentos por Maddalena (para não citar outros autores), como se tivessem sido compilados por Horst ou Michelet; assim sendo, tudo isto é, no presente documento, de pequena importância. Tudo isto era por mim esperado, mas o que não esperava, sendo para mim totalmente novo, era a porção apresentada como prosa-poesia, a qual verti para métrica e versos. A preservação destes elementos tradicionais por magos é extremamente curiosa e interessante, uma vez que neles estão preservadas muitas relíquias do conhecimento as quais, como podemos atestar pelos registros, nos foram transmitidas desde tempos imemoriais.

Aradia é evidentemente Herodius, a qual era tida inicialmente como ligada a Diana como líder das bruxas. Não há ligação, como opinei, com Herodias do Novo Testamento, mas de uma antiga versão de Lilith, que possuía o mesmo nome. É, na verdade, uma identificação ou duplação da Rainha dos Céus Ariana e Semítica, ou Rainha da Noite e da Magia, e esta era possivelmente conhecida pelos primeiros criadores de mitos. Já no século VI, o culto de Herodias e de Diana pelas bruxas foi condenado por um Conselho da Igreja em Ancyra. Pipernus e outros autores notaram a evidente identificação de Herodias com Lilith. Ísis precedia a ambas.

Diana é vigorosamente, diria dramaticamente, representada neste poema como a deusa do deus abandonado e sacrílego, dos ladrões, das prostitutas e, em plena verdade, dos “apaniguados da lua,” como Falstaff certamente os chamaria. Considerava-se na Antiga Roma, assim como na Índia moderna, que nenhum ser humano era tão mal ou vil que deixasse de possuir direito a proteção divina de alguma forma, e Diana era a sua protetora. Podemos igualmente observar que, entre todos os filósofos do livre pensamento, os párias educados e os boêmios literários, houve sempre uma tendência pouquíssimo ortodoxa a crer que as falhas e erros da humanidade devem-se muito mais (se não totalmente) a causas inevitáveis contra as quais nada podemos fazer, como, por exemplo a hereditariedade, o nascer entre os selvagens, ou o nascer pobre, ou em meio ao vício, ou à excessiva “intolerância e virtude,” ou sob a inquisição – ou seja, quando estamos de tal modo sobre-carregados com pecados inatos que nosso livre arbítrio não pode nos livrar deles.

Foi durante a chamada idade das Trevas, ou da queda do Império Romano até o século XIII, que (surgiu) (a. do T.) a crença de que tudo de ruim no homem devia sua origem somente aos monstruosos abusos e à tirania da Igreja e do Estado. Pois então, a cada mudança na vida, a vasta maioria das pessoas se deparava com terrível falta de pudor, bem como iniqüidade e injustiça palpáveis, sem nenhuma lei para defender os fracos sem patrões.

A percepção disto levou um grande número de descontentes à rebelião e, uma vez que não podiam vencer em luta aberta, eles canalizaram seu ódio na forma de uma anarquia secreta a qual, contudo, estava intimamente mesclada à superstição e a fragmentos da antiga tradição. Proe-

minente nesta, como não poderia deixar de ser, era o culto a Diana, a protetora, pois a alegada adoração a Satã foi uma invenção posterior criada pela igreja, uma que ja-mais encontrou local de destaque na bruxaria italiana até hoje. Isto vale dizer que a bruxaria puramente diabólica não encontrou aceitação geral até os estertores do século XV, quando foi, pode-se arriscar a dizer, inventada em Roma para fornecer os meios através dos quais suprimir a ameaçadora heresia na Alemanha.

O crescimento do Sentimento é o aumento do sofrimento; um homem jamais é completamente miserável até que descubra o quanto de mal lhe foi feito e creia que o que vislumbra além à distância é a liberdade total. Em tempos antigos, escravos sofriam menos sob abusos ainda maiores, pois criam que haviam nascido em baixas condições de vida. Mesmo a melhor das reformas trás consigo muita dor, e o grande despertar do homem ocorreu em meio a angústias, muitas das quais ainda perduram. O pessimismo é o resultado de muita cultura e introversão.

Parece estranhamente fora do foco de todos os historiadores que os sofrimentos da grande maioria da humanidade, ou dos escravizados e dos pobres, tenha sido muito maior nos primeiros tempos do cristianismo, ou seja, até o fim da Idade Média e a Libertação dos Servos, do que antes. O motivo para tal negligência é que nos longínquos tempos do paganismo os humildes não sabiam, nem sequer sonhavam, que todos fossem iguais perante Deus, ou que possuíssem tantos direitos, mesmo sobre a terra, enquanto escravos; pois, na verdade, toda a tendência moral do Novo Testamento é amplamente oposta à escravidão, e até mesmo à servidão.

Cada palavra proferida na pregação da misericórdia e do amor, da humildade e da caridade de Cristo era, na

realidade, uma amarga reprimenda não só a todos os senhores da terra, mas à própria Igreja e seus arrogantes prelados. O fato de muitos abusos terem sido abrandados e que haviam muitos santos benevolentes não afeta o fato de que, como um todo, a humanidade esteve por muito tempo num estágio pior do que antes, e a grande causa deste sofrimento era uma que pode ser chamada de sentimental, ou a recém-nascida consciência de direitos reti-rados, o que consiste em si mesmo uma tortura. Isto foi grandemente agravado pela incessante pregação de que sofrer era um dever das pessoas, suportando a opressão e a tirania, e que os direitos de Autoridade de todos os tipos eram tamanhos que no geral eles isentavam de culpa seus piores abusos. Pois ao manter a Autoridade da nobreza, a Igreja manteve a sua própria.

O resultado de tudo isto foi um grande desenvolvimento de rebeldes, marginalizados, e toda sorte de insatisfeitos, os quais adotaram a bruxaria como religião, e os magos como seus sacerdotes. Eles mantinham encontros secretos em locais ermos, entre velhas ruínas amaldiçoadas pelos padres como sendo morada de espíritos malignos ou antigos deuses pagãos, ou nas montanhas.

Até hoje o morador da Itália pode constantemente encontrar locais isolados cercados por antigas florestas de castanheiras, rochas e muros, os quais sugerem locais adequados aos Sabbats, por vezes ainda tidos como tal pelas tradições. E também creio que, neste Evangelho das Bruxas, temos uma confiável descrição ao menos da doutrina e dos ritos observados nesses encontros. Eles adoravam deidades proibidas e praticavam atos proibidos, inspirados tanto pela rebelião contra a Sociedade quanto por suas próprias paixões.

Há, contudo, no Evangelho das Bruxas um esforço para distinguir entre os naturalmente depravados ou corrompidos e aqueles que são desassistidos e oprimidos, como evidenciado na passagem:

“Mas como a filha de Caim jamais deves ser
Tampouco como a raça que por fim se tornou
Depravada e infame pelo sofrimento,
Como os judeus e os errantes Zingari⁽¹⁾
Os quais são todos ladrões: como eles não deves ser...

O alimento das Bruxas, os pães de trigo, sal, e mel, na forma de crescentes, são conhecidos por todos os estudiosos clássicos. Os bolos em forma de lua ou chifre ainda são comuns. Comi deles exatamente hoje, e apesar de conhecidos por todo o mundo, creio que devem sua forma à tradição.

Na conjuração do trigo há uma tradição muito curiosa apresentada para demonstrar que os brilhantes grãos de trigo de onde as farpas saem como raios de sol devem seu brilho ao fato de se assemelharem ao vaga-lume, “o qual vem iluminar.” Temos nesta passagem, não tenho dúvidas, uma tradição clássica, ainda que eu não possa comprová-la. Dali por diante o Vangelo cita uma conhecida cantiga de ninar, que também pode ser encontrada em contos, mas que, como outras, origina-se na sabedoria das bruxas, segundo a qual uma luciola é colocada sob um copo e conjurada a fornecer, com sua luz, algumas respostas.

A conjuração do trigo ou do pão, o qual representa literalmente nosso corpo, além de contribuir para a forma-

⁽¹⁾ Ciganos, N. do T.

ção do mesmo, e que é ainda profundamente sagrado por ter surgido da terra, onde se ocultam segredos ocultos e maravilhosos, lança aparentemente uma nova luz sobre o sacramento cristão. É uma espécie de ressurreição da terra, e foi assim utilizada nos Mistérios e na Santa Ceia, enquanto que o grão pertencia aos segredos ctônicos, ou àquilo que jazia em escuridão sob a terra. Assim, até mesmo as minhocas são invocadas pela bruxaria moderna como familiares dos mistérios obscuros, e a gaita do pastor, usada na obtenção do poder órfico, deve permanecer por três dias enterrada. Sendo assim, tudo na bruxaria era, e ainda é, uma espécie de poesia selvagem baseada em símbolos, que se fundem uma à outra, luz e treva, vagalumes e grãos, vida e morte.

Sem dúvida é muito estranha a ameaça a Diana caso não atenda a uma oração, mas está de pleno acordo com a descrição da antiga magia pelas autoridades clássicas. Este tema volta a surgir de modo recorrente nos exorcismos ou encantamentos das bruxas. O mago, ou bruxa, cultua o espírito, mas afirma ter o direito, obtido de uma força superior, a compelir até mesmo a Rainha da Terra, do Céu e do Inferno a atender seu pedido. “Concede-me o que te peço, e receberás honra e oferendas; recusa-te, e perturbar-te-ei com insultos.” Assim Canidia e os seus afirmavam poder trazer os deuses a sua presença. Tudo isso é clássico. Ninguém jamais ouviu falar de uma bruxa satânica invocando ou ameaçando a Trindade, Cristo ou mesmo os anjos ou santos. Na verdade, eles nem mesmo são capazes de fazer com que o Demônio e seus capetas lhes obedeçam – eles simplesmente operam a seu comando, como escravos. Na antiga tradição italiana, porém, o feiticeiro ou bruxo é tudo ou nada, visando desejos e poder ilimitados.

Sobre a antiga crença nas virtudes de uma pedra perfurada não necessito falar. Há que se observar, porém, que na invocação a bruxa sai ao romper da aurora a procura de verbena. Os antigos magos persas, ou melhor, suas filhas, saudavam o sol nascente acenando-lhe com verbena recém-colhida, uma das sete plantas mais poderosas da magia. Essas sacerdotisas persas ficavam despidas durante esse rito, sendo a nudez um símbolo da verdade e da sinceridade.

O apagar das luzes, a nudez e as orgias eram tidas como representações do sepultamento de um corpo, o plantio de uma semente, ou da passagem às trevas e à morte, para possibilitar o renascimento em novas formas, ou a regeneração e a luz. Era o livrar-se da rotina diária.

O Evangelho das Bruxas, como aqui apresentado, é na verdade apenas o capítulo inicial da coleção de cerimônias, encantamentos, e tradições existentes na fraternidade ou irmandade; seu conteúdo completo pode em sua maioria ser encontrado em meu *Etruscan Roman Remains and Florentine Legends*. Possuo, é verdade, um grande repertório até aqui não publicado, e há ainda muito mais a ser compilado, mas as escrituras completas desta tradição, bem como seus dogmas principais, suas fórmulas, seus medicamentos e seus mistérios podem ser encontrados nas obras que compilei e publiquei. Ainda assim, acredito ser premente a organização e publicação destes em uma única obra, pois esta seria de grande valor a qualquer estudante de arqueologia, folclore ou história. Esta foi a fé de milhões no passado e vem se fazendo sentir em inúmeras tradições, as quais merecem uma melhor compreensão do que a que lhes é atualmente dedicada, e assimiria com prazer este projeto se tivesse certeza que sua

aceitação compensaria o investimento e as dores de cabeça do editor.

Devemos observar que na verdade não tratei deste Evangelho, nem mesmo o tema da bruxaria, como sendo simplesmente folclore, no sentido atribuído e aceito da palavra, ou seja, meramente como um fato ou elemento a ser tido basicamente como uma variante semelhante ou não a tantas outras tradições, ou ainda a ser catalogada e distribuída em prateleiras para referência posterior. É verdade que esta é uma prática útil e adequada, e isto levou a uma quantidade imensa de valiosas pesquisas, compilações e preservações. Mas há que se ressaltar, e percebo que, aqui e ali, algumas mentes geniais estão despertando para isso, que o mero estudo dos textos seguindo este enfoque desenvolveu uma grande indiferença com relação ao espírito, indo em alguns casos ao extremo de produzir, como o Realismo na Arte (ao qual está associada), um desprezo pela sua matéria ou significado, como se era inicialmente.

Recentemente fiquei profundamente chocado com o fato de que, num profundamente embasado trabalho sobre Música, o autor, ao discutir a música dos tempos antigos, bem como a oriental, embora extremamente correto e minucioso ao discutir as escalas pentatônicas e todas as outras escalas, bem como aquilo que podemos chamar de simples mecanismos e história da composição, mostrou que desconhecia por completo o fato fundamental de que notas e acordes, compassos e melodias eram, no fundo, idéias e pensamentos. Assim, diz-se que Confúcio compôs uma melodia que era uma descrição pessoal dele próprio. Agora, se isto não é compreendido, não podemos compreender a alma da música primitiva, e o folclorista que não consegue ir além das palavras, julgando-se “científico,” é

exatamente como o músico que não tem idéia do por que e como eram compostas as melodias em tempos antigos.

O estranho e místico capítulo *Como Diana Criou as Estrelas e a Chuva* (p. 45) é o mesmo editado em meu *Legends of Florence*, mas muito mais expandido, ou desenvolvido ao status de um esboço cosmogônico-mitológico. Surge aqui uma reflexão que talvez seja a mais destacada dentre as propostas por este Evangelho das Bruxas. Em todas as outras Escrituras, de todas as raças, é o macho, Jeová, Buda ou Brahma, quem cria o universo; na Magia das Bruxas, a mulher é o princípio primitivo. Sempre que há um período histórico de rebelião intelectual radical contra o conservadorismo estabelecido, a hierarquia e coisas do gênero, há sempre um esforço para tratar da mulher como potencialmente igual, o que vale dizer, o sexo superior. Assim, na extraordinária guerra dos elementos conflitantes, estranhas escolas de magia, Neo-platonismo, Cabala, cristianismo hermético, gnosticismo, magia persa e no dualismo, com os resíduos das antigas teologias grega e egípcia nos séculos III e IV em Alexandria, e na Casa de Luz no Cairo do Século IX, a igualdade da Mulher era uma proeminente doutrina. Terá então sido Sofia ou Helena, a alforriada, o verdadeiro Messias destinado a salvar a humanidade.

Quando o Iluminismo, juntamente com a magia e o misticismo, e aliado a uma disposição a regenerar a sociedade segundo a extrema liberdade de pensamento, inspirou nos Templários a esperança de que viriam a dominar a igreja e o mundo, a igualdade da Mulher foi derivada das tradições do Cairo recebeu novamente atenção. Podemos então observar que durante a Idade Média, e até mesmo nas intensas agitações que inspiraram os Hu-

guenotes franceses, os Jansenistas e os Anabaptistas, a Mulher sempre surgia com maior destaque ou desempenhava papel muito maior do que ela havia desempenhado na vida social ou política até então. O mesmo ocorreu no Espiritualismo fundado pelas irmãs Fox de Rochester, Nova York, e isto vem se manifestando de muitas maneiras neste *Fin de Siecle*, o qual também constitui um nervoso caos segundo Nordau – sendo a Mulher evidentemente um “peixe” que se apresenta quando as águas são agitadas.

Mas devemos também lembrar que nas eras mais primitivas, a maior parte da própria humanidade, oprimida pela descomunal e mal empregue força da Igreja e do Estado, só se manifestava em períodos de rebelião contra formas ou ideais envelhecidos. E a cada nova rebelião, a cada revolta selvagem e cada rompimento de barreiras, a humanidade e a mulher obtêm algo, ou seja, seus direitos devidos. Pois como cada cheia gradualmente espalha suas águas mais e mais sobre os campos, os quais assim são a seu tempo mais fertilizados, também o mundo como um todo se beneficia com cada revolução, por mais repugnante e terrível que possam parecer.

A mulher Emancipada, que lutou pelos Direitos da Mulher, quando muito entusiasmada, geralmente considera o homem um tanto limitado, enquanto que a Mulher está destinada a superá-lo. Em eras anteriores, prevalecia uma opinião contrária, e ambas estão, ou estavam, aparentemente incorretas, no que diz respeito ao futuro. Pois na verdade ambos os sexos são progressivos, e o progresso, neste ponto, não significa um conflito entre os princípios masculino e feminino, como o que forma a base do *Mahabarata*, mas sim uma conscientização gradual da verdadeira habilidade e ajuste das relações e da coordenação de forças.

Estas observações são adequadas a meu texto e tema, pois é ao estudarmos as épocas nas quais a mulher se destaca e se torna influente que tomamos ciência das verdadeiras capacidades do sexo feminino. Entre estas, a bruxaria em sua forma original – e não a percepção errônea comum – é tão interessante quanto qualquer outra. Pois a bruxa, deixando de lado quaisquer questões sobre a magia ou sobre sua inexistência – era antes um fator real de grande poder na vida social rebelde, e até hoje é reconhecido que há algo de misterioso, estranho e incompreensível na mulher, que nem ela nem o homem são capazes de explicar.

As Crianças de Diana ou Como Nasceram as Fadas

Todas as coisas foram criadas por Diana, os grandes espíritos das estrelas, os homens em seu tempo e local, os antigos gigantes, e os gnomos que habitam as pedras, e que uma vez por mês a cultuam com bolos.

Havia certa feita um jovem pobre, sem pais, mas que era bondoso.

Certa noite, ele estava sentado num local ermo, mas de grande beleza, e lá avistou mil pequenas fadas, reluzentemente brancas, dançando sob a luz da Lua Cheia.

“Como gostaria de ser como vós, ó fadas!” disse o jovem, “livre de preocupações, sem necessidade de alimento. Mas o que sois?”

“Somos raios de luar, as crianças de Diana,”
respondeu uma delas;

“Somos as filhas da Lua.
Nascemos da luz cintilante;
Quando a Lua lança um raio,
Este então assume a forma de uma fada.

E tu és um de nós, pois nasceste quando a Lua, nossa mãe Diana, estava plena; sim, nosso irmão, nosso parente, pertences a nosso bando.

E quando estiveres com fome ou em miséria... e não houver dinheiro em teu bolso, então pense na Lua, em Diana, de quem nasceste; e repita então estas palavras:

Lua, Lua, Bela Lua!
Mais bela que qualquer estrela;
Lua, ó Lua, se possível for,
Lance a mim teu favor!

E então, se tiveres dinheiro em teu bolso, este será multiplicado por dois.

Pois as crianças nascidas em noite de lua cheia são filhos e filhas da Lua,

‘Boa noite, belo bode!’
E ele responderá,
“Boa noite, belo senhor!”
Estou tão cansado
Que não posso prosseguir

E deves responder, como de costume,

‘Bela Diana, eu te invoco
Para que conceda a este bode alívio e paz!’

Então ingressaremos em grande salão onde verás muitas belas donzelas que tentarão te fascinar; mas deves responder, ‘Aquela que eu amo é aquela de Monterone.’

E agora, Gianni, ao cavalo, montar e partir! Então ele montou no gato, que partiu lesto como o pensamento, e encontrou-se com a égua, e em tendo lançado sobre ela o encantamento, esta se transformou em mulher e disse:

‘Em nome da Bela Diana!
Que a partir de agora tu te tornes
Um belo jovem,
De tonalidade vermelha e branca,
Como o sangue e o leite!

Após isto, ele encontrou o bode, e conjurou-o do modo adequado, ao que este repetiu:

‘Em nome da Bela Diana!
Que trajes vestes mais ricas que as de um príncipe!’

Então ele ingressou no salão, onde foi cortejado por belas damas, mas sua resposta a todas foi que seu amor estava em Monterone.

Então ele nada mais viu ou conheceu, mas ao despertar viu-se em Monterone, e transformara-se num belo jovem a todos desconhecido. Casou-se então com sua bela dama, e viveram todos a vida secreta dos bruxos e bruxas da época, e agora estão na Terra das Fadas.”

Notas

Como uma curiosa prova de que a fé em Diana e nas outras deidades da mitologia romana, associadas à adivinhação, ainda sobrevivem entre os italianos “do povo,” posso mencionar que após enviar esta obra para impressão, adquiri por dois *soldi* (ou um penny), um pequeno livro de contos no qual vê-se como, através de um processo de conjuração ou evocação e números, pode-se fazer que não apenas Diana, mas 39 outras deidades, respondam a certas perguntas. A obra foi provavelmente retirada de algum manuscrito antigo, pois tem-se que foi descoberto e traduzido por P.P. Francesco de Villanova Monteleone. Foi dividido em duas partes, uma intitulada Circe e a outra Medea.

Uma vez que tais obras precisam de ilustrações, Circe é apresentada como uma mulher idosa muito feia, usando vestes modernas como xale e touca com laços. Ela segura uma vela comum. É praticamente o estereótipo de uma vidente, e provavelmente as palavras Maga Circe sugerem nada além de uma pessoa que para ele tenha “criado” o livro. Medea, contudo, está bem correta, até mesmo artística, representando a maga enquanto invoca o banho mágico, e foi provavelmente retirada de alguma obra sobre mitologia. É sempre assim na Itália, onde as concepções mais grotescas e modernas sobre assuntos clássicos se mesclam a muito do que é belo e exato – do que, sem dúvida, esta obra oferece muitos exemplos.

APÊNDICES À EDIÇÃO BRASILEIRA:

Apêndice A: Elementos de Crença da Stregheria

Apresentamos abaixo os pontos-chave das crenças da Stregheria Moderna, conforme difundidos por Raven Grimassi em sua obra.

Nós cremos que a *Fonte de Todas as Coisas* (O Grande Espírito) é tanto masculino como feminino em sua Natureza.

Nós cremos que os humanos portam a *Centelha Divina* de seu Criador em seu interior (alma ou espírito). E que somos, na verdade, *Seres Espirituais* temporariamente contidos na matéria física.

Nós cremos na *Reencarnação* e a vemos como um processo visando a *Libertaçāo Espiritual* da dimensão física.

Nós acreditamos nas habilidades *psíquicas* e no *sobrenatural* como condições normais que foram suprimidas pela cultura judaico-cristã, mas que podem ser restauradas através da prática dos *Antigos Caminhos*.

Nós acreditamos na *Magia* como manifestação da energia que é direcionada pela mente através de diversas técnicas antigas.

Nós cremos em *Mundos Espirituais* e *Seres Espirituais*.

Nós cremos na *Lei da Ação e Reação*, e que o que fazemos afeta os outros, e o que os outros fazem nos afeta. Assim, nos esforçamos para viver em paz com os que vivem à nossa volta.

Nós cremos no *karma*, ou seja, nós cremos em responsabilidade e consequências.

Nós cremos no amor, na vida e na harmonia como sendo os alicerces espirituais de nossa crença.

Nós cremos na expressão de crenças religiosas através de rituais e festivais.

Nós cremos na Energia da Terra, ou seja, nós reconhecemos que existem locais de poder natural em nosso planeta. O mesmo se aplica a objetos naturais.

Nós cremos num *Pós-Vida* positivo e numa Evolução Espiritual bem sucedida.

Nós cremos que tudo na Natureza é de igual importância. Tudo está intrínseca e eternamente conectado e entrelaçado.

Apêndice B: Os Dons de Aradia

A seguir temos os Conhecidos Presentes, ou Dons de Aradia – aquilo que a Strega ou o Stregone obtém quando seguem essa tradição. Tais poderes devem ser vistos como presentes por seguir a Stregheria, e não como objetivos para nela ingressar. Os dons permitem à Strega:

Trazer sucesso no amor;
Abençoar e consagrar;
Comunicar-se com os espíritos;
Conhecer coisas ocultas;
Compreender a *Voz dos Ventos*;
Possuir o conhecimento da transformação;
Possuir o conhecimento da adivinhação;

Conhecer e compreender sinais secretos;
Curar doenças;
Manifestar a beleza;
Influenciar outros animais;
Conhecer os segredos das mãos.

Apêndice C: Deidades do Panteão Strega

A lista abaixo contém uma brevíssima descrição das deidades do panteão Strega. Esta lista, como qualquer outra lista de deidades, nos dá uma visão superficial de quem sejam esses deuses e deusas. Para realmente os co-nhecermos, porém, temos que tomar contato profundo com seus mitos e suas características mais intrínsecas. Sem esse contato, fica difícil operar efetivamente com essas deidades, pois para podermos invocá-los em rituais e encantamentos, precisamos ser íntimos deles.

Afinal, seria o mesmo que abrir a lista telefônica e selecionar um nome. Saberíamos o nome completo da pessoa, seu telefone e até seu endereço. Isso não é o bastante, porém, para fazer dessa pessoa um conhecido, menos ainda

um amigo íntimo. Pois é isso que os deuses devem ser para o pagão: amigos íntimos.

ANTEROS: Deus da paixão

ATREA: Deusa da justiça

CARMEN/CARMINA: Deusa dos sortilépios e encantamentos

COMUS: Deus do prazer, dos festejos e da bebida

CORVUS: Mensageiro dos Deuses

COPIA: Deusa da riqueza e da fartura

DIANA: Deusa Tríplice: Donzela, Mãe e Anciã, a Deusa de todas as Bruxas

DIANUS: Deus natural da fertilidade, o Deus Cornífero dos Bosques, e consorte de Diana

FANA: Deusa da Terra, da vida silvestre, das florestas e da fertilidade; um aspecto de Tana

FAUNUS: Deus natural da floresta, da vida silvestre e da fertilidade. Consorte de Fana e um aspecto de Tanus

FEBRUUS: Deus da purificação, da iniciação e dos mortos

FORTUNA: Deusa da sorte, do destino, das bênçãos e da fertilidade

JANA: Deusa da Lua, aspecto de Tana

JANUS: Deus do sol e de todos os inícios, portais, passagens e limites; associado a jornadas; consorte de Diana, aspecto de Tanus

LUPERCUS: Deus da agricultura. Um deus-lobo (daí o nome científico Canis Lupus)

NOX: Deusa da Noite

PERTUNDA: Deusa do amor sexual – semelhante à deusa grega Afrodite

TAGNI: Mais antigo nome do Deus da Bruxaria

TANA: Grande deusa estelar, a deusa máxima

TANUS: O deus das estrelas, consorte de Tana

TERMINUS: Deus dos limites e dos campos, protetor das propriedades pessoais

UMBRIA: deusa das sombras e das coisas ocultas

UNI: mais antigo nome da Deusa da Bruxaria

VESTA: Deusa do lar e do fogo

VIRIBUS: Deus dos marginalizados e foras-da-lei, guar-dião dos santuários

Apêndice D: Os Rituais Treguendas

Stregheria, assim como a Wicca, celebra o fluxo das estações do ano como forma de integração com os ritmos da natureza. Os rituais são muito semelhantes, embora recebam nomes diferentes. Enquanto que a Wicca chama seus Grandes Festivais de Sabbats, na Stregheria eles são conhecidos como Treguendas. O conjunto de festivais, tanto na Wicca como na Stregheria Moderna, é conhecido como Roda do Ano. Aqui vão as oito Treguendas:

Festa das Sombras – 31 de outubro⁽¹⁾
Solstício de Inverno – 21/22 de dezembro
Lupercus – 2 de fevereiro

⁽¹⁾ Calendário referente ao Hemisfério Norte (N. do T.)

Equinócio de Primavera – 21/22 de março

Dia de Tana – 1 de maio

Solstício de Inverno – 21/22 de junho

Cornucópia – início de agosto

Equinócio de Outono – 21/22 de setembro

Referências: Para Saber Mais

- Cunningham, Scott – *Guia Essencial da Bruxa Solitária* – Gaia Editora, 1998
- Cunningham, Scott – *A Verdade Sobre a Bruxaria Moderna* – Gaia Editora, 1998
- Frazier, James C. – *The Golden Bough* – Random House, 1890
- Grimassi, Raven – *Mistérios Wiccanos* – Gaia Editora, 2000
- Grimassi, Raven – *Ways of the Strega* – Llewellyn Publications, 1997

Internet: Site Oficial de Raven Grimassi em <http://stregheria.com/welcome.htm>